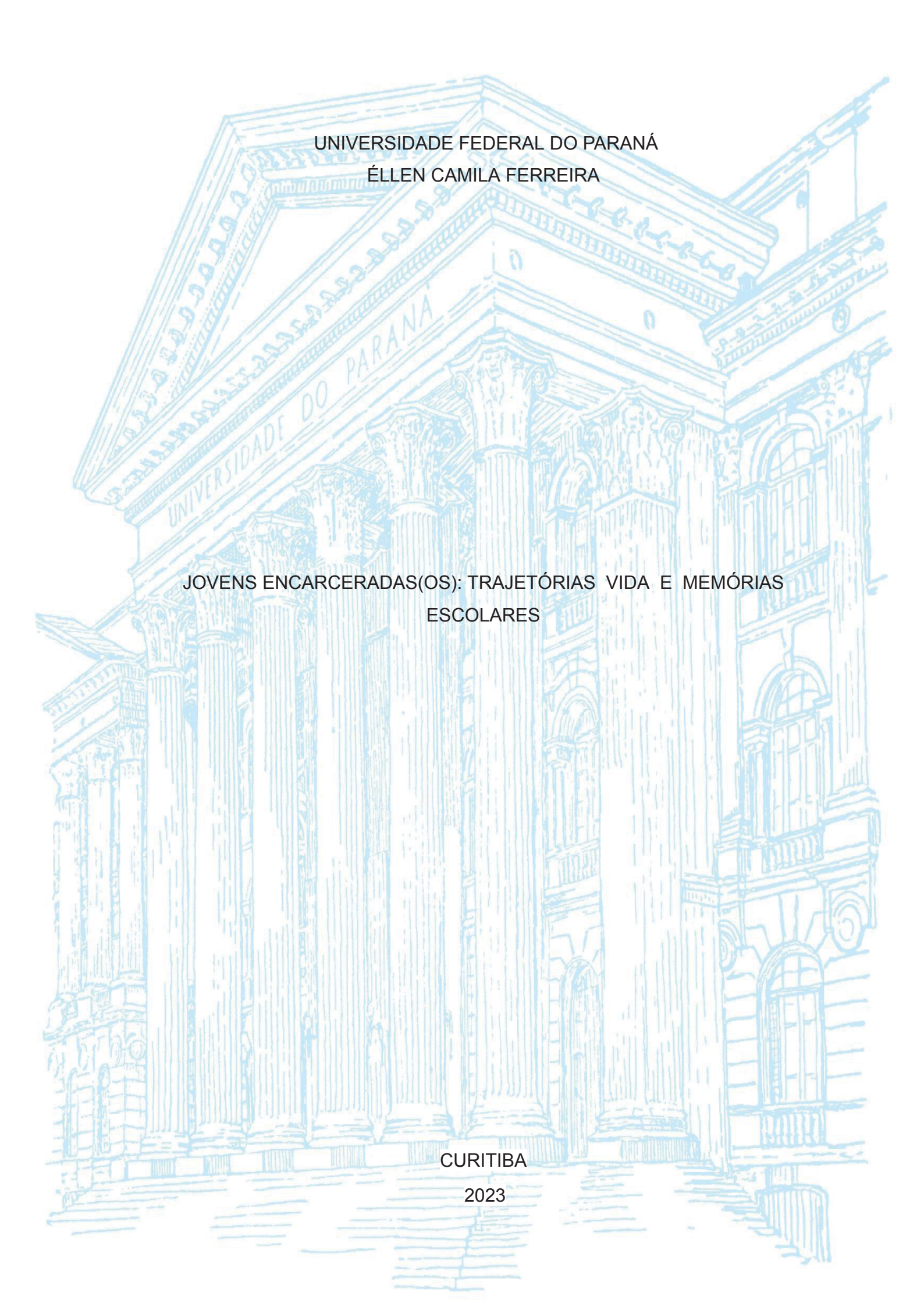




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ÉLLEN CAMILA FERREIRA

JOVENS ENCARCERADAS(OS): TRAJETÓRIAS VIDA E MEMÓRIAS
ESCOLARES

CURITIBA

2023

ÉLLEN CAMILA FERREIRA

JOVENS ENCARCERADAS(OS): TRAJETÓRIAS VIDA E MEMÓRIAS
ESCOLARES

Dissertação apresentada ao curso de Pós Graduação em Educação, na linha de Processos Psicológicos em Contextos Educacionais, do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em educação.

Orientadora: Prof. Dra. Gabriela Isabel Reyes Ormeño

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Ferreira, Éllen Camila.

Jovens encarceradas(os) : trajetórias vida e memórias escolares /
Éllen Camila Ferreira – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profª Drª Gabriela Isabel Reyes Ormeño

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Jovens – Conduta. 3. Adolescência
– Relações com a família. 4. Jovens socialmente excluídos. 5. Educação
escolar. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ELLEN CAMILA FERREIRA** intitulada: **JOVENS ENCARCERADAS(OS): TRAJETÓRIAS VIDA E MEMÓRIAS ESCOLARES**, sob orientação da Profa. Dra. GABRIELA ISABEL REYES ORMEÑO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 06 de Setembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

12/09/2023 15:34:59.0

GABRIELA ISABEL REYES ORMEÑO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

13/09/2023 15:52:33.0

ELENILTON VIEIRA GODOY

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

12/09/2023 16:09:48.0

FERNANDA BORDIGNON LUIZ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Esse trabalho é dedicado a todas as trajetórias de vida de homens e mulheres deste estudo, que agora fazem parte da minha memória.

AGRADECIMENTOS

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”. Paulo Freire (1996)

Agradeço, primeiramente, às trajetórias das mulheres que participaram deste estudo, especialmente às mulheres lésbicas. Elas, para além de serem mulheres, enfrentam o preconceito de amar outra mulher, sendo constantemente subjugadas e colocadas à sombra de comparações com homens, tudo isso em uma sociedade ainda permeada por elementos machistas e patriarcais.

Aos participantes homens desta pesquisa, agradeço imensamente a vida e a resistência de vocês, lamento profundamente a carga tóxica da masculinidade que vocês carregam e neste trabalho honro as saudades de vocês: pelas suas mães, irmãs, companheiras, especialmente pelos seus amigos e familiares mortos pela truculência da polícia militar.

Agradeço minha orientadora, pessoa essa que além de uma história de vida incrível, me inspira e me acolhe em todos os momentos. Gaby, de fato a vida não cabe no Lattes, ela mal cabe nas pessoas que conhecemos. Obrigada pela compreensão, carinho e confiança, tudo isso fez esse trabalho não ser meu, nem seu, mas de uma grande aldeia que cria uma professora e especialmente um indivíduo.

Agradeço a minha companheira há quase cinco anos, que juntou os cacos e colou um a um, na verdade ainda segue colando. Bianca, se eu pudesse, seu nome estava como co autora desse trabalho, você secou todas as minhas lágrimas, me incentivou, gritou comigo quando eu não conseguia levantar da cama, odiou quem eu odiei, amou quem eu amei, acolheu todas as minhas dores. Não sei se nosso relacionamento é pra sempre, mas meu amor por você vai ser sim, obrigada por ser minha melhor amiga.

Agradeço a minha psicóloga, por me acolher dentro daquilo que eu sou. Obrigada por me guiar, respeitando as minhas limitações. Para além disso, obrigada por me ajudar a compreender que a academia também é um problema, e parar e que repensar nosso caminho faz parte do processo. Ainda bem que tem gente que acolhe e melhor, que acredita que a dor é um processo de cura. Ser saudável mentalmente na pós-graduação e após ela, é mais que uma necessidade, é um

direito que todas e todos deveriam ter.

Agradeço a minha mãe, por tudo que fez e ainda faz por mim, por me apoiar e comemorar minhas vitórias. Obrigada por ter feito as melhores escolhas que podia por mim e ter abdicado do seu bem estar muitas vezes para que eu pudesse ter boas oportunidades.

Agradeço a minha família, meu irmão, meu padrasto, meus tios e tias por compartilharem essa jornada comigo, entenderem as minhas ausências e vibrarem com cada fase da minha vida.

As minhas amigas e amigos, agradeço pela sorte de compartilharmos essa vida , obrigada por estarem sempre dispostas(os) a escutar minhas lamentações, secar minhas lágrimas e rirem comigo. Sem dúvida a vida é mais fácil com vocês, já diria Emicida: *“quem tem um amigo tem tudio. Se o poço devorar, ele busca no fundo...”*.

Agradeço ao Coletivo Cássia, onde fiz meu abrigo e apoio pra ser não só uma pesquisadora mais sensível e atenta, mas também uma pessoa mais empática e corajosa.

Agradeço imensamente a Universidade Federal do Paraná, que faz parte da minha vida há 8 anos, em especial ao Programa de Pós-Graduação da UFPR, onde realizei e ainda realizo meus maiores sonhos. Agradeço as políticas públicas que fizeram parte desta trajetória, me permitindo não somente ingressar no programa, mas permanecer.

Agradeço ao meu tio (*in memoriam*), esse trabalho é sobre a sua história também sobre uma saudade. O reflexo mais claro de trajetória e memória que marcaram toda minha vida.

Em tempo, agradeço a Deus e a todos meus Orixás, por me manterem em pé e darem luz a um caminho que nem sempre foi fácil. Agradeço imensamente a cada pessoa que conheci nesse processo e que de alguma forma me ajudaram e me inspiraram .

A gente precisa lutar, porque a única coisa que a gente tem é uns aos outros.

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós. (Emicida)

RESUMO

Esta dissertação explora as trajetórias de vida e as experiências escolares de jovens em privação de liberdade, com o objetivo de estabelecer conexões entre o aumento crescente de jovens em situação de encarceramento e as influências provenientes de seus contextos familiares e escolares. O estudo busca compreender os possíveis fatores de risco e de proteção presentes nessas circunstâncias. Para um melhor entendimento dessas vivências, esta pesquisa também aborda a compreensão da adolescência, tomando como referência a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), que estende esse período até os 24 anos de idade. Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender as percepções, ações e contextos que afetam as relações dos sujeitos com seus ambientes, neste caso, família e escola. Nove jovens, 5 mulheres e 4 homens, com idades entre 18 e 24 anos, privados de liberdade, participaram do estudo, realizado no Complexo Penal de Piraquara, em duas unidades (feminina e masculina). O estudo envolveu cinco encontros para desenvolvimento do grupo focal e a aplicação de três instrumentos: Inventário de Estilos Parentais (IEP) (Gomide, 2006), Questionário Histórico Infracional Familiar (adaptado de Gomide, 2015) e Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF) (Marturano, 2006). Além disso, uma entrevista semiestruturada foi conduzida para uma compreensão mais aprofundada. Os resultados desta pesquisa indicam que os fatores de vulnerabilidade observados nos participantes desempenham um papel significativo no envolvimento com a criminalidade. O ambiente familiar, marcado por violência, abusos e dificuldades financeiras, demonstrou ser adverso. Da mesma forma, a escola revelou-se como um espaço onde a violência entre os colegas era prevalente, acompanhada de normas rigorosas e uma comunicação defasada entre professores e alunos. Além dessas considerações, é relevante abordar o envolvimento dos participantes com álcool e drogas, o que se apresenta como um fator contribuinte para a continuidade de suas atividades criminosas, afetando não apenas sua saúde física, mas também a mental. Conclui-se, portanto, que as influências dos contextos familiares e escolares nas trajetórias de vida dos jovens em privação de liberdade tiveram um impacto significativo em seu engajamento no crime. Dessa forma, ressalta-se a importância de abordagens preventivas e de suporte social para reduzir os fatores de risco e facilitar a reintegração desses jovens na sociedade.

Palavras-chave: jovens encarcerados; escola e juventude; ciclo intergeracional infracional.

ABSTRACT

This dissertation explores the life trajectories and school experiences of youth in situations of confinement, aiming to establish connections between the growing number of young individuals in incarceration and the influences arising from their familial and educational contexts. The study seeks to comprehend the potential risk and protective factors within these circumstances. For a more comprehensive understanding of these experiences, this research also delves into the comprehension of adolescence, drawing on the definition provided by the World Health Organization (WHO), which extends this phase up to 24 years of age. This research adopts a qualitative approach, as it aims to grasp the perceptions, actions, and contexts affecting subjects' relationships with their environments, in this case, family and school. Nine incarcerated youth, comprising 5 females and 4 males, aged between 18 and 24 years, participated in the study, conducted at the Piraquara Penitentiary Complex, in both its female and male units. The study involved five group focal meetings and the administration of three instruments: Parenting Styles Inventory (IEP) (Gomide, 2006), Family Criminal History Questionnaire (adapted from Gomide, 2015), and Resources of Family Environment Inventory (RAF) (Marturano, 2006). Additionally, a semi-structured interview was conducted for deeper comprehension. The findings of this research indicate that the observed vulnerability factors among the participants play a significant role in their involvement in criminal activities. The family environment, characterized by violence, abuse, and financial difficulties, demonstrated adversity. Similarly, the school emerged as a space where peer violence was prevalent, accompanied by strict norms and ineffective communication between teachers and students. Beyond these considerations, it is relevant to address participants' engagement with alcohol and drugs, which presents itself as a contributing factor to the continuation of their criminal behaviors, impacting not only their physical health but also their mental well-being. In conclusion, the influences of family and school contexts had a significant impact on the life trajectories of incarcerated youth, shaping their engagement in criminal activities. Thus, emphasizing the significance of preventive approaches and social support to mitigate risk factors and facilitate the reintegration of these young individuals into society.

Keywords: incarcerated youth; school and youth; intergenerational cycle of crime.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	70
FIGURA 2 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	73
FIGURA 3 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	76
FIGURA 4 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	78
FIGURA 5 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	80
FIGURA 6 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	82
FIGURA 7 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	85
FIGURA 8 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	87
FIGURA 9 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS	89

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	110
QUADRO 2 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	111
QUADRO 3 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	111
QUADRO 4 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	112
QUADRO 6 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	113
QUADRO 7 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	113
QUADRO 8 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	114
QUADRO 9 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	114
QUADRO 10 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	114
QUADRO 11 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	115
QUADRO 12 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	116
QUADRO 13 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	116

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - CARACTERIZAÇÃO DAS(OS) PARTICIPANTES	45
TABELA 2 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM CADA ENCONTRO	63
TABELA 3 - USO DE ÁLCOOL E DROGAS	91
TABELA 4 - INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS (MULHERES)	119
TABELA 5 - INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS (HOMENS)	119
TABELA 6 - FREQUÊNCIA DAS INFRAÇÕES E PRISÕES NA FAMÍLIA (PAI, MÃE E IRMÃOS, AVÓS, PRIMOS E TIOS)	121
TABELA 7 - FREQUÊNCIA DAS INFRAÇÕES E PRISÕES PARTICIPANTES	122
TABELA 8 - RESULTADOS DE PREVALÊNCIA (MULHERES)	123
TABELA 9 - RESULTADOS DE PREVALÊNCIA (HOMENS)	123

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

DEASE - Departamento de Atendimento Socioeducativo SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo MSE - Medidas Socioeducativas

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente OMS - Organização Mundial da Saúde LA - Liberdade Assistida

DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional

INFOPEN - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias PNUD -

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento MMFDH - Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos IPEA - Pesquisa Econômica Aplicada

CENSOSUAS - Sistema Único de Assistência Social CGRIS/SNPG -

Coordenação-Geral de Recursos e Informações Socioassistenciais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística COMPAJ - Complexo

Penitenciário Anísio Jobim IISC - Instituto das Irmãs de Santa Cruz

CIMI - Conselho Indigenista Missionário CNJ - Conselho Nacional de Justiça

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Pnad Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua IEP - Inventário de Estilos Parentais

QHIF - Questionário Histórico Infracional Familiar TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido SPSS - Statistical Package for Social Science

SUS - Sistema Único de Saúde Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

FBSP - Anuário Brasileiro de Segurança Pública

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	22
2.1 ADOLESCÊNCIA SOBRE VÁRIOS ASPECTOS.....	25
2.2 ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E ESCOLA	26
2.3 ADOLESCENTES INFRATORES E ESCOLA.....	29
2.4 INVISIBILIDADE DAS MENINAS NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO	31
2.5 AS MULHERES NO SISTEMA PENAL BRASILEIRO	32
2.6 POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E O CÁRCERE	35
2.7 CÁRCERE, RAÇA E ETNIA	38
3 JUSTIFICATIVA	40
4 OBJETIVOS	42
4.1 OBJETIVO GERAL.....	42
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	43
5 MÉTODO.....	43
5.1 PARTICIPANTES.....	44
5.2 LOCAL.....	47
5.3 INSTRUMENTOS.....	47

6.7 EXPERIÊNCIAS DE MULHERES LÉSBICAS NO SISTEMA CARCERÁRIO.....	105
6.8 VIVÊNCIAS ESCOLARES: A EXCLUSÃO	109
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS INSTRUMENTOS.....	118
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXO 1	147
ANEXO 2	151
ANEXO 3	153
ANEXO 4	155
ANEXO 5	160
ANEXO 6	165
ANEXO 7	167
ANEXO 8	171
ANEXO 9	175

1 APRESENTAÇÃO

Os corolários da pandemia da COVID-19, ainda mostram-se presentes três anos após o seu surgimento. A propagação do vírus que nos submeteu a uma nova rotina se revelou mais preocupante nas camadas vulneráveis da nossa sociedade, intensificando a violência, a fome, o desemprego, os altos índices de mortalidade, negligência com a saúde, acesso e permanência na escola. Tais situações já permeavam a realidade de muitas famílias brasileiras, entretanto, com a pandemia essa realidade foi agravada, exigindo um olhar multidisciplinar mais efetivo ao pensarmos em políticas públicas voltadas a uma sociedade fragilizada.

Ao tencionarmos o diálogo entre políticas públicas, mazelas sociais, justiça e escola, perpassa-se por aspectos ímpares e ao mesmo tempo congêneres, exprimindo os ciclos sociais que permeiam nossa sociedade. Ao longo desta pesquisa, em diversos momentos, sua intencionalidade e até mesmo a perseverança em colocá-la em prática foi colocada a prova, pois afinal, pesquisas acadêmicas fundam-se em dinâmicas éticas, morais e até mesmo burocráticas. Entretanto, a necessidade maior em exprimir sobre o encarceramento da juventude e sua relação com a escola, se faz mais resiliente que nossos desafios.

Seguindo as determinações sanitárias para o controle da COVID-19, essa pesquisa inicia-se de forma remota, abrangendo grande parte das aulas teóricas e metodológicas, modificando-se ao longo do percurso e transpondo-se entre os campos da psicologia, direito, educação e direitos humanos, aprofundando-se na extensão que os processos educacionais e seus vínculos dispõe sobre as perspectivas de vida de cada indivíduo, de seu núcleo familiar e social.

Inicialmente, o objetivo da pesquisa consistia em apontar os estilos parentais utilizados pelos pais e/ou cuidadores, identificar o histórico infracional de seus familiares e constatar se há influência destes fatores nas trajetórias escolares de meninas em conflito com a lei. Entretanto, em solicitação enviada ao Departamento de Atendimento Socioeducativo (DEASE), após a análise realizada pela Divisão Psicossocial e Divisão de Formação Educacional e Profissional, o projeto foi indeferido, por considerar os instrumentos utilizados como possíveis fatores de estigmatização do grupo intencionado. Desta forma, a pesquisadora seguiu para outras direções, perscrutando um novo perfil de participantes, ainda versando sobre os pilares da pesquisa inicial: juventude, intergeracionalidade, vulnerabilidades

sociais, gênero e educação.

Desta forma, esta nova proposta de estudo faz parte de um projeto maior cujo objetivo é a “Caracterização de vulnerabilidade, risco e proteção na relação entre pais em situação de cárcere, cuidadores e filhos de encarcerados”, o foco do estudo voltou-se para jovens, homens e mulheres entre 18 e 24 anos, que encontram-se em situação de cárcere, que tenham o histórico de reincidência e que possam ter algum familiar em situação de cárcere em qualquer momento de suas trajetórias.

O objetivo desta pesquisa se constituiu em caracterizar os estilos parentais e infracionais e a relação com a escola de jovens encarcerados(as), considerando que o ambiente familiar é o primeiro contato social que os indivíduos constroem, sendo significativo para a construção da moral, de relações de afeto e desenvolvimento psicossocial. Além disso, pretende-se compreender a influência dessa relação familiar em um segundo espaço, a escola, compreendendo a dimensão educativa de forma integral, ponderando sobre possíveis fatores estigmatizantes que podem envolver filhos e filhas de presos(as), de forma a dificultar e até impossibilitar o desenvolvimento efetivo da função social da escola, é relevante ponderarmos que nesse estudo considera-se o ambiente escolar dentro da perspectiva da gestão democrática, envolvendo: direção, coordenação pedagógica, professores, funcionários no geral, alunos(as), família e comunidade.

Para o desenvolvimento e melhor compreensão desta pesquisa, torna-se pertinente descrevermos as diversas temáticas que englobam este tema, como o Estatuto da criança e do adolescente, o sistema socioeducativo, sistema penal, vulnerabilidades sociais, raça, gênero, escola, formação continuada e políticas públicas.

A temática aqui tratada de maneira pessoal sensibiliza a pesquisadora, ao rememorar situações familiares similares, para uma melhor inteligência anexa-se a carta de pessoal¹ da pesquisadora que foi apresentada nos primeiros encontros com (as) os participantes.

“ Curitiba, 12 de janeiro de 2023

Uma vez vi um documentário sobre povos originários, onde um indígena

¹ c

falava que o dia de hoje já havia sido pensado e preparado a muito tempo, pelas pessoas que vieram antes dele. Bom, eu achei bonito mas não entendi. Ontem 11 de janeiro de 2023, assistindo a posse das novas ministras do ministério dos povos indígenas (Sonia Guajajara) e do ministério da igualdade racial (Aniele Franco), eu comecei a entender o que essa frase queria dizer de fato. Por isso, antes de falar quem eu sou, eu vou falar sobre quem eu já fui! E sobre quem me fez ser o que eu sou hoje.

Assim como boa história familiar que se preze, tudo começou quando meu bisavô casou a minha avó com meu avô aos 14 anos. Minha avó era de Rondônia, sempre foi muito doente, mas muito trabalhadora, uma excelente cozinheira, mãe de 6 filhos, perdendo uma bebê para a fome. Gostaria que ela tivesse vivido mais e tivesse tido mais oportunidades de viver e não só trabalhar.

Meu avô é um senhor forte, muito trabalhador, gentil, que abomina qualquer tipo de violência, ele mesmo fala que não foi um bom marido e nem sempre um bom pai, mas tentou fazer o que deu. Mesmo separados a mais de 12 anos, meu avô sempre morou e cuidou da minha avó, até a morte. Acho que foi aqui que construí um conceito de cuidado com o outro de duas pessoas que sempre se doaram muito.

Bom, desses dois vieram 5 filhos, 3 homens e 2 mulheres. Uma delas é a minha mãe, ela tem 1.55m, mas fala tão alto que parece que mede 2m. Minha mãe engravidou aos 19 anos e como muitas teve que ser mãe solo, trabalhou muito, muito mesmo para que eu tivesse qualidade de vida, para que eu pudesse estudar em boas escolas. Minha mãe me ensinou sobre paciência e resistência, mas lógico que ensinou muito sobre várias coisas que eu não quero ser, mas para mim o que importa mesmo é que ela conseguiu, hoje ela que estudou até a antiga quarta série tem uma filha formada pela Universidade Federal do Paraná.

Assim como muita gente que só tem a mãe, eu fui criada por várias pessoas, meus tios sempre foram presentes, me incentivaram, iam na escola quando podiam, porque minha mãe sempre estava trabalhando, eles sempre foram uma grande rede de apoio e ainda são.

Mas eu tive um tio que me marcou mais, nós tínhamos 13 anos de diferença e ele é mais que um tio, um irmão. Ele brincava muito, me atormentava muito, me ajudava com a lição, fazia doce de leite em pó, falava de jogo, de rap, amava os mamonas e andar de bike.

Esse meu tio foi uma pessoa muito especial pra mim, para os outros ele era

bom? Talvez não, mas pra mim ele foi. Em vários momentos da minha infância ele foi preso, internado em clínicas de reabilitação, já chegou em casa acidentado, trazendo amigos esfaqueados e até foi baleado. Mas mesmo assim ele era uma boa pessoa pra mim. Com 23 anos, no dia das mães, meu tio foi assassinado, na época eu tinha 10 anos e isso me marcou profundamente em tudo.

Mas bom, porque falar disso tudo? Porque essas pessoas e muitas outras me construíram como eu sou hoje. Meus avós, meus tios e tia, minha mãe, meu padrasto, meu irmão, meus professores, a tia da condução, meus vizinhos, meus amigos e amigas. Todas essas pessoas presentes e não presentes construíram a Ellen que sou hoje.

Mulher, preta, 29 anos, lésbica, pedagoga, que odeia injustiça, que ama cachorro quente, que fala pra caramba, chora muito e quer muito mais coisa da vida. Esse é 1% do que eu sou e talvez menos ainda do que eu vou ser, mas tentando seguir, aprendendo fora de livros e sonhando com um futuro talvez irreal, mas possível.”

De maneira profissional como pedagoga, a temática à motiva a compreender as dimensões educativas que a pedagogia exerce dentro do ambiente escolar propondo uma reflexão prática do que é de fato educação, e como cidadã brasileira a temática gera revolta, ao dimensionar a gravidade e a isenção governamental em prol de uma juventude majoritariamente pobre, preta e sem perspectiva educativa. Por conseguinte, após tais apontamentos acerca da magnitude do tema, e da pouca exploração acadêmica que se aproxime da educação e justiça, entende-se que para além de necessário é impreterível a contribuição de trabalhos que versem sobre a temática.

2 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de (1988), trouxe fundamentais alterações para o nosso sistema jurídico, esclarecendo um novo dogma na proteção dos interesses das crianças e adolescentes. Entretanto, para além de questões jurídicas, faz-se necessário perscrutar por meio de estudos que de fato retratem a adolescência, considerando que esta etapa carrega consigo um estigma que a considera crítica e conflituosa.

Sobre o sistema socioeducativo, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública

(2020) apresenta os dados oficiais a respeito do sistema socioeducativo no Brasil, tendo como base o Levantamento anual divulgado pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) do ano de 2017. Este levantamento traz informações sobre a quantidade de adolescentes cumprindo medida de internação e semiliberdade, que indica uma queda em números absolutos entre os anos de 2016 e 2017, passando de 26.450 internações em 2016, para 26.109 no ano seguinte. A leve diminuição na quantidade total também se faz representar na taxa de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas (MSE) em meio fechado por 100 mil habitantes entre 12 e 21 anos. Em 2016, tinha-se uma taxa de 78,0, passando para 77,3 em 2017, o que significa uma variação de menos de 0,8% no período de um ano.

Os dados aqui apresentados pelo ABSP (2020) não apontam um recorte de gênero envolvendo adolescentes em medidas socioeducativas, entretanto, ao apresentar dados referentes a exposição a violência de crianças e adolescentes, as principais vítimas de violência doméstica e estupro são meninas, já meninos são os principais alvos em crimes violentos com óbito, no que se refere a homicídios cometidos em decorrência de intervenção policial meninos e meninas são cometidos da mesma forma.

Agliardi (2007), Sanabria e Rodrigues (2010), Zappe e Ramos (2010), Gomes e Conceição (2014) e Silva (2014), discorrem sobre a distinção de possíveis fatores de risco que tendem a influenciar o ingresso de meninas e meninos no mundo criminal entre eles estão: falta de perspectivas de futuro, insegurança, violência doméstica, desigualdade sociais, prevalência de transtornos mentais, histórico de crime na família, figura materna em situação de cárcere, entre outros.

As relações de gênero construídas socialmente, interferem diretamente na forma que meninos e meninas são vistos em nossa sociedade, seja no ambiente familiar ou público, incluindo o ambiente criminal, como pontuam Almeida (2007), Dell'aglio, Santos e Borges (2004), Fachinetto (2008), Monteiro et al. (2011) e Silva (2014), ponderando sobre fatores que tendem a influenciar o ingresso de meninas no mundo do crime, os autores relacionam: relacionamentos amorosos com pessoas vinculadas à criminalidade, admiração do comportamento masculino, necessidades de consumo, ostentação, vitimização por violência, rupturas de vínculos afetivos, uso de drogas, laços familiares fragilizados, sensação de pertencimento ao grupo de pares, pobreza e reconhecimento social. Nesse sentido,

salienta-se a necessidade de um olhar atento ao perfil distinto desses jovens, ponderando sobre suas trajetórias precedentes ao ato infracional, posto que são oriundos de distintas classes sociais, gênero, níveis de escolaridade, modalidades de atos infracionais e afins.

Mensurando tais indagações sobre vulnerabilidades sociais, distinção de gênero, direito e deveres do Estado perante a juventude, indaga-se onde estão as políticas afirmativas voltadas a este grupo. O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), apresenta a escola, juntamente com as áreas da saúde e da assistência social, como uma das instituições que compõem a chamada rede de proteção à infância e adolescência, considerando que o ambiente escolar é onde muitas vezes ocorre o primeiro contato das crianças com indivíduos que não pertencem ao seu ambiente familiar, espaço este que se pressupõe como saudável e seguro, com profissionais capacitados e compreensivos às demandas pedagógicas, emocionais e estruturais que este grupo apresenta.

Entretanto, diversos estudos indicam que a experiência escolar de adolescentes que cometem atos infracionais é negativa, pois estes sentem-se estressados, apresentam problemas relacionais com professores e colegas, desempenho escolar baixo e são recorrentemente sancionados por autoridades escolares (Franco e Bazon, 2019). Neste sentido, Caldwell, Sturges e Silver (2007), Janosz e Leblanc (1999) Laranjeira (2007), Liljeberg *et al.* (2011), Zhang *et al.* (2010), defendem que uma experiência escolar negativa se apresenta como um preditor do engajamento infracional na adolescência, em contrapartida um vínculo forte com a escola seria um dos fatores protetivos mais efetivos para evitar tal situação.

Em comparação com o estudo de Bazon *et al.* (2013) e Bazon *et al.* (2019), as experiências vivenciadas na escola pelos adolescentes em conflito com a lei é marcada pela descontinuidade, seja pela evasão ou pela sequência de reprovações. Todavia, ao serem questionados sobre suas percepções sobre a escola, os adolescentes relatam que foi uma experiência positiva inicialmente (anos iniciais), porém com o aumento das exigências escolares e do desempenho acadêmico, a experiência foi se tornando negativa.

Nota-se então que, a percepção e o perfil docente vai se modificando ao longo das etapas educativas, assim bem como o perfil e as necessidades dos

estudantes, tornando a relação entre escola, estudantes e professores mais complexa, onde as expectativas docentes e escolares, não conseguem atingir adolescentes que se desvinculam do padrão socialmente aceitável. Neste sentido é fundamental que o espaço escolar cumpra sua função social para com o indivíduo, compreendendo suas demandas e guiando-o para sua construção integral.

2.1 ADOLESCÊNCIA SOBRE VÁRIOS ASPECTOS

A adolescência trata-se de uma fase de diversas possibilidades de inserção social, escolhas profissionais e educativas, formação familiar, de parcerias e de invenções nas formas de viver, cientificamente compreendida e caracterizada como uma etapa repleta de conflitos, conturbações ligadas à sexualidade, tendo tendência a indisciplina, agressividade e oposição, buscando constantemente a afirmação de uma identidade, vinculada a gênese que não é social, mas atrelada a características psicológicas naturais que representam um estágio de desenvolvimento a ser atingindo até encaminhar-se para vida adulta.

Ao se reportar a esta fase Dias (2001), considerava que apesar das ponderações sobre a adolescência é comum que sejam depositados nesse período e nesses indivíduos, suas maiores e mais secretas frustrações, externando que para além das características psíquicas e sociais desta fase, persiste a necessidade de um enquadramento destes sujeitos em um padrão de comportamentos aceitáveis sendo esta a melhor solução para o universo adulto e social.

Estudos como os de Ozella (2003), Bock (2004), Fefferman (2004), Checchia (2006), compreendem a adolescência como uma condição de transitoriedade, na qual a passagem para a vida adulta se torna o sentido para o presente, tratando-se de uma fase de liberdade, prazer, experimentações e irresponsabilidade, um momento de crise, conflitos, distanciamento da família em vista da autoestima e formação da personalidade.

Diante destes expostos, os autores ponderam que essa concepção negativa e conflituosa a respeito da adolescência cria um estigma, que por sua vez influencia na inexistência ou na precariedade da execução de políticas públicas para a juventude, provocando consequências sociais, econômicas e políticas graves, visto que cada época e em cada cultura, a adolescência será compreendida de uma

maneira, pois esta concepção está atrelada a valores e normativas sociais (Calado, 2010).

Um reflexo que este estigma vem ocasionando pode estar relacionado não somente ao aumento significativo de adolescentes que cometem atos infracionais devido a situações de vulnerabilidades sociais, mas também a escassez do aprofundamento acadêmico e político social acerca deste público. Subscrevendo os argumentos de Calado (2010), torna-se então primordial romper esta visão hostil sobre a juventude, a fim de compreendê-la a partir de uma perspectiva onde se valorize a diversidade integralizada ao seu processo de crescimento, baseado em suas vivências e seu contexto social, evitando a criação de contextos sociais desumanizadoras, que levem estes jovens a construir suas potencialidades apenas amparados nos recursos que dispõem, o que tende por não viabilizar uma construção destes enquanto sujeitos de direitos, ou seja, permitindo que gênero, raça, classe social interfiram nesse processo.

Tendo em conta a perspectiva social atrelada ao nosso século, que estabelece com a juventude uma expectativa de sucesso independente de suas trajetórias, nós os adultos, relacionamos a construção deste futuro diretamente com sucesso escolar negligenciando por vezes a percepção destes adolescentes sobre escola e futuro, desconsiderando as particularidades que permeiam esses ambientes.

Cabe mencionar que este conceito vem modificando, neste sentido a Organização Mundial da Saúde (OMS), considera que a adolescência circunscreve a segunda década de vida dos 10 a 19 anos, e a juventude se estende dos 15 aos 24 anos, ponderando que há um descompasso entre a fixação etária do ECA e da OMS, pois a adoção do critério cronológico objetiva utilizada pelo Estatuto da criança e do Adolescente, acaba por ignorar características individuais. Desta forma, nesta pesquisa será considerado o indivíduo através de seus critérios biológicos, psicológicos e sociais, aproximando-se do conceito de adolescência e juventude utilizado pela OMS.

2.2 ADOLESCÊNCIA , JUVENTUDE E ESCOLA

Para entender a relação que a juventude estabelece com a escola, é

necessário compreender a educação como um direito adquirido antes de uma obrigatoriedade. A construção histórica do sistema educacional brasileiro percorreu um longo caminho, deixando de ser pautada em interesses aristocratas, burgueses e religiosos para se encaminhar a um ensino leigo baseado na liberdade, direitos civis e políticos como apresenta a Constituição de 1824.

O art. 205 da Constituição Federal (1988) estabelece a educação como direito de todos e um dever não somente do Estado mas também da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento de cada indivíduo, preparando-o para o exercício da cidadania e o qualificando para o mercado de trabalho. Desta forma, nota-se a abrangência do espaço educacional e da sua intencionalidade na construção dos sujeitos, seja em espaços educacionais formais (instituições de ensino básico e superior) ou informais (bibliotecas, museus, ongs, espaços corporativos e etc) espaços estes que buscam desenvolver efetivamente a função social da escola, que concerne em possibilitar a todos os indivíduos recursos para a sua sobrevivência em um mundo complexo e dinâmico, oportunizando a comunicação com o mundo externo, garantindo a transferência e a construção do conhecimento cultural e social, compreendendo assim, os papéis que emanam de cada relação e contexto social e sua importância na construção de novos valores e hábitos que permeia nossa sociedade (Costa e Guedes, 2009).

Contudo, para além da garantia da educação como um direito e da sua relevância na construção de uma sociedade mais justa, as dificuldades presentes no processo educacional tendem a influenciar a relação que a juventude estabelece com este espaço, estas possíveis dificuldades podem estar relacionadas a questões estruturais, falta de capacitação docente, apoio psicológico educacional dentro das escolas, conteúdos preestabelecidos que visam a educação mercantil e não uma educação libertadora, o que tende a comprometer o interesse não só por esse espaço mas igualmente dificultam o aprendizado, podendo ocasionar o fracasso escolar e consecutivamente a evasão.

Elucidando sobre a realidade brasileira, no ano de 2020 havia em todo território nacional 8,6 mil escolas que não dispunham de qualquer forma de acesso à coleta de esgoto e 3,8 mil escolas não tinham acesso à energia elétrica, como apresenta a pesquisa realizada pelo Cenário da Infância e Adolescência (2021). Já

o Censo Escolar 2020, divulgado no ano de 2021 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), aponta que no Brasil existem 2,2 milhões de docentes em exercício na educação básica, destes 89,5% têm formação superior, entretanto o estudo não se aprofunda em modalidades de formação ou em formação continuada disponibilizada a estes profissionais. O Censo ainda discorre sobre o aumento significativo de alunos e alunas matriculados na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, entretanto não apresenta dados sobre a evasão escolar nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, ao mesmo tempo em 2019, o Censo Escolar revela que de 27,7 milhões de matrículas efetivadas em redes públicas municipais e estaduais de Educação Básica, 620 mil estudantes abandonaram de vez os estudos, principalmente os alunos do Ensino Médio e dos anos finais do Ensino Fundamental. Estes dados revelam que para além da democratização de acesso há fatores que interferem negativamente na qualidade de ensino, na promoção de um desenvolvimento positivo e na aprendizagem significativa para a vida e para o trabalho como define o Ministério da Educação e Cultura (2005). O estudo relata que os alunos nesta situação possuem baixa expectativa em comparação aos demais. Essa parcela corresponde a quase 55% dos alunos entrevistados. A realidade social desses estudantes se manifesta em diversos aspectos, assim, as experiências escolares positivas seriam promotoras de fatores de proteção resultantes do ambiente educacional, do sentimento de pertencimento, tornando-se propício à aprendizagem, em que a perspectiva de um futuro melhor estaria vinculada a uma maior expectativa de estudo, tendo uma influência direta por exemplo, em alunos e alunas em situação de vulnerabilidade social.

Em um estudo realizado por Costa e Guedes (2009) na rede pública do Rio de Janeiro, com estudantes matriculados no ensino fundamental II tendo como o objetivo compreender a percepção destes sujeitos sobre suas ambições e perspectivas de futuro, os autores nos apresentam um termo que denominam de *efeito-escola*, onde a criação de novos valores e hábitos, estaria relacionada com o aumento das expectativas de estudo, com a escolha da profissão e com as percepções mais positivas sobre seu futuro. Desta forma, as experiências escolares positivas seriam então promotoras de fatores de proteção resultantes do ambiente educacional, do sentimento de pertencimento, tornando-se propício à aprendizagem, em que a perspectiva de um futuro melhor estaria vinculada a uma

maior expectativa de estudo, tendo uma influência direta por exemplo, em alunos e alunas em situação de vulnerabilidade social.

Todavia, ponderando de um ponto de vista individual, o nível educacional e o desempenho na escola dependem de diversas variáveis tais como: condições socioeconômicas do estudante, compatibilidade do estudo com a inserção no mercado de trabalho, condições econômicas e sociais da região onde se vive, características pessoais, como apresentam Leon e Menezes-Filho (2002). Desta forma, a relação entre estudantes e escola fundamentam-se em fatores que podem se relacionar tanto como protetivos como de risco.

Quando discorremos sobre fatores de risco facilmente podemos relacioná-los com a influência na manutenção do ciclo intergeracional de pobreza, criminalidade e violência pois esta tende a dificultar os processos de aprendizagem (Black, Grenard, Sussmane, e Rohrbach, 2010; Mazer e cols., 2009; Medeiros, Loureiro, Linhares e Marturano, 2000; Njaine e Minayo, 2003; Sapienza e Pedromônico, 2005) assim bem como a permanência do jovem na escola (Mazer e cols., 2009). Bazon, Silva e Ferrari (2013) discorrem sobre o estigma escolar carregado por adolescentes que cometem atos infracionais, onde esta trajetória é sempre marcada por fracassos. Para as autoras, alguns destes adolescentes apresentam experiências positivas relacionadas ao espaço escolar, especialmente aqueles que conseguem manter vínculos afetivos com professores. Entretanto, com o passar do tempo acontece a deterioração dos relacionamentos no contexto escolar, os sentimentos construídos em relação à instituição passam a ser negativos, pois entrelaça-se a um perfil expectável destes sujeitos.

2.3 ADOLESCENTES INFRATORES E ESCOLA

É relevante ponderarmos que o estigma imposto aos adolescentes infratores não está associado somente à suposta periculosidade deles, mas estende-se à crença escolar de considerá-los incapazes ou desmotivados academicamente (Cunha e Dazzani, 2016, Seabra e Oliveira, 2017; Zanella, 2010). Desta forma a postura que a instituição escolar apresenta para adolescentes em conflito com a lei é marcada pela incredulidade de ambas as partes, de um lado a escola não provê um espaço acolhedor e significativo de aprendizagem, negligenciando as trajetórias

desses indivíduos e suas capacidades, diante disto a juventude não consegue apropriar-se deste lugar como seu, estabelecer relações positivas e desenvolver-se como sujeito crítico, autônomo e ativo dentro da sociedade. Autores como Zhang e Barret (2010), relacionam que as trajetórias de insucesso desse grupo na vida acadêmica intensificam o sentimento de exclusão e retroalimentam as condições que favorecem o não rompimento com atividades ilícitas realizadas por estes adolescentes, expondo-os novamente a comportamentos classificados como contravenção penal.

Correlacionando o estudo de Zhang e Barret (2010), Cunha e Dazzani (2016), afirmam que a literatura é enfática em demonstrar que a maioria dos adolescentes infratores não frequentavam a escola à época de sua apreensão, bem como em situar a evasão e o atraso escolar como preditores da delinquência juvenil.

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), instituído pela Lei Federal 12.594 de 18 de janeiro de 2012, destaca a importância da concepção pedagógica para os adolescentes em conflito com a lei, sendo a frequência escolar um requisito para o cumprimento de medidas socioeducativas seja no meio aberto ou fechado. Entretanto, para além das dificuldades aqui apresentadas, é frequente dentro do sistema socioeducativo a distorção de idade-série o que dificulta a qualidade de ensino e a permanência destes jovens na escola, pois ou os adolescentes são muito jovens para a modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) ou tem a idade muito elevada para a inserção no ensino regular (Cunha e Dazzani, 2016).

Borba et al., (2015), apresentam um fato relevante sobre a evasão escolar e adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, tal estudo revela que a evasão escolar é mais frequente em adolescentes infratores que cumprem medidas socioeducativas de liberdade assistida (LA). Segundo os autores, o que explica tal situação é a obrigatoriedade da inclusão no sistema educacional, pois desta forma, os adolescentes são obrigados a se inserirem e “livres” para saírem, principalmente após o cumprimento da medida, quando não terão que justificar judicialmente a sua decisão, depreende-se então que, apesar da garantia da inserção no sistema escolar, nele não permanecem (Anjos e Ramos, 2020).

Já na uma pesquisa realizada por Pessoa e Coimbra (2010), nota-se que os adolescentes infratores que cumpriram medida socioeducativa em meio fechado,

especificamente a internação, relatam manter nas unidades onde cumpriam a medida socioeducativa, relações interpessoais saudáveis com os educadores e demais profissionais por esses serem mais acessíveis e compreensivos com suas dificuldades, evidenciando uma vez mais a influência docente como um fator protetivo.

Neste momento, em uma breve análise sobre o que até aqui foi apresentado, nota-se a complexa relação que envolve a construção social do sujeito, o crescer e se desenvolver integralmente perpassando esferas muito sensíveis do sistema político e social, situação esta que se agrava quando inserimos o recorte de gênero, um de nossos alvos neste estudo. Como a escola, a sociedade, o Estado enxergam e defendem jovens vulneráveis em situações infracionais?

2.4 INVISIBILIDADE DAS MENINAS NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

Nota-se a raridade de pesquisas e dados sobre a situação de meninas inseridas nos regimes socioeducativos. Em grande maioria o público alvo são meninos, o que para Gonçalves (2019) estaria relacionado a um processo de invisibilização do tema e severas dificuldades das políticas públicas para atender as especificidades das adolescentes, ao passo que muitas políticas são executadas em ambientes misóginos e machistas.

Em 2019, em seu último levantamento, o SINASE publicou que no ano de 2017 existiam 1.046 meninas e 25.063 meninos cumprindo medidas socioeducativas no país. A faixa etária das meninas atendidas, em nível nacional, variava entre 16 a 17 anos (53%), seguida de 14 a 15 anos (21,8%) e entre 18 a 21 anos (20,9%). O levantamento não indica meninas com deficiências atendidas no sistema socioeducativo, entretanto identifica 28 meninos nesta condição (BRASIL, 2019).

Em 2021, o Governo Federal apresenta o Relatório analítico dos grupos focais e das entrevistas realizadas com as adolescentes e seus familiares/responsáveis (Análise da execução das medidas socioeducativas de meninas adolescentes, em privação de liberdade). Este relatório consiste em apresentar um resumo das principais informações sobre o atendimento socioeducativo aos adolescentes a quem se atribui a autoria do ato infracional em

privação de liberdade (internação), em 10 cidades brasileiras: Belém (Pará), Rio Branco (Acre), Recife (Pernambuco), Fortaleza (Ceará), Brasília (Distrito Federal), Goiânia (Goiás), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), São Paulo (São Paulo), Curitiba (Paraná) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul). A pesquisa se desenvolveu no período de janeiro de 2019 a março de 2021, contando com a participação de 312 pessoas, entre autoridades policiais, promotores de justiça, defensores públicos, juízes, conselheiros estaduais de direitos da criança e do adolescente, gestores estaduais da política socioeducativa, diretores de centros de atendimento, profissionais que atuam com as adolescentes nas unidades, as próprias adolescentes e seus familiares e/ou responsáveis. É importante salientar que devido a pandemia do COVID -19 a vigência da pesquisa com relação às entrevistas se prorrogou por mais 8 (oito) meses, resultando em 27 meses de entrevistas.

Na cidade de Curitiba-PR, a unidade de internação em foco foi Centro de Socioeducação Joana Miguel Richa, que contava com 17 meninas em medidas socioeducativas, onde todas eram residentes de outras regiões antes da internação, coincidentemente todas encontravam-se pela primeira vez no centro de internação. Com relação ao tempo de internação, 25% das meninas permaneciam sob custódia durante 5 meses e 50 % mais de um ano. Metade das meninas tinha na época até 14 anos, enquanto a outra metade tinha entre 17 e 18 anos. A respeito de cor e raça, 37,50% se declaram pardas e 62,40% brancas. Das 17 meninas medidas socioeducativas em Curitiba, 12,50 % declararam estarem casadas ou em uma união consensual , igualmente 12,50% das adolescentes são mães. Sobre o grau de escolaridade, 75% das adolescentes não concluíram o ensino fundamental.

É pertinente observar, que este relatório apesar de discorrer sobre informações relevantes, não detalha sobre algumas questões como ato infracional cometido, que diferencia-se do ato infracional cometido por meninos, a relação com a escola, a modalidade de ensino que estão inseridas, a relação com o espaço e seus professores, e suas perspectivas para o futuro. Nota-se também, que o estudo não fala sobre especialização dos profissionais que trabalham com este público e não aborda sobre a existência de pedagogos nas Unidades de internamento.

Para além disso, o próprio relatório afirma que os dados por ele apresentados relacionam-se a resultados já confirmados em pesquisas anteriores como as de Arruda (2011), Cnj (2015), Diniz (2017), Duarte (2016), Grillo (2018), Leones, (2018), Lima Frazone, (2019), Rizzini (2019), Schmidt (2017), Vilarins

(2016), onde se afirma de maneira global que apesar dos esforços e dos avanços com relação o atendimento de meninas no sistema socioeducativo, a realidade concreta, as condições de vida das adolescentes não mudaram, dado o agravamento da questão social brasileira. Desta forma, mais uma vez considera-se a importância desta pesquisa a fim de ratificar a necessidade de ampliação de políticas públicas para este grupo sensibilizando não somente o Estado, mas toda a sociedade.

2.5 AS MULHERES NO SISTEMA PENAL BRASILEIRO

De Janeiro a Junho de 2021, o Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) através do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) apresentou a realidade das unidades prisionais brasileiras, incluindo dados de infraestrutura, recursos humanos, vagas, gestão, assistências, população prisional, perfil dos presos, dentre outros. Estes dados apontam que o Brasil possui uma população prisional de 673.614 presos e presas em todos os regimes.

Ainda que os dados oficiais do INFOPEN especifiquem sobre questões relacionadas à raça, gênero, natureza do ato infracional, condições de saúde e etc, estas informações pouco se referem a proporção de filhos e filhas da população em situação de cárcere, o pouco que consta em sua base de dados se refere especificamente à filhos de homens presos. Em 2021 entre os meses de janeiro a junho, havia informação somente sobre 28,23% de filhos e filhas de presos.

No mesmo período haviam 30.199 mil mulheres presas no Brasil, destas 1.043 declararam ter filhos ou filhas, 82 crianças com idade correspondente de 0 a 6 meses, 65 com 6 meses a 1 ano, 133 de 1 a 2 anos de idade, 84 com 2 a 3 anos de idade e 679 com filhos ou filhas com mais de 3 anos.

O INFOPEN não apresenta dados referentes a filhos(as) de presos por idade ou a filhos(as) acima de 3 anos. Entretanto, o Ministério da Justiça e Segurança Pública Departamento Penitenciário Nacional Divisão de Atenção às Mulheres e Grupos Específicos em Abril de 2020, apresenta dados referentes a mulheres presas que são mães, onde se apresenta que 12.821 presas têm filhos de até 12 anos, após esta idade não se tem informações. Cabe salientar que, os dados fornecidos pelo INFOPEN, se referem apenas a registros fornecidos

voluntariamente pelas instituições penais, ou seja, há uma grande lacuna de informações.

Porém, estes dados refletem a estrutura patriarcal instaurada na sociedade que destina às mulheres a responsabilidade legal e social pela criação dos filhos, enquanto homens desvencilhar-se de seu dever jurídico e moral que envolve não só a criação afetiva e econômica, como também o reconhecimento da paternidade. Outro aspecto relevante apresentado nestes dados se refere a falta de informações sobre adolescentes filhos e filhas com pais em situação de cárcere, delatando uma possível negligência dos órgãos públicos e da sociedade para com estes indivíduos.

A Constituição da República Federativa do Brasil apresenta que

Art. 227 - É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão." (BRASIL, 1988).

Ou seja, a criação de toda criança e adolescente é uma responsabilidade coletiva, ainda sim nota-se que ao explanar sobre filhos e filhas de encarcerados(as), persiste um prejulgamento social sobre a trajetória de vida destas crianças ou adolescentes, que interfere diretamente em seus direitos básicos, como convivência, acesso à saúde, educação, proteção, lazer e cultura, tangendo a necessidade de se compreender assunto a fundo como fator social decorrente de uma estrutura desigual, onde o desenvolvimento e a formação social da criança são reflexos da comunidade da qual está inserida e da convivência familiar.

Ao considerar pesquisas pertinentes ao Brasil, onde a criminalidade e a violência são bastante expressivas, observa-se que há uma grande propensão de serem justificadas na desigualdade e perversidade da realidade social, política e econômica do país. Scapini (2002, p. 389) afirma que "[...] em países onde a distância entre ricos e pobres é quilométrica e, cada vez mais se acentua, os índices de violência e criminalidade são elevadíssimos, chegando ao descontrole". Conforme o relatório divulgado ao fim de 2019, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo, considerando injustiças sociais relacionadas a gênero, raça e distribuição de renda.

O Senado Federal em 2016 publicou uma revista sobre a privatização dos

presídios brasileiros, onde apresentava o perfil de pessoas que cometem atos criminosos, reforçando com dados estatísticos a associação entre a pobreza e a criminalidade. As informações apresentadas revelam que 53% dos presos brasileiros tem o ensino fundamental incompleto, enquanto 67% da população carcerária é composta por negros e negras, 31% tem entre 18 e 24 anos e o ato criminoso mais cometido é o de tráfico de drogas correspondendo a 27% .

Observa-se novamente, a ausência de dados referentes a possíveis dependentes de presos e presas, o que por sua vez dificulta uma análise do impacto da prisão na vida dos filhos e filhas de presos(as), entretanto podemos observar que as desvantagens econômicas e sociais já estavam presentes anteriormente à prisão, o que colocava não só pais e mães como mais vulneráveis e suscetíveis a entrar em conflito com a lei, como também desfavorecia seus filhos(as). Posada (2017), afirma no seu estudo realizado em Belo Horizonte, que 0,1% dos adolescentes em medidas socioeducativas é filho de alguém que cumpre pena em privação de liberdade, o que aumenta em 59% a chance de ser apanhado pelo Sistema de Justiça.

Neste sentido, ao considerar o adolescente e sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, o atendimento aos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas deve possibilitar meios para a construção de um novo projeto de vida para os adolescentes que praticaram ato infracional, almejando a liberdade e a plena expansão da sua condição de sujeito de direitos e de responsabilidades, possibilitando aos adolescentes oportunidades de transformação de sua realidade e abertura a novas perspectivas e ações voltadas em promover o pleno desenvolvimento de todas as dimensões do sujeito, bem como das competências que lhes possibilitem a plena atuação no contexto em que vivem.

Diante de tais informações, nota-se novamente que a instauração de políticas públicas que resultem em fatores protetivos para jovens é imprescindível, a fim de proporcionar a quebra de ciclos intergeracionais de violência e pobreza, reduzindo efetivamente situações de negligência causadas pela ineficácia do Estado e da sociedade civil que possam estar relacionadas a inserção da juventude com atos infracionais.

2.6 POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E O CÁRCERE

A população em situação de rua é um fenômeno social complexo que afeta inúmeras sociedades ao redor do mundo. Essas pessoas enfrentam uma série de desafios e são frequentemente marginalizadas pela sociedade. Tal situação entrelaça-se à incapacidade dos governos de enfrentar as crescentes desigualdades de renda, riqueza e acesso à terra e à propriedade, bem como à incapacidade de responder efetivamente aos problemas da urbanização e migração. Desta forma, a moradia é tratada como uma mercadoria e não como um direito humano (HUMAN RIGHTS COUNCIL, 2015).

Essa condição, mais do que uma situação individual, expressa um problema estrutural da nossa sociedade, principalmente das grandes metrópoles. As chamadas pessoas em situação de rua - PSR, assim conceituadas devido ao fato de habitarem as ruas, compõem um problema relacionado à forma como a sociedade se estrutura, da maneira que os indivíduos criam a cidade e esta, por sua vez, está contribuindo para a construção dos indivíduos.

A população em situação de rua é composta por indivíduos que não têm moradia adequada, vivendo em espaços públicos, abrigos precários e improvisados. Esses indivíduos geralmente enfrentam dificuldades para acessar serviços básicos, como alimentação, saúde e higiene. A falta de um lar estável expõe-os a inúmeros riscos sociais e de saúde, tornando-se um fator de vulnerabilidade extremo.

A marginalização é um dos principais problemas enfrentados pela população em situação de rua. A frequente estigmatização e descriminalização, gera o que Organizações Não Governamentais que trabalham com esse público, como a SP Invisível (São Paulo) e o Mãos Invisíveis (Curitiba) denominam como invisibilidade atrelada ao preconceito e a falta de empatia da sociedade, que contribuem para a exclusão desses indivíduos, limitando suas oportunidades de reintegração e superação da situação de rua.

Dentre os diversos fatores que podem levar uma pessoa a viver em situação de rua, incluindo pobreza extrema, desemprego, doenças mentais não tratadas, dependência química, violência doméstica, entre outros. Esses fatores aumentam a vulnerabilidade dessas pessoas, tornando-as mais propensas a enfrentar dificuldades adicionais e a permanecerem presas nesse ciclo.

O Ministério da Saúde divulgou o Boletim Epidemiológico Nº 14 em 2019, que aborda a violência sofrida pela população em situação de rua. O boletim revelou que houve 17.386 casos registrados entre 2015 e 2017, nos quais a principal motivação

da violência foi a condição de estar em situação de rua. Dessas 17.386 pessoas, a faixa etária mais afetada foi a de 15 a 24 anos, com 6.622 casos (38,1%). Em seguida, as faixas etárias de 25 a 34 anos e 35 a 44 anos apresentaram 3.802 (21,9%) e 2.561 (14,7%) casos, respectivamente. Embora em menor frequência, também foram notificados casos envolvendo crianças menores de 5 anos, totalizando 303 casos (1,8%). Durante o período de três anos estudado, a faixa etária de 15 a 24 anos foi a mais afetada, representando 36,0% dos casos em 2015, 40,7% em 2016 e 37,9% em 2017.

Além destas situações, essa população está diretamente exposta e/ou envolvida com o vício em drogas e álcool, sendo muitas vezes, essas substâncias utilizadas como mecanismos de enfrentamento para lidar com as dificuldades e traumas vivenciados. A falta de acesso a tratamento adequado e apoio para a recuperação agrava ainda mais esse problema, levando a um ciclo vicioso entre o vício e a situação de rua.

As denúncias registradas por meio do DISQUE 100, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), também fornecem informações sobre os tipos e a quantidade de violência sofrida pela população em situação de rua. De acordo com esses registros, em 2017 foram registrados 996 casos de violência contra essa população, enquanto em 2018 houve 889 casos. No ano de 2019, foram registrados 899 casos, com destaque para a violência por negligência, que contabilizou 672 casos, seguida das violências institucional e psicológica. A rua foi identificada como o local com maior incidência de violência, totalizando 628 casos, e o perfil mais comum das vítimas é composto por homens negros (pardos e pretos) com idade entre 25 e 30 anos. Segundo esses dados, os estados que apresentaram o maior número de denúncias de violência contra a população em situação de rua, em ordem decrescente, foram São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas Gerais.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) realizou uma pesquisa em 2008 para obter dados sobre a população em situação de rua. A pesquisa abrangeu 71 municípios, incluindo 23 capitais, e encontrou 31.922 pessoas nessa situação. Considerando também os dados dos censos realizados em São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre, estimou-se que havia cerca de 50 mil pessoas em situação de rua nas 75 maiores cidades brasileiras em 2008. Atualmente, o Governo Federal utiliza dados do Cadastro Único, que indica 145.448

famílias em situação de rua em junho de 2020. Dentre essas famílias, 105.821 acessam o benefício do Bolsa Família. O Cadastro Único é uma fonte de informação para identificar grupos populacionais específicos.

Um estudo mais recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) indica que há aproximadamente 222 mil pessoas em situação de rua no Brasil. Esse estudo utiliza dados do Cadastro Único e do censo anual do Sistema Único de Assistência Social (Censo SUAS) para fazer essa estimativa. O estudo do IPEA também aponta que houve um aumento de 140% na população em situação de rua entre 2012 e março de 2020.

Para além destes problemas já existentes a pandemia da Covid-19 trouxe desafios adicionais para a população em situação de rua, já que muitos desempregados e trabalhadores informais, como guardadores de carros e vendedores ambulantes, fazem parte desse grupo. A propagação do vírus aumenta a vulnerabilidade dessas pessoas, exigindo uma resposta mais intensa do poder público.

A Coordenação-Geral de Recursos e Informações Socioassistenciais (CGRIS/SNPG) tem trabalhado em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e representantes da sociedade civil para incluir a população em situação de rua no próximo censo populacional. Isso permitirá obter dados abrangentes em nível nacional, que poderão contribuir para melhorar o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para esse grupo.

Reflexionando sobre as questões sociais que envolvem a população em situação de rua, deve-se considerar a especificidade de gênero e orientação sexual que também contempla esse grupo. Mulheres em situação de rua enfrentam desafios específicos que podem diferir dos enfrentados pelos homens, estando mais exposta a violência sexual, exploração e abuso, sem considerar que o estigma patriarcal interfere diretamente em como essa sociedade aumeja que essa mulher seja. Além disso, muitas dessas mulheres em situação de rua também são mães, o que intensifica suas necessidades de proteção e cuidados para com seus filhos, estendendo mais uma vez a necessidade de um olhar interseccional para esse grupo.

Infelizmente, a criminalização da pobreza é uma realidade enfrentada por muitas pessoas em situação de rua, onde leis e políticas públicas muitas vezes são voltadas apenas para a repressão e o controle desses indivíduos, em vez de

oferecer soluções efetivas para a sua reintegração. Práticas como a remoção forçada e a prisão por infrações menores contribuem para a marginalização contínua e não abordam as causas subjacentes da situação de rua, favorecendo a permanência destes indivíduos nesta situação.

2.7 CÁRCERE, RAÇA E ETNIA

A utilização do sistema carcerário como forma de controle e contenção de populações específicas, como negras e indígenas, revela uma realidade intrinsecamente violenta e desigual. Em 2017, ocorreu um massacre no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj) em Manaus, onde 56 pessoas foram assassinadas, incluindo cinco indígenas, conforme identificado pelo Ministério Público Federal. No entanto, o governo do estado do Amazonas negou essa informação. Esse exemplo evidencia a invisibilidade das pessoas indígenas dentro do sistema prisional, onde nem sempre são identificadas como tal pelo sistema de justiça criminal.

Segundo dados levantados pelo Instituto das Irmãs de Santa Cruz (IISC) em parceria com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) em 2019, havia cerca de 1.080 indígenas em situação de prisão no Brasil, sendo 1.017 homens e 63 mulheres, com os estados do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Ceará apresentando as maiores taxas de encarceramento. O levantamento também apontou um aumento de aproximadamente 45% no encarceramento de pessoas indígenas entre 2017 e 2019, representando mais de 37 povos indígenas no sistema prisional.

A identificação indígena é um desafio, uma vez que muitas pessoas indígenas não são perguntadas sobre sua etnia ou têm medo de se declarar como tal. Essa falta de identificação coloca-os em situação de vulnerabilidade, sujeitos a mortes invisíveis frente ao Estado. A Resolução 287 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) busca assegurar os direitos das pessoas indígenas no âmbito criminal, mas enfrenta dificuldades em sua implementação, sendo importante dialogar com os povos indígenas para compreender e respeitar suas formas próprias de resolução de conflitos.

Da mesma forma, nota-se que o tratamento dado a negros e brancos dentro do sistema é distinto, refletindo o viés racial que permeia o sistema de justiça. Em

julho de 2023, uma pesquisa divulgada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) revelou que, em 2022, a população negra encarcerada no Brasil era de 442.033, representando 68,2% da população privada de liberdade. O texto destaca que o sistema prisional brasileiro escancara o racismo estrutural, com crescimento de 215% da população branca encarcerada e 381,3% da população negra entre 2005 e 2022. Em 2005, 58,4% do total da população prisional era negra, enquanto em 2022 esse percentual foi de 68,2%, o maior da série histórica disponível, evidenciando que o racismo brasileiro tem cor de forma cada vez mais preponderante.

Problema

- Qual seria a influência da comunidade escolar e familiar nas trajetórias de vida e de perspectivas futuras para jovens em situação de cárcere?

3 JUSTIFICATIVA

No ano de 2023, completa-se 34 anos da Convenção sobre os direitos da Criança (1989) promulgada pelo Decreto nº 99.710, no dia 21 de novembro de 1990. No Brasil este documento subsidia o reconhecimento de crianças e adolescentes como sujeitos de direito, em uma esfera mundial trata-se de um dos mais amplos tratados internacionais de direitos humanos.

A Convenção sobre os Direitos da Criança, entabula um extenso caminho da concepção de que crianças e adolescentes não são apenas responsabilidade de seus familiares mas sim da sociedade como um todo, cabendo ao Estado a subsistência deste direito. A promulgação deste documento foi um alicerce para que no ano de 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) se encaminhasse como uma continuidade à proteção deste público, mobilizando em conjunto todas as regiões brasileiras para que de fato esta lei fosse reconhecida e acatada por todo o país.

O Art. 19 da Convenção sobre os Direitos da Criança discorre que

Os Estados partes devem adotar todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança

contra todas as formas de violência física ou mental, ofensas ou abusos, negligência ou tratamento displicente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do tutor legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.(BRASIL, 1990)

Concomitantemente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Art. 5º contempla a mesma temática

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, 1990)

A intencionalidade presente em ambos os documentos, têm como premissa salvaguardar a integridade de crianças e adolescentes. Entretanto, apesar de mudanças significativas no âmbito jurídico e social, onde crianças e adolescentes passam a ter seus direitos respaldados em diversas instâncias sendo reconhecidas de fato como sujeitos de direito, ao contemplarmos questões sociais como acesso a saúde, educação, alimentação de qualidade, segurança e lazer, acabamos esbarrando na ineficácia social brasileira, onde a população infanto-juvenil no Brasil constitui um dos segmentos mais prejudicados pelos problemas socioeconômicos-culturais (Cruz-Neto, Moreira, 1998).

Embora a afirmação de Cruz-Neto e Moreira se refira ao ano de 1998, segundo pesquisa realizada pelo Cenário da Infância e Adolescência no Brasil (2021), estima-se que no ano de 2019 residiam no Brasil 69,8 milhões de crianças e adolescentes entre 0 e 19 anos de idade, das quais 9,1 milhões de crianças e adolescentes (entre 0 e 14 anos) viviam em situação domiciliar de extrema pobreza com renda per capita mensal inferior ou igual a um quarto de salário-mínimo² e 9,7 milhões em situação de pobreza, renda per capita mensal de mais de um quarto até meio salário-mínimo, essas informações ratificam a negligência do Estado para com a juventude brasileira, cenário este que com o surgimento da pandemia do novo coronavírus em 2019 veio a se intensificar.

Com o aparecimento do novo coronavírus a condição de vida da população mundial se modificou em todas as instâncias, incluindo a dinâmica que envolve crianças e adolescentes. Matta, Rego, Souto, Segata, (2021), discorrem em seu

² Renda domiciliar mensal per capita de até meio salário-mínimo: equivalente a R \$499,00 em valores de 2019. Renda domiciliar mensal per capita de até um quarto de salário-mínimo: equivalente a R\$ 249,50 em valores de 2019

estudo que as camadas mais vulneráveis da sociedade (idosos, mulheres, crianças, adolescentes, população negra, periférica, entre outros) foram mais acometidas pelas consequências da COVID-19, pois anteriormente já se encontravam mais suscetíveis a mazelas sociais, como a fome, violência, desemprego e falta de acesso à saúde de qualidade.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Saúde implantaram uma versão inédita da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) para monitorar a incidência da Covid-19 em todo o território nacional, os dados desta pesquisa indicam que mais de 45,4% das crianças e adolescentes durante a pandemia se encontravam em situação de pobreza, 1.768,476 crianças e adolescentes entre 0 e 14 anos encontram-se em situação de trabalho infantil, enquanto 1,6 milhões de crianças e adolescentes até os 17 anos de idade afirmaram não estar na escola entre os meses de julho e novembro de 2020 e 4,6 milhões sem ter recebido nenhuma atividade escolar durante o período pandêmico de julho a novembro.

As informações apresentadas pela Pnad Contínua, revelam muito mais que referências sobre a pandemia da Covid-19, tais constatações evidenciam que os problemas sociais nas camadas mais vulneráveis são um problema social estrutural que interfere diretamente no desenvolvimento de crianças e adolescentes, pois apresenta-se nas necessidades mais essenciais.

Atentando à garantia de direitos básicos que não vem sendo assegurados, ponderamos sobre a violência contra crianças e adolescentes, fator este que vem mostrando-se cada vez mais frequente em diferentes esferas da trajetória de vida destes indivíduos, desde o ambiente familiar até o coletivo. Somente no ano de 2019, mais de 45,5 mil mortes por homicídios foram notificadas no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), dentre as quais 7,1 mil foram cometidos contra crianças e adolescentes entre 0 e 19 anos de idade.

Segundo a Unicef (2020) com as medidas necessárias de isolamento social contra o novo Coronavírus, o confinamento domiciliar às crianças e adolescentes corroborou para a sua exposição à violência seja ela física, sexual ou psicológica, pois para além da violência externa o ambiente familiar se mostra um grande pendor a atos violentos contra esse grupo mais vulnerável.

Westphall e Bydlowski (2010) citam a conceituação ampla de violência contra

crianças e jovens de Chauí (1999, p. 68) onde alega-se “[...] violência contra crianças e jovens constitui-se de todo ato ou omissão dos pais, parentes e outras pessoas ou instituições, capazes de causar danos físicos, sexuais ou psicológicos (violência simbólica) à vítima”. A violência tende a se apresentar de diferentes formas para crianças e adolescentes, envolvendo violência doméstica, sexual, violência armada e até mesmo crimes de ódio envolvendo gênero, raça e orientação sexual. Florence Bauer (2021), afirma que a violência contra criança ocorre prioritariamente em casa enquanto a contra adolescentes acontece principalmente na rua, tendo como foco meninos negros.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar trajetórias de vida e as influências familiares e escolares de jovens em privação de liberdade.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar se há influência da comunidade escolar na trajetória e nas perspectivas educacionais dos participantes;
- Identificar o histórico infracional de seus familiares ;
- Apontar os estilos parentais utilizados pelos pais e/ou cuidadores;

5 MÉTODO

Este estudo faz parte de um projeto maior intitulado “Caracterização de vulnerabilidade, risco e proteção na relação entre pais em situação de cárcere, cuidadores e filhos de encarcerados”, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná, sob o número CAEE. 17221019.7.0000.0102, que foi interrompido devido a pandemia da COVID-19, suspendendo as pesquisas de forma presencial, foi necessário entrar novamente em contato com o departamento

penitenciário (masculino e feminino) que nos informou que seria necessário um novo agendamento com a unidade prisional.

Esta pesquisa se caracterizou como um estudo qualitativo, por se tratar de uma pesquisa que envolve a compreensão de ações, percepções e situações que podem interferir nas relações de um sujeito, ou de um grupo, com o ambiente, neste caso: escola e família. Foi considerado a expressão *Pesquisa Qualitativa*, para oferecer uma possível resposta (e não a resposta), levando em conta a ampla gama de perspectivas, modalidades, abordagens, metodologias, desenhos e técnicas utilizadas no planejamento, condução e avaliação de estudos, indagações ou investigações interessadas em descrever, interpretar, compreender, entender ou superar situações sociais ou educacionais consideradas problemáticas pelos atores sociais que são seus protagonistas ou que, por alguma razão, eles têm interesse em abordar tais situações num sentido investigativo (JACOB, 1987; JORDAN, 2018).

5.1 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa nove jovens privados de liberdade, sendo cinco mulheres e quatro homens. A média de idade das mulheres era de 20,6 anos e a dos homens era de 23,5 anos. Das cinco participantes mulheres, três eram mães, enquanto nenhum dos homens era pai. Em relação à raça, uma das participantes era indígena e outra era negra, o mesmo ocorrendo com os homens. Duas mulheres estavam em situação de encarceramento pela primeira vez, enquanto as demais eram reincidentes; entre os participantes homens, três eram reincidentes. O tempo de encarceramento variava de dez dias a um ano e seis meses para as mulheres, e de quatro anos a oito meses para os homens.

Cabe salientar que o tempo de encarceramento para os homens já está atrelado a sua condenação, enquanto algumas participantes mulheres ainda aguardam audiência para o julgamento.

Os critérios utilizados para selecionar as participantes mulheres contou com o auxílio da equipe psicossocial da unidade, que selecionou inicialmente seis participantes que enquadraram-se no critério de idade, reincidência e ciclo intergeracional familiar. Para os participantes homens, a equipe de segurança foi a que selecionou quatro participantes, seguindo os mesmos critérios iniciais: idade,

reincidência e/ou ciclo intergeracional familiar.

TABELA 1 - CARACTERIZAÇÃO DAS(OS) PARTICIPANTES

PARTICIPANTE	S E X O	IDADE	RAÇA/COR	ORIENTAÇÃO SEXUAL	ESCOLARIDADE	TEM FILHOS?	TEMPO QUE ESTÁ EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE ³	REINCIDÊNCIAS ⁴	JÁ ESTEVE EM SITUAÇÃO DE RUA?	FAZ/FEZ USO DE DROGAS LÍCITAS (ÁLCOOL)	FAZ/FEZ USO DE DROGAS ILÍCITAS
W.H.	F	20	PRETA	HETEROSSEXUAL	E.F. INCOMPLETO	SIM	3 MESES	NÃO SE RECORDA	SIM	SIM	SIM
M.F.	F	22	BRANCA	LÉSBICA DESFEM	E.F. INCOMPLETO	NÃO	2 MESES	1ª VEZ EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	SIM	SIM	SIM
Y.H.	F	21	BRANCA	BISSEXUAL	E.M. COMPLETO ⁵³	NÃO	1 ANO E 6 MESES	NÃO SE RECORDA	SIM	SIM	SIM
T.F.	F	22	INDIGENA	LÉSBICA DESFEM	E.M. INCOMPLETO	SIM	20 DIAS	2ª	NÃO	SIM	SIM
D.E.	F	22	BRANCA	HETEROSSEXUAL	E.M. COMPLETO	SIM	1 MÊS	22ª	NÃO	SIM	SIM
CORINGA	M	24	INDIGENA	HETEROSSEXUAL	E.F. INCOMPLETO	NÃO	8 MESES	2ª	NÃO	SIM	SIM
BATALHADOR RESILIENTE	M	23	BRANCO	HETEROSSEXUAL	E.F. INCOMPLETO	NÃO	1 ANO E SEIS MESES	NÃO SE RECORDA	NÃO	SIM	SIM
L.K	M	24	BRANCO	HETEROSSEXUAL	E.F. INCOMPLETO	NÃO	3 ANOS E DOIS MESES	PRIMEIRA VEZ	NÃO	SIM	SIM

³ Tempo referente a data da pesquisa, Janeiro de 2023.

⁴ Refere-se a reincidência da(o) participante no sistema penal. Em sua maioria as(os) entram e saíram diversas vezes do sistema socioeducativo, não recordando-se com exatidão do número de vezes (na maioria das vezes).

⁵ Concluiu seus estudos dentro da Penitenciária, através do Programa de Educação de Jovens e Adultos.

R.S	M	20	PRETO	HETERROSEXUAL	E.F. INCOMPLETO	NÃO	7 MESES	NÃO SE RECORDA	NÃO	SIM	SIM

FONTE: A autora (2023)

5.2 LOCAL

A pesquisa foi realizada no Complexo Penal de Piraquara. Para a coleta de dados com as mulheres, foi cedido um auditório que continha cadeiras e uma mesa, que foi utilizada para o lanche. O auditório também dispunha de um computador e um projetor, no entanto, esses recursos não foram utilizados durante a pesquisa. Para os homens, foi cedida uma sala de aula que possuía mesas e cadeiras. Essa sala fazia parte de uma escola dentro da própria unidade, que incluía uma sala de informática, uma sala de artes, uma biblioteca e outras salas de aula.

5.3 INSTRUMENTOS

Neste estudo foram utilizados três instrumentos para a coleta dos dados: Inventário de Estilos Parentais (IEP) (Gomide, 2006)(ANEXO 10), Questionário Histórico Infracional Familiar (adaptado de Gomide, 2015)(ANEXO 11) e Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF) (Marturano, 2006)(ANEXO 12).

a. Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2006).

Composto de 42 questões, abordando duas práticas educativas positivas e cinco negativas. Tem por objetivo avaliar o estilo parental, ou seja, o modo que os pais usam para educar os seus filhos. Tendo sete práticas educativas, sendo elas cinco negativas vinculadas ao desenvolvimento do comportamento antissocial: negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico. E, sendo duas positivas relacionadas ao desenvolvimento de comportamento pró-social: comportamento moral e monitoria positiva. O IEP apresenta a pontuação de cada uma das práticas e o índice de estilo parental geral, permitindo que o aplicador tenha informações sobre as práticas educativas familiares utilizadas, tendo como um facilitador a escolha de instrumentos que possam ser utilizados para intervenção da família e familiares que responderam o IEP.

b. Questionário Histórico Infracional Familiar (Gomide, 2015).

Este questionário tem por objetivo, levantar informações sobre infrações cometidas pelo entrevistado e seus familiares; pai, mãe, padrasto, madrasta,

irmãos, avô, avó, tios e primos, é composto por 16 questões sobre o ato infracional.

c. Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF) (Marturano, 2006).

O Inventário de Recursos do Ambiente Familiar se refere a um roteiro de forma de entrevista semiestruturada, sendo baseado na concepção ecológica do desenvolvimento. O RAF avalia recursos do ambiente familiar que podem contribuir para o aprendizado acadêmico nos anos do ensino fundamental, em três domínios: recursos que promovem processos proximais; atividades que sinalizam estabilidade na vida familiar; práticas parentais que promovem a ligação família-escola.

Almejando um maior aprofundamento nas singularidades que regem a dinâmica da pesquisa, foi realizado um grupo focal com os(as) participantes. Gatti (2005), discorre que a aplicação do grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, estabelecidos através do próprio contexto de interação, permitindo a captação de significados que através de outros mecanismos poderiam ser difíceis de se manifestar.

Desta forma, o desenvolvimento do grupo focal, buscou facilitar a comunicação e a interação entre participantes e pesquisadoras, estabelecendo um ambiente seguro e confortável, possibilitando a exaustão de informações detalhadas sobre suas trajetórias, seus vínculos familiares, sobre a relação estabelecida com o ambiente escolar e suas perspectivas pessoais, educacionais e profissionais.

Por fim, considerando as dimensões da pesquisa qualitativa, foi realizada uma entrevista semiestruturada (ANEXO 9), de forma individual com cada participante. A entrevista semiestruturada se apresenta como um recurso valioso de aproximação com o(a) participante possibilitando outras outras indagações que possam surgir durante a conversa, tendo a possibilidade de voltar para o tema em questão sem perder a flexibilidade e direcionamento (MINAYO, 2001). Para tal finalidade, as perguntas se relacionam a questionamentos levantados durante a realização do grupo focal. Para tanto, a entrevista semiestruturada, foi dividida em dois momentos, trajetórias escolares e questionamentos pessoais sensíveis ao compartilhamento em grupo.

5.4 PROCEDIMIENTO DE COLETA DE DADOS

Realizado o contato inicial, houve ainda uma demora para a liberação referente ao início da coleta de dados por parte do departamento responsável, cerca de cinco meses (Agosto de 2022 a Janeiro de 2023).

Após a liberação do Departamento Penitenciário, com cronograma previamente definido e agendado, se iniciou o procedimento de coleta de dados. Concerne inteirar que, os instrumentos (IEP, QHIF e o RAF) foram aplicados de forma individual pela equipe de pesquisa⁶. Com as(os) participantes reunidas(os) na sala previamente designada pela instituição, a equipe se revezava conduzindo a aplicação dos instrumentos com cada participante.

Por sua vez, ela ocorreu de forma coletiva e sendo realizado em momentos distintos para os participantes masculinos e femininos, a descrição deste momento encontra-se descrita de forma detalhada logo abaixo, considerando as particularidades que envolveram o processo em cada unidade.

Com relação a entrevista semi estruturada, após ser estabelecido um vínculo com o público alvo, as(os) participantes foram convidadas(os) de forma individual a se dirigirem a capela (unidade feminina) ou a uma parte mais reservada da sala de aula (masculina), onde a pesquisadora discorrer sobre perguntas pré estabelecidas para o grupo como um todo, como também perguntas mais pertinentes a trajetória individual da(o) participante em questão.

5.5 UNIDADE FEMININA



A coleta de dados teve início na unidade feminina em janeiro de 2023. A expectativa inicial era de cinco encontros consecutivos; no entanto, devido à

⁶ Pesquisadora e duas ajudantes de pesquisa, com bolsa do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC, PIBIC - AF, PIBITI, PIBIC- EM)dd e CNPq.

demanda da unidade, os dias se tornaram mais espaçados, o que proporcionou um aprofundamento nos vínculos afetivos com as participantes. Inicialmente, a equipe de pesquisa foi recebida pela diretoria da unidade para explicar melhor o cronograma e a intenção da pesquisa. Em seguida, o serviço psicossocial selecionou seis participantes e as encaminhou individualmente para o auditório, onde ocorreriam todos os encontros Es.

No primeiro direcionamento, foram apresentados os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem realizados. Em seguida, a pesquisadora leu e explicou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1) e o Termo de Uso de Imagem e voz (Anexo 2). Das seis participantes selecionadas, apenas uma optou por não participar. As interessadas assinaram os documentos e ficou acordado que o próximo encontro para a realização do grupo seria realizado em dois dias.

O segundo encontro ocorreu pela manhã, com a única intercorrência sendo a liberação na entrada, o que atrasou brevemente⁷ o desenvolvimento da atividade planejada para o dia. O auditório, cedido pela instituição, foi novamente organizado pela equipe de pesquisa, dispondo das cadeiras, mesa, projetor, caixas de som e computador necessários. Também foi providenciado um lanche para as participantes, com água, refrigerante, café, bolo e bolachas. As participantes que aceitaram participar do estudo foram encaminhadas ao espaço e, a partir desse encontro, deixaram de usar algemas. Novamente, a equipe de pesquisa se apresentou, incluindo a professora Gabriela, que abordou a temática do projeto de pesquisa e a intenção envolvida, reforçando que qualquer desconforto seria validado e que as participantes poderiam sair do estudo a qualquer momento.

Nesse segundo encontro, as participantes se mostraram comunicativas, exceto por uma, M.F que permaneceu mais afastada e em silêncio. A partir desse encontro, as participantes seriam nomeadas conforme suas preferências, com exceção de uma que optou por utilizar um nome fictício. As demais seriam apresentadas pela inicial do nome e sobrenome.

Visando obter um maior aprofundamento nas trajetórias das participantes, foram aplicados pela equipe de pesquisa os seguintes instrumentos: Inventário de Estilos Parentais (IEP) (GOMIDE, 2006), Questionário Histórico Infracional Familiar (adaptado de Gomide, 2015) e Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF)

⁷ O tempo médio de atraso foi de 40 minutos.

(MARTURANO, 2006). Esses instrumentos foram analisados e corrigidos com base em seus respectivos manuais.

A segunda parte desse encontro consistiu na leitura de uma carta (ANEXO 3) de apresentação elaborada pela pesquisadora com o intuito de explicar aos participantes a motivação pessoal desta pesquisa. Durante a leitura, as participantes fizeram comentários relacionando os acontecimentos com suas realidades. Após a leitura da carta, as participantes foram convidadas a escrever uma carta⁸ para o "seu eu criança", podendo ser um conselho, um desejo ou um relato. Todas as cartas escritas foram dobradas e guardadas em envelopes, exceto por uma das participantes que solicitou compartilhar sua carta com as demais.

O terceiro encontro aconteceu pela manhã, a equipe de pesquisa foi prontamente recepcionada e encaminhada para o auditório. A sala foi organizada em forma de círculo, no meio disposto um suporte com balas de três sabores distintos para compor a dinâmica programada. Após a chegada das participantes, a equipe de pesquisa as recepciona e as acolhe, neste dia, com a sala disposta de uma outra forma, observa-se que as participantes ficam mais próximas uma das outras, trocando conversas paralelas, rindo e até demonstrando estarem mais confortáveis com a presença uma das outras, incluindo as pesquisadoras.

Durante os primeiros momentos as participantes ficaram compartilhando informações sobre seus dias, explicando alguns dialetos e até mesmo perguntando sobre as pesquisadoras. A fim de conduzir cronograma proposto, a orientanda dá sequência a dinâmica, explanando o texto e propondo a atividade, onde todas participam a sua forma.

A história era em questão, era a seguinte: “*Estamos em um avião fazendo uma longa viagem e fomos infelizmente informados que ocorreu um problema no motor da asa direita. Lamentamos informar, também, que o motor da asa esquerda acabou de dar pane. Só poderão ser salvas as pessoas que tiverem três balas do mesmo sabor na mão*”. As participantes se mantiveram em silêncio, olhando para as balas em suas mãos, apenas após a sugestão da mediadora para que elas trocassem os doces entre si para que alguém fosse salvo elas iniciaram a troca e duas se salvaram. Dando sequência a proposta, a mediadora conduziu o grupo com perguntas relacionadas as cores das balas:

- Rosa: lembrança da infância;

⁸ Todas as cartas serão anexadas ao final do trabalho - Anexo 4 e 5

- Amarela: característica pessoal;
- Verde: um sonho;

A participante T.F. escolheu amarela e pensou um pouco, então falou sobre uma característica pessoal: “eu sou uma pessoa muito feliz”. A participante D.E. também escolheu a bala amarela e se descreveu como sistemática e “*chata pra caramba*” em suas palavras. A participante também ficou feliz por não ter escolhido a bala rosa, pois segundo ela não gostaria de falar sobre a infância. A participante W.H. também ficou com a bala amarela, e se descreveu como uma pessoa de coração aberto e sincero. A participante Y.H. escolheu a bala verde e disse que seu sonho é sair da penitenciária e cuidar do irmão (17 anos) e casar na igreja (participante casada com marido também em privação de liberdade, pertencente ao PCC⁹, participante fica em galeria separada por ser “cunhada” mas não pertencer diretamente a facção). A participante M.F. escolheu a bala verde e seu sonho é ter uma família (participante casou na penitenciária com outra detenta, 20 anos mais velha que a mesma).

O objetivo principal deste encontro era se aprofundar no conceito de família, analisando o que isso significava para cada participante. Algumas questões foram levantadas como:

“O que é família pra você?”

“Como era sua relação com a sua família antes do encarceramento?”

“Como é sua relação de família agora?”.

Esse assunto se mostrou bem delicado às participantes, algumas choraram, se solidarizaram entre elas, especialmente a W.H. que se colocou à disposição para conselhos para afetos. As histórias de vidas de 4 participantes é bem parecidas, envolve em ciclos de diversas vulnerabilidades sociais, como negligência, abusos, fome e violência. Apenas Y.H. relatou que sua família sempre esteve ao seu lado zelando pelo seu bem estar, entretanto a mesma relata que com 11 anos ficou desaparecida por diversos meses, morando na rua, e a partir de então entrou e saiu diversas vezes do sistema.

Apesar do assunto delicado as participantes observa-se que este encontro as uniu e estabeleceu um vínculo mais estreito com as pesquisadoras.

⁹ PCC: Primeiro Comando da Capital .Tem cerca de 30 mil membros em 22 dos 27 estados brasileiros, além de países vizinhos, como Bolívia, Paraguai e Colômbia. A facção criminosa mantém suas principais ações no estado de São Paulo, onde estão cerca de 8 mil de seus membros em 90% dos presídios paulistas.

O quarto encontro ocorreu pela tarde, diferente dos demais. Ao chegar à penitenciária, a equipe de pesquisa foi informada de que duas participantes não estariam presentes, uma devido a uma audiência e a outra devido ao comportamento. Com apenas três participantes disponíveis, o encontro aconteceu de forma mais intimista e com bastante interação entre elas. A sala foi organizada pela equipe de pesquisa, incluindo um varal com imagens representativas de momentos escolares como, festas juninas, horário de alimentação, brincadeiras, letras e números. Após a chegada das participantes, a equipe conversou e acolheu aquelas que estavam mais animadas com assuntos internos, como "pipos" ou mais exaltadas. A professora Gabriela comentou brevemente sobre a importância de controlar os impulsos, convidando-as a refletir sobre como isso afeta diretamente suas vidas e não as demais pessoas.

Após uma conversa inicial, a equipe iniciou a discussão sobre a dinâmica, que envolvia a escolha de uma ou mais fotografias¹⁰ que trouxessem alguma lembrança dos momentos escolares das participantes.

A participante Y.H. escolheu uma foto do acervo pessoal da orientanda Éllen, que representava sua primeira formatura. A participante relatou ter escolhido esta imagem pois lembrou de sua formatura, na qual ela se sentia muito feia. Y.H. relembrou que durante sua infância se sentia muito feia e sofria bullying por parte dos meninos pois tinha um biotipo magro e gostava de coisas consideradas de "menino". A participante também lembrou que gostava das festas, escolhendo até outra imagem relacionada a festa junina, lembrou das festas de halloween que frequentava aos 11 anos já no fundamental II, onde segundo a mesma já consumia bebida alcoólica.

A participante T.F. escolheu uma foto que representava uma roda de crianças com a professora, para ela isso lhe lembrou sua época no abrigo. Com 7 anos ela foi adotada junto com seus irmãos por um casal cristão, após a morte da mãe, o pai acabou por devolver as crianças. A participante não detalha muito sobre sua época escolar, fica atrelada a essa lembrança e informa que foi uma época boa, que gostava muito da educadora do abrigo.

A participante M.F. escolheu duas fotos, uma referente a uma criança sorrindo, foto pessoal do acervo da equipe de pesquisa, e outra relacionada ao alfabeto, colocado na parede da sala. Nenhuma das fotos a relembrou da escola

¹⁰ Todas as imagens serão anexadas ao final do trabalho - Anexo 6

diretamente, a primeira lembrou que ela era uma criança sorridente, entretanto ninguém sabia o que ela passava, a participante em outros momentos já havia relatado um longo período de abuso durante a infância praticado pelo pai. A outra foto escolhida se referia ao alfabeto, foi uma análise mais profunda, pois a foto ia ficando mais embaçada devido ao enquadramento e a participante relacionou essa imagem ao apagamento da sua memória de uma lembrança boa da infância, ficando apenas com a lembrança do abuso cometido pelo seu pai.

Essa discussão trouxe outras situações entre as participantes, como por exemplo o uso de crack. T.F. relatou que usava drogas como crack e cocaína (perto de seu filho recém nascido), ela relata que já teve duas overdoses, em seguida aconselha que M.F. procure ajuda da Igreja Universal que foi lá que ela ficou limpa e isso já dura 2 anos, nesse momento Y.H comenta que precisa ficar limpa da cocaína.

Dando sequência a temática a equipe tenta retornar o assunto sobre escola, perguntando " *O que é a escola para você?*"

Y.H. diz que gostaria de ter aproveitado mais a escola, que frequentou até os 11 anos o ensino regular, essa participante foi a única deste grupo que fez o enem em 2022 dentro da instituição, frequentando a educação de jovens e adultos tanto no socioeducativo quanto na penitenciária. Y.H. relata que a escola sempre foi muito boa, que os professores e professoras também. Ao lembrar sobre o tempo do educandário, lembrou nomes, e até mesmo compartilhou com a participante T.F. que também passou pelo mesmo socioeducativo, ambas falaram que esse foi um momento bom, apesar da situação. Y.H. entrou pela primeira vez no antigo educandário com 13 anos e retornou com 16 anos por tráfico de drogas.

Maior de idade, a participante relata dificuldade em se manter empregada, não por ter ficado no educandário, mas sim pela a remuneração que era muito abaixo do que estava acostumada, devido a essa situação acabou retornando ao tráfico, hoje tem uma dívida com seu ex-empregador traficante de 6 mil reais.

T.F. cresceu, morou e estudou sempre em Fazenda Rio Grande, estudou até o sétimo ano e fez quatro matérias na EJA. Sua época escolar foi boa, relata que gostava de ir para escola, de ler, fazia todas as atividades antes que todo mundo e seus professores gostavam disso, após terminar as atividades ficava aprontando com as outras crianças, mas ninguém reclamava pois tinha boas notas. A participante também relata que sofreu com bullying na escola e brigava muito com os meninos. Certa vez, brigou na escola com um garoto e a atitude da diretora da foi

suspendê-la para que ela não apanhasse mais, entretanto ele foi até uma festa e este garoto com outros dois bateram nela, a amachucando bastante, então seu padrasto (traficante) foi até a vila deste garoto e o ameaçou. Após algum tempo ela armou uma cilada para ele o batendo com uma ripa na saída da escola, o deixando bem machucado.

Pensando em demais funcionários da escola, havia uma senhora da limpeza da qual ela não se recorda do nome que conversava com ela, que a enxergava, perguntava sobre seu dia, aconselhava para que parasse de brigar, elas também trocavam cigarros. T.F. também passou pelo socioeducativo, lembra com carinho das educadoras, entre elas uma muito especial que falava que iria levá-la para casa, levava roupas para ela, produtos de higiene e até a levava para passear aos finais de semana, já que sua família não ia visitá-la.

M.F. foi para França com sete anos, foi alfabetizada em francês. Durante dois meses somente ficou em uma classe para que se habitua-se com o idioma e logo em seguida foi para uma classe regular. Estudou na França até o primeiro ano do ensino médio, mas devido a diferença educacional do Brasil e da França, seu período educacional corresponde até o nono ano. A participante relata xenofobia por parte de uma professora, que a irritou muito falando que ela não seria nada por ser brasileira.

A participante diz que "*A escola pra mim foi a rua*", a participante Y.H. complementa "*e a cadeia é a faculdade*". Apesar da ausência de duas participantes o encontro foi dinâmico e sensível às participantes, não sendo possível concluir todas as propostas, entretanto foi um momento destinado ao acolhimento e desabafo das participantes. Para finalizar este encontro as participantes puderam vivenciar um momento diferente, como experimentar pela primeira vez bala de banana vinda direto de Morretes.

O quinto e último encontro aconteceu pela manhã, no mesmo auditório que os demais encontros aconteceram. As participantes nesse dia, estavam particularmente mais falantes que o costume, interrogando e questionando. A sala foi organizada em um semicírculo, em cada cadeira foi colocada uma caixa de sapato embalada em papel kraft, onde dentro continha um espelho, em cima da caixa havia um bombom em forma de agradecimento pela participação na pesquisa.

A intenção desta atividade era de proporcionar às participantes uma reflexão sobre quem elas são no "agora". Ao abrirem a caixa, as participantes ficaram

durante um longo tempo de admirando, observando seus detalhes, algumas comentaram sobre quando foi a última vez que se viram desta forma, e como faziam para se observarem ali, dentro do sistema penal como por exemplo, se olhando pelo reflexo do registro do chuveiro. As perguntas disparadoras da dinâmica se perderam no meio da admiração do reflexo delas mesmas, a equipe de pesquisa permitiu então que elas se envolvessem nesse momento e refletissem sobre as perspectivas futuras que almejam para si mesmas. Questionando-as sobre quem foram, quem são agora e quem desejam ser.

A pesquisa de fato foi se encerrando, quando uma a uma das participantes foi sendo convidada a ir a capela onde junto à orientadora desta dissertação a aplicaram a entrevista semiestruturada, com perguntas previamente preparadas para o coletivo, quanto de forma individual. Enquanto uma a uma as participantes se encaminharam para a capela, as demais permaneceram no auditório produzindo um retrato¹¹ da participante escolhida.

W.H. desenhou M.F.;

M.F. desenhou Y.H.

Y.H. desenhou T.F.

T.F. desenhou W.H.

O momento final da pesquisa envolveu algumas emoções mais fortes, tanto pela despedida, quanto pelas perguntas abordadas. Este último encontro se encerrou mais tarde que os demais, em torno das 12:00 horas, com isso a despedida foi mais acelerada, a equipe se despediu das participantes acenando para elas na varanda que tem vista para o pátio, enquanto as mesmas retornavam às suas celas.

5.6 UNIDADE MASCULINA

¹¹ Todos os retratos serão anexados ao final do trabalho - Anexos 7 e 8



A coleta de dados teve início na unidade masculina em janeiro de 2023, logo após o encerramento da pesquisa na unidade feminina. Devido à dinâmica própria da unidade, os encontros foram previamente agendados e seguiram um cronograma mais rigoroso, não havendo possibilidade de troca de datas.

Após contato telefônico e via email com a equipe diretiva da unidade, a equipe da pesquisa foi recebida com grande parte das demandas previamente encaminhadas. A equipe de segurança, seguindo os critérios de seleção, elencou os candidatos e os encaminhou para a entrevista prévia.

Essa entrevista prévia ocorreu na sala de segurança, tendo como objetivo explicar aos participantes o que era o estudo e questioná-los sobre seu interesse em participar ou não da pesquisa. Neste primeiro dia, a pesquisadora e a professora Gabriela foram responsáveis por essa parte.

Inicialmente, a equipe de segurança encaminhou seis candidatos, entretanto, um deles já não se enquadrava no critério de idade, pois recentemente havia completado 25 anos. Com os cinco participantes selecionados e dispostos a participarem da pesquisa, a pesquisadora leu e explicou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1) e o Termo de Uso de Imagem e voz (Anexo 2), todos assinaram, e ficou acordado nosso retorno no dia seguinte.

O segundo encontro ocorreu pela manhã, onde novamente a única intercorrência foi a liberação na entrada, o que novamente atrasou o desenvolvimento da atividade. Na unidade masculina, a sala destinada para a realização das atividades se encontrava em um complexo educacional dentro da própria unidade, com salas de aula, sala de informática e biblioteca. O responsável por esse setor, um rapaz em privação de liberdade, sempre deixava a sala organizada e limpa para que os encontros ocorressem tranquilamente.

Diferente da unidade feminina, na unidade masculina muitas vezes os encontros aconteciam com a presença de um agente de segurança terceirizado, em alguns momentos ele permanecia sentado na sala, em outros em pé na porta, algumas vezes saía e o grupo fluía com mais liberdade.

Devido ao nosso atraso de quase uma hora, os participantes começaram a acreditar que a pesquisa havia sido cancelada, alguns estavam dormindo novamente e outro estava em curso de soldador; optamos por liberar esse em questão da pesquisa, pois ficou nítido que seu interesse maior era estar no curso¹². Com quatro participantes retomou-se a temática do projeto de pesquisa e a intenção envolvida, reforçando que qualquer desconforto seria validado e que os participantes poderiam sair do estudo a qualquer momento. Foi informado também que o lanche disposto na mesa ao lado era uma forma de agradecimento pela participação dos mesmos, e que eles poderiam ficar à vontade para servir. O lanche tinha: água, refrigerante, café, leite, bolachas e torta de banana. Esse gesto fez com que os participantes ficassem mais dispostos e comunicativos, cada um à sua maneira, estreitando o vínculo.

Dos quatro participantes, dois optaram por utilizar nomes fictícios e dois preferiram serem identificados apenas com suas iniciais. Dando seguimento à proposta do estudo, foram aplicados pela equipe de pesquisa os seguintes instrumentos: Inventário de Estilos Parentais (IEP) (GOMIDE, 2006), Questionário Histórico Infracional Familiar (adaptado de Gomide, 2015) e Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF) (MARTURANO, 2006). Esses instrumentos foram analisados e corrigidos com base em seus respectivos manuais.

¹² O curso permite o aperfeiçoamento profissional de pessoas privadas de liberdade. Ensinando uma nova profissão, o que permite a remição por trabalho, conforme o artigo 126, 1º, da Lei de Execução Penal. A remição por meio do trabalho garante ao condenado um dia de pena a menos a cada três dias de trabalho.

Em sequência, ocorreu a leitura da carta de apresentação (ANEXO 3) elaborada pela mestrandia, com o intuito de explicar aos participantes a motivação pessoal desta pesquisa. Durante a leitura, os participantes se mantiveram em silêncio, atentos à comoção que o momento teve; somente ao final comentaram brevemente sobre alguns aspectos parecidos que acabaram se cruzando.

Após este momento, a equipe de pesquisa conduziu a próxima atividade, relacionada à escrita da carta para o "seu eu criança". Os participantes se mostraram bem participativos, não desejaram compartilhar com os demais, dobraram as cartas e as guardaram em envelopes.

O terceiro encontro ocorreu pela manhã, e mesmo com a intercorrência da liberação da entrada, os participantes já estavam informados e ficaram mais tranquilos aguardando a chegada das pesquisadoras. A equipe de segurança da unidade advertiu a equipe de pesquisa sobre o "prejuízo" para os participantes de serem recepcionados com comidas de fora sempre, pois isso poderia deixá-los *"folgados e mal acostumados"*, segundo eles. Após uma breve conversa sobre a importância deste momento, a equipe de pesquisa foi encaminhada para a sala novamente, dispondo as cadeiras em forma de semicírculo com uma mesa no centro, sobre a mesa, balas com três sabores diferentes. Na mesa ao lado, foi montada a mesa do lanche, com café, leite, água, refrigerante, torta salgada e bolachas.

Assim que os participantes foram conduzidos para a sala, foram recepcionados, acolhidos e conversaram um pouco com as pesquisadoras, relatando sobre visitas, pátio, comida, trabalho, estudos.

Seguindo a proposta do estudo, a orientanda ofereceu balas aos participantes, instigando-os a pegarem mais de um sabor. Em seguida, contou a história que regia a dinâmica (a mesma proposta na unidade feminina, seguindo os mesmos critérios) os participantes trocaram as balas entre si, sem conversarem muito. Após a explicação da pesquisadora sobre o que de fato significava cada cor.

Rosa: lembrança da infância;

Amarela: característica pessoal;

Verde: um sonho;

O participante R.B. escolheu a bala amarela e descreveu a si mesmo como uma pessoa criativa, um artista que escreve músicas. Já o participante R.S. pegou a bala rosa e lembrou-se de um acontecimento de sua infância: certa vez, não queria

ir para a escola, mas sua avó o forçou a ir e bateu nele. Na escola, R.S. se envolveu em uma briga com outro aluno, o que resultou em agressão física a ele e suspensão das atividades escolares.

L.K. também escolheu a bala rosa e lembrou quando era mais novo e adorava andar de bicicleta, acabando por fugir de casa durante as madrugadas. Certa vez, seu pai descobriu e vendeu sua bicicleta como punição.

Coringa ficou com a bala verde e compartilhou seu sonho de um dia se tornar um doutor. Quando questionado sobre que tipo de doutor ele gostaria de ser, ele não soube responder, mas disse que desejava ser muito estudado.

Com o objetivo de aprofundar o conceito de família, o quarto encontro teve questões como:

“O que é família para você?”

“Como era sua relação com sua família antes do encarceramento?”

“Como é sua relação de família agora?”

Diferentemente das participantes do sexo feminino, os participantes do sexo masculino responderam de maneira direta. L.K. e Coringa definiram família como *"tudo"* e *"mãe"*, respectivamente. R.S. conceituou família como *"quem acolhe"*, e ele via esse papel em sua avó, embora ela tenha falecido quando ele contava com 15 anos. Seu pai lhe solicitou uma mudança de vida após a morte de sua mãe e irmão, mas ele não se sente respaldado. R.B. afirmou que *"parente não é família"* e relatou experiências nas quais pessoas que não eram parentes se mostraram mais familiares do que aqueles de vínculo sanguíneo. Ele lamenta não ter dedicado mais atenção à sua mãe.

O quinto e último encontro ocorreu pela manhã, no mesmo auditório em que os encontros anteriores tiveram lugar. A entrada da equipe de pesquisa transcorreu tranquilamente. A equipe de segurança mais uma vez chamou a atenção pelo volume de alimentos e, nesse dia específico, houve a distribuição de chocolates. A pesquisadora, dessa vez, expressou sua gratidão pela disposição dos mesmos e ressaltou que aquele seria o último encontro.

Ao fazer um breve resumo das reuniões anteriores, os participantes comentaram que desde o início da pesquisa não haviam tido momentos de recreação no pátio. No entanto, nesse último encontro, todos puderam sair das celas, com alguns jogando bola e outros conversando. Por esse motivo, a equipe de

pesquisa percorreu os corredores das galerias e passou pelas celas. A estrutura do ambiente era fria, com paredes pintadas em tons de branco e azul, transmitindo uma sensação de limpeza.

As celas eram fechadas com portas metálicas, contando com pequenas aberturas. Os agentes que acompanhavam a equipe de pesquisa forneceram explicações sobre as celas destinadas a visitas íntimas e também sobre o espaço reservado para atividades religiosas.

Já no espaço designado para os encontros, a equipe organizou a sala em formato de semicírculo. Em cada cadeira, foi colocada uma caixa de sapato embalada em papel kraft. Dentro de cada caixa, havia um espelho, com um bombom sobre ela, como forma de agradecimento pela participação na pesquisa.

Conforme os participantes iam chegando, comentavam sobre estarem suados devido ao jogo de futebol no pátio. Alguns expressavam preocupação se o encontro realmente ocorreria.

Seguindo a proposta da dinâmica e buscando o objetivo do encontro, os participantes foram convidados a abrir as "caixas do tesouro" e observar seu conteúdo. Diferentemente das participantes mulheres, os homens se olharam, trocaram elogios, mas não demonstraram a mesma empolgação e sensibilidade. Isso se deu em razão de os homens nesta unidade poderem possuir espelhos em suas celas. Apesar de estarem há mais tempo privados de liberdade, eles conseguiram notar as mudanças em seus rostos e confrontar as aparências que tinham e ainda têm.

Quando questionados sobre o que veem ao olhar para o espelho, os participantes compartilharam algumas características e sentimentos.

R.S. relatou que vê um garoto extrovertido e brincalhão que não pode mais "*pisar na bola*". L.K. diz que enxerga um homem amoroso e dedicado, mas que também se sente muito revoltado pela situação em que se encontra. Ele expressa: "*É difícil estar preso, sem contato com a família, sem poder trabalhar, apenas na cela o tempo todo*".

Coringa afirmou que não enxerga nada além de um rapaz revoltado por estar onde está e não poder mudar essa realidade.

R.B., ao se contemplar no espelho, menciona que percebe "*mais maturidade*". Ele costumava ser impulsivo e guiado pelas emoções. Ainda se considera alguém briguento, orgulhoso e sem limites, mas naquele momento sentia orgulho do próprio

percurso e das situações que atravessou, pois tudo isso contribuiu para forjar quem ele é hoje.

A pesquisadora então questionou os participantes sobre como acham que as pessoas o veem e quais são suas perspectivas para o futuro. L.K. relatou que na verdade acredita que as pessoas não veem. *"Se as pessoas da minha vila não soubessem quem eu sou, dos meus crimes eu seria uma pessoa boa, porque ia tá só vendendo a minha droga."* Ele completa dizendo que gostaria que as pessoas esquecessem que ele existe, no momento da pesquisa relata não ter grandes expectativas para seu futuro.

R.S. descreve que as pessoas quando passavam por ele na rua iam desviando, por medo, por preconceito, acredita que é visto como uma pessoa ruim somente. R.S. diz que apesar de estar "puro odio", não deseja permanecer no crime, deseja estudar e ser engenheiro civil.

R.B. relata que não se importa com o que as pessoas pensam sobre ele. *"Ninguém me ajudou, até meus parceiros falam mal de todo mundo pelas costas"*. R.B. comenta que tudo que importa é o que sua família pensa sobre ele e que espera dar orgulho para sua mãe em um trabalho digno.

Coringa, por sua vez, relata que desde sempre sua família e ele foram julgados por *"mexerem com coisas erradas"* e por isso já está acostumado. Sobre o futuro, pensa em ser doutor, de qualquer coisa, mas sabe que o caminho será longo e vai depender muito dele.

Dando sequência a atividade proposta, a pesquisadora se encaminhou para um canto mais reservado da sala para aplicar a entrevista semiestruturada. Diferente da entrevista aplicada com as participantes mulheres, as perguntas foram padrão para todos, pois os participantes homens responderam todas as questões abordadas durante o grupo. Enquanto a entrevista era realizada de forma individual, os participantes realizaram o desenho do retrato .

- R.S. desenhou L.K.
- L.K desenhou R.B.
- R.B. desenhou Coringa
- Coringa desenhou R.S.

A pesquisa foi se encerrando conforme as entrevistas foram sendo concluídas, os participantes pediram autorização para tirarem fotos, o que foi permitido, R.B.pediu para gravar um vídeo com uma música que fez para a equipe

de pesquisa sobre sua vida. A música foi gravada e R.B. se apresentou para todos os participantes, a pesquisa se encerrou com os participantes preparando "marmitas" para levar para os companheiros de cela.

Abaixo, na Tabela 2 apresenta-se uma descrição mais detalhada sobre as atividades realizadas no grupo focal.

TABELA 2 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM CADA ENCONTRO

SESSÃO TEMPO	PARTICIPANTES	OBJETIVO	PROCEDIMENTOS - DINÂMICA	PERGUNTA	MATERIAIS
1 ^a 3 HORAS	5	Conhecer as(os) participantes e investigar percepções da infância	Acolhimento dos sujeitos da pesquisa: As participantes foram acolhidas no auditório destinado pela unidade. As cadeiras foram organizadas em semicírculo e os materiais necessários para a sessão foram dispostos de forma eficiente a fim de não prejudicar o desenvolvimento do trabalho. Em todas as sessões a pesquisadora disponibilizou lanches e água para as participantes, assim como todos os materiais necessários. No primeiro encontro, a equipe de pesquisa apresentou as participantes, colocando-se à disposição para auxiliá-las ao longo do processo de pesquisa. De forma individual foram aplicados os instrumentos de pesquisa, em seguida ocorreu a leitura da carta da pesquisadora. A carta foi escrita pela pesquisadora discorrendo sobre sua trajetória pessoal, educacional e profissional até o momento a fim de buscar estabelecer um vínculo com as participantes. Após este momento as participantes foram convidadas a escreverem uma carta para sua “versão criança”, compartilhando suas vivências, memórias e conselhos.	X	Instrumentos de pesquisa Termos 50 Folhas de papel Sulfite branco 10 envelopes de carta 10 Canetas esferográficas pretas 5 Lápis de escrever 3 borrachas 5 Pranchetas 20 copos descartáveis 1 pacote de bolacha salgada 1 bolo caseiro já fatiado 1 pacote de açúcar 2 colheres de metal com cabo de plástico 1 Garrafa térmica com café puro 1 garrafa térmica com leite 1 garrafa de coca cola 2 litros 1 pacote de guardanapo de papel 1 jarra de plástico 1 Máquina fotográfica, com 4 pilhas e 1 cartão de memória
2 ^a 3 HORAS	5	Investigar sobre as identidades de si,	A fim de conhecer um pouco mais sobre as participantes, foi aplicado a seguinte dinâmica: Foi disposto em um refratário balas de três sabores diferentes (morango, uva, maçã verde), os(a) participantes serão convidados a se servirem	O que é família para você?	2 Pacotes de bala de iogurte sabores diversos

		relações afetivas e familiares.	de quantas desejarem, do sabor que preferirem. Em seguida, a pesquisadora irá contar a seguinte história: <i>“Estamos em um avião fazendo uma longa viagem e infelizmente fomos informados que ocorreu um problema no motor da asa direita. Lamentamos informar, também, que o motor da asa esquerda acabou de dar pane. Só poderão ser salvas as pessoas que tiverem três balas do mesmo sabor na mão”</i>. Neste momento foi possível observar a reação do grupo, as trocas entre as participantes, que apesar de tímidas decidiram se “ajudar” para que todas ficassem a “salvo”. Após este momento, a pesquisadora deu sequência a dinâmica, as participantes que ficaram com o sabor de morango, discorreram sobre sobre uma característica pessoal, as que ficaram com o sabor de uva compartilharam com o grupo uma lembrança da infância e as que ficaram com o sabor de maçã verde falaram sobre um sonho. A pesquisadora percorrer algumas perguntas-chaves relacionadas à relação familiar, como por exemplo: “O que é família pra você?” “Como era sua relação com a sua família antes do encarceramento?” “Como é sua relação de família agora?” Os questionamentos partiram da interação do grupo e de como as participantes se sentiam confortáveis com relação a estas indagações, mantendo o diálogo e acolhendo as demandas sensíveis das participantes.		10 Folhas de papel sulfite branco 3 canetas esferográficas preta 2 Pranchetas 20 copos descartáveis 1 pacote de bolacha doce recheada 1 torta salgada já fatiado 1 pacote de açúcar 2 colheres de metal com cabo de plástico 1 Garrafa térmica com café puro 1 garrafa térmica com leite 1 garrafa de coca cola 2 litros 1 pacote de guardanapo de papel 1 jarra de plástico 1 Máquina fotográfica, com 4 pilhas e 1 cartão de memória ;	
3ª 4 HORAS	4	Investigar sobre as identidades de si e dos outros e as relações estabelecidas com o ambiente escolar: vínculos, relações, aprendizagem e motivações.	No auditório destinado pela instituição, foi organizado um “mural de lembranças escolares”, em que foram dispostas diversas gravuras em preto e branco, de situações escolares distintas, de pessoas anônimas e da própria equipe. As participantes foram convidadas a observarem as imagens e escolherem uma ou mais que pudessem se aproximar de suas memórias escolares. Após, as participantes foram convidadas a compartilhar essas lembranças com o grupo. De modo que ao longo do desenrolar da história foram indagadas sobre experiências escolares, como, por exemplo: “O que foi a escola pra você?” “O que você mais gostava na escola?” “O que menos gostava na escola?” “O que te motivava a frequentar a escola?”	O que foi a escola para você?	40 pregadores de roupa de madeira 40 Imagens públicas ou cedidas pela equipe de pesquisa, impressas em preto e branco. 20 Folhas de papel sulfite branco 3 canetas esferográficas preta 5 Pranchetas 5 canetas permanentes preta 20 copos descartáveis 1 pacote de bolacha salgada 1 bolo caseiro já fatiado 1 pacote de açúcar	

					2 colheres de metal com cabo de plástico 1 Garrafa térmica com café puro 1 garrafa térmica com leite 1 garrafa de coca cola 2 litros 1 pacote de guardanapo de papel 1 jarra de plástico 1 Máquina fotográfica, com 4 pilhas e 1 cartão de memória ;
					Quais suas expectativas com relação ao seu futuro?
					A sala foi disposta da mesma maneira que nos encontros anteriores, a única diferença foi que em cada cadeira havia uma caixa de sapato, embalada em papel kraft, escrita caixa de tesouro. Buscando atingir o objetivo proposto, será aplicada a seguinte dinâmica no encontro. Cada participante receberá uma caixa, a participante deverá abrir, observar o conteúdo e guardar “segredo” sobre o que viu. Dentro da caixa haverá um espelho, no qual as participantes devem se observar por algum tempo e depois foram convidadas a responder algumas perguntas, como: “Quem é você hoje?” “Quem você é hoje é diferente de quem você era antes da prisão?” “Como as pessoas te veem?” “Como você gostaria de ser vista?” “O que te trouxe a essa situação?” “Quem você quer ser?” O encerramento deste encontro se deu com uma confraternização e a entrega de um chocolate e agradecimento as participantes.
4 ^a 3 HORAS	4	Identificar como a relação com o cárcere, a sociedade e a instituição escolar, influencia na perspectiva de futuro da pessoa em situação de cárcere?			5 caixas de sapato, embrulhadas em papel kraft com 1 espelho em cada. Espelho envolto em moldura de plástico, fixado com cola na caixa. 1 rolo de barbante cru Produções realizadas pelas participantes 10 Prendedores de roupa de madeira 10 bombons de chocolate com uma mensagem e agradecimento pela participação 2 pranchetas 2 canetas esferográficas pretas 20 copos descartáveis 1 pacote de bolacha doce 1 bolo caseiro já fatiado 20 sanduíches de peito de peru com requeijão 1 pacote de açúcar 2 colheres de metal com cabo de plástico

					1 Garrafa térmica com café puro 1 garrafa térmica com leite 1 garrafa de coca cola 2 litros 1 pacote de guardanapo de papel 1 jarra de plástico 1 Máquina fotográfica, com 4 pilhas e 1 cartão de memória
--	--	--	--	--	--

FONTE: A autora (2023)

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de apresentar os resultados e discussões desta pesquisa que analisou as trajetórias de vida de jovens em privação de liberdade, com foco nas influências familiares e escolares, utilizou-se a metodologia proposta por Bardin (1977) para a análise de conteúdo. O objetivo era identificar a influência da comunidade escolar, o histórico infracional de familiares e os estilos parentais utilizados pelos pais e/ou cuidadores. A análise desses aspectos é fundamental para uma melhor compreensão dos fatores que contribuem para a privação de liberdade desses jovens e para propor intervenções e políticas mais eficazes.

Seguindo as fases da pré-análise, exploração e codificação do material, foram recortadas falas e realizada a classificação dos elementos por diferenciação e agrupamento nas seguintes categorias para as mulheres: uso de drogas e álcool, situação de rua, prostituição, abusos durante a infância e adolescência, orientações sexuais, sistema socioeducativo, saúde mental, religião e escola. Para os homens, as categorias foram: uso de drogas, exposição à violência, relação familiar, sistema e escola.

Dessa forma, a análise dos dados seguirá as três etapas propostas na análise de conteúdo, de acordo com a metodologia de Bardin (2011), que consiste em tratar a informação a partir de um roteiro específico, iniciando com a pré-análise, na qual são escolhidos os documentos, formuladas hipóteses e estabelecidos os objetivos da pesquisa. Em seguida, ocorre a exploração do material, na qual são aplicadas técnicas específicas de acordo com os objetivos definidos. Por fim, há o tratamento dos resultados e interpretações, seguindo regras bastante específicas em cada fase do roteiro.

Com base nesse processo metodológico, espera-se obter uma compreensão mais aprofundada das experiências e vivências dos jovens em privação de liberdade, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções e políticas mais adequadas a essa realidade. Para tal finalidade serão apresentados inicialmente as características pessoais e educativas das(os) participantes, partindo dos relatos das/dos mesmos no grupo focal, da entrevista e das falas que ocorreram durante a

intervenção. Logo em seguida, serão apresentadas análises dos instrumentos de pesquisa (Inventário de Estilos Parentais (IEP) (GOMIDE, 2006), Questionário Histórico Infracional Familiar (adaptado de Gomide, 2015) e Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF) (MARTURANO, 2006)

Apresenta-se aqui, as cartas que as(os) participantes escreveram relatando um conselho, um sonho, algo que desejasse compartilhar com sua versão criança. Seguidamente, consta um breve relato pessoal da percepção da pesquisadora sobre estes indivíduos.

6.1 MULHERES

" Eu, W.H. tenho 20 anos de idade, sou mamãe de dois meninos lindos H.G. e A.W. Infelizmente não tenho coisas boas para falar da minha infância, perdi meu pai dom 9 anos de idade, e com 8 já batalhava um pouco para ajudar a minha mãe que havia feito três cirurgias nas pernas (trombose) nunca tive regras, muito menos cuidados e preocupações se tratando da minha família. Com 13 anos fui abusada pelo meu tio e depois disso conheci o mundo! Eu como adulta não voltaria na minha infância e o que aprendi dos meus 13 anos até aqui (20) não me orgulho pois então se eu voltasse na infância também não gostaria de viver da mesma forma que vivo hoje. Atenciosamente, W.H. The end."

W.H.

Whitney Houston, foi a cantora escolhida por essa participante em questão, aliás das cinco participantes esta foi a única que não quis ser chamada pelas iniciais de seu próprio nome. Whitney Houston a cantora, e a nossa participante tem algumas coisas em comum. Na minha percepção as mais notáveis são: a voz , já que a de ambas é tocante e envolvente, e a raça, duas mulheres negras. A partir de agora quando nos referirmos a Whitney Houston (W.H.) estaremos falando da nossa participante.

W.H. nasceu e cresceu na periferia da região metropolitana de Curitiba, em Almirante Tamandaré, onde morava inicialmente com sua mãe, seu pai, seu irmão e irmã. Aos oito anos começou a fazer bicos para ajudar sua mãe, que devido a uma condição de saúde (trombose) passava por algumas cirurgias nas pernas, o que a

levou a ser amputada dos dois membros inferiores. W.H relata que apesar destas circunstâncias, antes dos nove anos, era uma criança feliz, mas tudo mudou quando nesta idade seu pai faleceu de um câncer de próstata agressivo, e a partir deste momento ela e seu irmão mais velho começaram a ter mais responsabilidades pelo cuidado da casa e da família.

Na tentativa de ter uma ajuda em casa, sua mãe convidou seu irmão (tio da participante) para morar com eles, tio este que ingeria álcool em excesso e a assediava quando criança, chegando a abusar sexualmente de W.H aos treze anos. Ao relatar à mãe que havia sido abusada pelo tio, foi desacreditada, mas, segundo a mesma, não culpa sua mãe, pois junta que ela não tinha como a defender. Durante mais algum tempo, ela conviveu com seu



abusador sob o mesmo teto, buscando com seu irmão formas de se proteger, até que em uma nova tentativa reagiu, revidando a agressão, quebrando um copo de vidro no rosto do homem e deixou a casa. Atualmente, o abusador ainda mora na casa de sua mãe e para frequentar a casa da mesma, ela precisa ter contato direto com ele.

Após esse confronto, W.H. passou a transitar entre casas de amigos, casa da mãe e a rua. Durante esse período, segundo ela, conheceu o mundo do crime e das drogas, cometendo pequenos furtos e usando crack, cocaína e álcool para sobreviver na rua. Apesar dessa situação de vulnerabilidade, ela afirma que nunca sofreu nenhum tipo de abuso físico e sexual na rua, diferente do que acontecia em sua casa.

A trajetória escolar da W.H. também não foi das mais fáceis, quando pequena sofria muito bullying na escola devido ao seu cabelo (alopecia), diversas vezes foi

vítima de racismo dentro da instituição escolar, onde era chamada de "macaca". Ao ser questionada sobre possíveis adultos de referência dentro da escola como professores ou demais profissionais para relatar tais situações, a participante disse que não se sentia segura com os profissionais da escola, não tendo um vínculo e por isso não se sentia confortável para relatar possíveis problemas que aconteciam na escola ou em sua casa.

A participante estudou em duas escolas, uma de ensino fundamental I e uma de ensino fundamental II, a primeira vez que saiu da escola foi aos 13 anos quando foi morar na rua e a segunda quando aos 17 anos, segundo a mesma parou de frequentar a escola pois acabou engravidando pela primeira vez.

W.H. desenvolveu vício por drogas, especialmente cocaína e crack, foi detida pela primeira vez aos 17 anos por 155¹³, quando já não frequentava a escola. Depois deste episódio entrou e saiu diversas vezes tanto do sócio educativo quanto da penitenciária. Durante uma dessas saídas, para se sustentar começou a se prostituir e acabou engravidando novamente. No período gestacional continuou fazendo o uso de entorpecentes, segundo a mesma isso levou ao bebê a nascer abaixo do peso. Após alguns meses indo visitá-lo na UTI pediátrica, ele foi abrigado e destituído da família biológica.

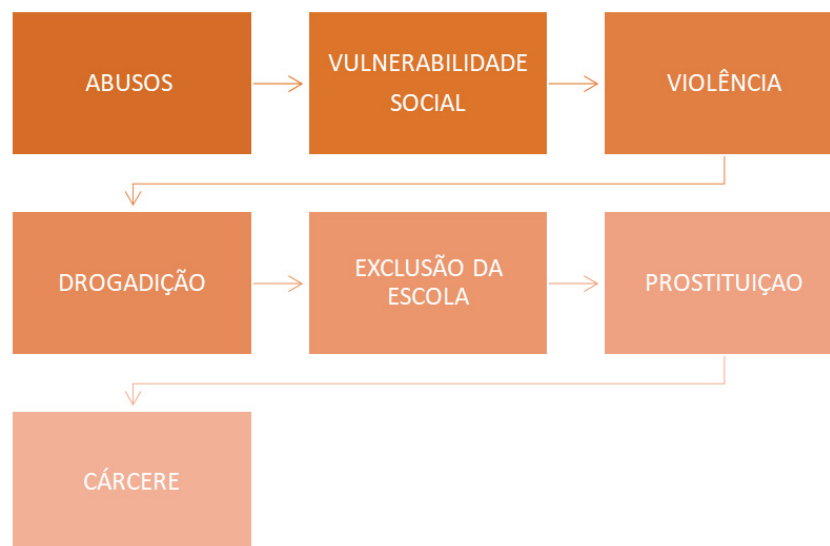
Hoje com 20 anos, W.H. não tem contato com os filhos, o mais velho mora com o pai e a madrasta, o mais novo ela não sabe onde está. No momento desta pesquisa, ela estava em privação de liberdade pelo artigo 157¹⁴ e há quase quatro meses aguarda a audiência para saber qual será seu destino. Não recebe visita ou sedex¹⁵. Apesar de achar importante estudar, não se vê voltando à escola e não conhece ninguém que obteve sucesso através dos estudos. Tem na religião uma fonte de esperança, durante os cultos religiosos que acontecem dentro das celas (galerias), W.H. tem a oportunidade de cantar (louvar), isso a acalenta e segundo ela, proporciona um sentido a sua existência.

¹³ Art. 155 - Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel: Pena - reclusão, de um a quatro anos, e multa.

¹⁴ Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: Pena - reclusão, de quatro a dez anos, e multa.

¹⁵ SEDEX é um serviço da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos de despacho expresso de documentos e encomendas. Em algumas penitenciárias o recebimento de "sedex" é conhecido como "Jumbo", que nada mais é que o envio de itens que os presos podem receber de seus familiares, como por exemplo alimentos, produtos de higiene pessoal, produtos de limpeza, roupas e cigarros.

FIGURA 1 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS



FONTE: A autora (2023).

Y.H.

“Hoje no dia 12 de Janeiro de 2023, eu falaria pra mim na minha infância par sempre valorizar a sua família, priorizar os estudos e jamais se envolver no mundo do crime, que nem sempre o dinheiro trará lucros, que às vezes as escolhas que nós tomamos nem sempre trará consequências boas, aproveite sua adolescência com sabedoria para poder ser uma adulta sem arrependimentos. Independente da situação respeitar seus pais, pois sempre falam as coisas para o seu bem.”

Y.H., é uma mulher com traços bem marcantes que não escondem sua descendência árabe, é extremamente cordial, extrovertida e comunicativa. Y.H. vem de uma família evangélica e até os onze anos morou com seu pai, sua mãe e seus dois irmãos, sendo ela a única menina da família, na região metropolitana de Curitiba. Seu irmão mais velho já esteve em situação de cárcere e ela gostaria muito que o irmão mais novo não fosse pelo mesmo caminho, mas não tem muita esperança em relação a isso.

Sobre a sua infância, ela relata que foi uma infância feliz, sem grandes dificuldades financeiras, seus pais eram atenciosos, mas acabava brigando muito com a sua mãe, pois desejava mais liberdade para sair, fumar e beber. Aos 11 anos fugiu de casa e foi "morar" na rua, na região central de Curitiba. Segundo ela, seus pais a procuraram somente na região onde moravam. Y.H. ficou quase um ano "desaparecida", tempo este no qual aprendeu a vender drogas e começou a usar outros tipos de substâncias, segundo a participante a única droga que não utilizou foi o crack. Durante esse tempo em que esteve na rua, além de vender drogas começou a se prostituir, relatou que uma mulher mais velha a ajudava a conseguir clientes e em "troca" Y. H. cuidava dela. Depois desse tempo acabou retornando para a casa dos pais, mas ficou durante pouco tempo, sendo aos 13 anos encaminhada para o socioeducativo por 155.



Nesta mesma época seu irmão mais velho ficou em situação de cárcere, cumprindo pena por cerca de sete anos, aos mesmo tempo em que ela entrava e saía do sistema socioeducativo, a relação com sua mãe ficou um tanto desgastada com essa situação, mas seu pai nunca a abandonou. Para ela, essa e as demais situações correlatas levaram seus pais a separação quando ela tinha dezesseis anos. Dos 17 aos quase 19 anos se envolveu em uma relação lesboafetiva, porém sua companheira acabou sendo assassinada por uma briga de gangues. Após este episódio ela começou a ter mais respeito dentro da "quebrada", conseguia se bancar, bancar seus amigos, mas o que para ela era mais significativo era o "status", ser a "mandrake" como ela mesma falava.

Y.H. conheceu um rapaz que também estava envolvido com o crime e relata que até tentaram levar uma vida "honesta", ela trabalhou como caixa de supermercado, local que foi efetivada rapidamente e ele trabalhava com serviços de jardinagem ou cuidando de carros, porém para ambos a remuneração era colocada como humilhante, ao considerarem o valor recebido comparado a dedicação de tempo e esforços que despenderam. Com isso, decidiram voltar para o tráfico de drogas. Seu marido foi preso em 2021, a participante relata que ele é integrante do PCC, e devido às condutas estabelecidas pela facção, ela não pode se separar dele, especialmente se ele estiver em situação de cárcere.

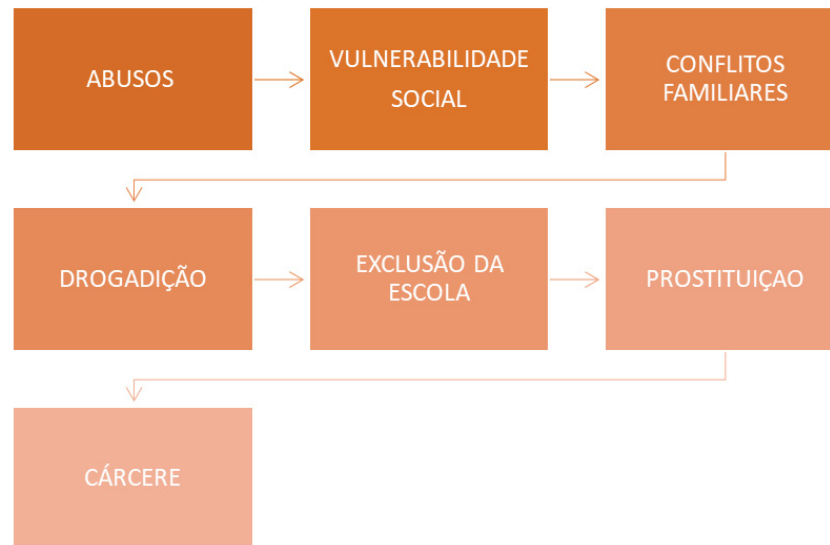
Sua trajetória escolar foi boa, no sentido de que gostava da escola e era boa aluna, porém era taxada de "má influência" pelos professores, carregou o estigma de aluno problema por anos na escola. Quando foi apreendida pela primeira vez aos 13 anos, já não frequentava a escola regularmente. No socioeducativo conseguia acompanhar um pouco melhor a rotina escolar, cursou até o sétimo ano na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA). Segundo ela, se não tivesse ficado presa tantas vezes não teria concluído os estudos.

Aos 21 anos, Y.H. cumpre pena pelo artigo 33¹⁶ e pelo artigo 14¹⁷, tem o sonho de se casar na igreja, de ser mãe e de cuidar de seu irmão mais novo. Em 2023, prestou pela primeira vez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), deseja cursar educação física e tem como referência seu tio, que conseguiu crescer na vida através dos estudos. Y.H é a participante que está a mais tempo em situação de cárcere, no momento da pesquisa, já estava na penitenciária há um ano e meio, tem a expectativa de sair em condicional no segundo semestre de 2024.

FIGURA 2 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS

¹⁶ Importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar;

¹⁷ Art. 14. Portar, deter, adquirir, fornecer, receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, remeter, empregar, manter sob guarda ou ocultar arma de fogo, acessório ou munição, de uso permitido, sem autorização e em desacordo com determinação legal ou regulamentar:



FONTE: A autora (2023).

T.F.

“Oi meu nome é T.F. tenho 22 anos hoje em dia 12/01/2023, mas eu diria pra T.F. criança ela escuta a avó dela e lembrar todos os dias o que a avó dela ensinou para ela, ser alguém no mundo e não seguir os caminhos da sua mãe, porque a E. só se envolvia com coisas erradas. Diferente da E. que se dizia mãe da T.F. e não dava a atenção que a T.F. merecia já a avó se preocupava demais, porém se ela tivesse seguido a criação que a avó deu pra ela hoje em dia ela não estaria presa, é isso o conselho que eu deixo para T.F. criança.”

T.F. chama atenção logo de cara por estar sempre com um sorriso no rosto, está incrivelmente com o cabelo sempre cortado e arrumado, é engraçada e comunicativa. T.F. é uma mulher de descendência indígena, lesbica desfem, mãe de duas crianças, uma menina de cinco anos e um bebê que na época da pesquisa tinha apenas seis meses.

A participante cresceu em uma cidade próxima a Curitiba, foi criada pela avó, a maior parte da vida. Sua mãe teve alguns problemas com drogas e com a justiça, perdendo a guarda dos filhos quando T.F. tinha apenas três anos. A participante se recorda com muito carinho da época que ficou abrigada e também do curto período de tempo que ficou acolhida em uma família evangélica. Tragicamente, a mulher que a acolheu acabou falecendo e seu companheiro devolveu as crianças para o abrigo,

a partir de então T.F. e seus irmãos, um menino e uma menina ficaram sob a tutela da avó materna. T.F. nunca conheceu seu genitor.

Apesar das dificuldades financeiras e das brigas constantes entre sua mãe e a sua avó, a participante relata que sua infância foi boa, tinha uma rotina com horários para comer, para tomar banho e as demais tarefas, além da sua avó se preocupar com ela de maneira positiva, com relação a suas notas e frequências escolares. Porém sua trajetória escolar não foi agradável em nenhum momento. T. nunca performou a feminilidade, quando criança preferia jogar bola no intervalo, mas os colegas não permitiam e com isso ela brigava constantemente. Ela relata também que não gostava do uniforme, preferia usar ele mais largo, e isso também a fazia ser



alvo de bullying. Buscando outras alternativas para permanecer neste espaço, trocou de escola quatro vezes, porém em nenhum sentiu-se segura e acolhida.

T.F. relata que uma das poucas vezes que se sentiu acolhida, respeitada e amada foi quando esteve no socioeducativo e uma das educadoras

cuidava dela como uma filha, a levava para passear, a presenteava com roupas, produtos de higiene e conversava com ela. Durante esse tempo, não recebeu visita e auxílio financeiro da família, pois a mesma não tinha condições para tal.

Ao longo de sua adolescência a participante relata que se envolveu em trocas de escola, também se envolvia com o uso de drogas como: maconha, cocaína e álcool, desenvolvendo uma dependência química com relação à cocaína.

Após sair do socioeducativo e voltar a morar com a sua avó, voltou a traficar e cometer pequenos furtos, entretanto a necessidade pela droga era além do que ela conseguia sustentar financeiramente, então começou a se prostituir para conseguir manter seu vício, o que acabou levando a uma gravidez indesejada. Sua mãe, após saber que seria avó, voltou a se aproximar dela e em um dado momento a participante entregou sua filha à sua mãe, por entender que haveriam mais oportunidades e segurança para a criança. Faz quatro anos que T.F. não vê a filha,

segundo ela a menina é bem cuidada pela avó, que deixou o mundo do crime e as drogas por amor a neta.

T.F. então, iniciou um relacionamento lesbofetivo com outra mulher, que segundo ela trabalha em um emprego fixo, não usa drogas ou é envolvida com atos criminais. Assim como antes, T.F. continuou a praticar furtos e a traficar drogas, agora desenvolvendo dependência do crack. Novamente acabou engravidando, durante a gestação e ao longo dos primeiros meses de vida do bebê continuou a usar entorpecentes, segundo ela o que a fez encontrar a sobriedade foi a Igreja Universal.

Em janeiro de 2023, na data desta pesquisa, T.F. estava detida há 20 dias por furto em shopping, segundo ela estava limpa há três meses. Seu filho mais novo estava sob os cuidados de sua companheira, que estava com ela há seis anos, porém dentro da penitenciária, T.F. acabou se envolvendo com outra detenta, sendo até mesmo cortejada por diversas outras mulheres com frequência. Dentro da penitenciária observa-se que pela primeira vez sua performance de gênero foi valorizada e desejada.

Quando encerramos essa pesquisa, T.F. com 22 anos, não sabia onde seu filho estava, sua companheira até então, entregou o bebê para outra pessoa e não deu mais notícias. T.F. deseja ter sua liberdade de volta, concluir seus estudos, cuidar do seu filho e se manter limpa, segundo ela deseja ser uma referência de “pai” para seu filho, no sentido de sustento e proteção.

FIGURA 3 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS



FONTE: A autora (2023).

D.E.

“O que eualaria para uma criança e para mim criança?

Estudaria mais, daria valor para a família. Quando eu era criança me lembro que tive poucos mas bons momentos com a minha família, e nunca passaria na minha cabeça que eu seria o que sou hoje. Se fosse pelos conselhos e exemplos da família seria uma D. melhor. Tenho uma pessoa que me marcou muito em minha vida, minha avó, se ela estivesse presente hoje em minha vida não teria dado essa reviravolta. Lembro até hoje que era ela quem fazia melhor salada de tabule, mas Deus teve que levar ela. Mas sou feliz assim mesmo sendo o que sou, já sofri, mas sou guerreira desde já.”



D.E. é uma mulher extremamente comunicativa, às vezes muito agitada, não teve receios de compartilhar sua história conosco, porém devido a algumas circunstâncias é a participante que menos conhecemos. D.E. é mãe de um menino de sete anos, o qual ela não sabe ao certo quem é o genitor, não tendo apoio na

criação dele, sendo assim, compartilhou que acreditava que no momento seu filho estava com uma vizinha, mas ela não tinha muita certeza sobre essa questão.

D.E. foi criada pela sua tia paterna, segundo ela sua mãe teve onze filhos, dos quais vendeu todos em troca de dinheiro e drogas, temendo que isso acontecesse, sua tia se compadeceu e a adotou. Seu pai apareceu poucas vezes durante sua infância, a ajudava com dinheiro, trazia um brinquedo, uma roupa, mas nunca estava presente.

Sua tia sempre trabalhou muito e segundo ela nunca passou nenhuma dificuldade, tinha uma casa segura, roupas, comida, brinquedos, livros e várias regras a serem seguidas. A participante relata que sua tia era bem rigorosa com questões escolares e de comportamento, era também bem criteriosa com as demandas da casa e não permitia que ela limpasse nada por receio que ela viesse a quebrar alguma coisa.

D.E. falou que quando criança sofreu uma queda e acabou ficando em coma por três meses e depois disso passou a ter convulsões e seguiu tomando medicações até adolescência, hoje faz apenas uso de medicações controle da ansiedade, entretanto, não consegue ter muito controle sob as dosagens e acaba consumindo tudo de uma vez.

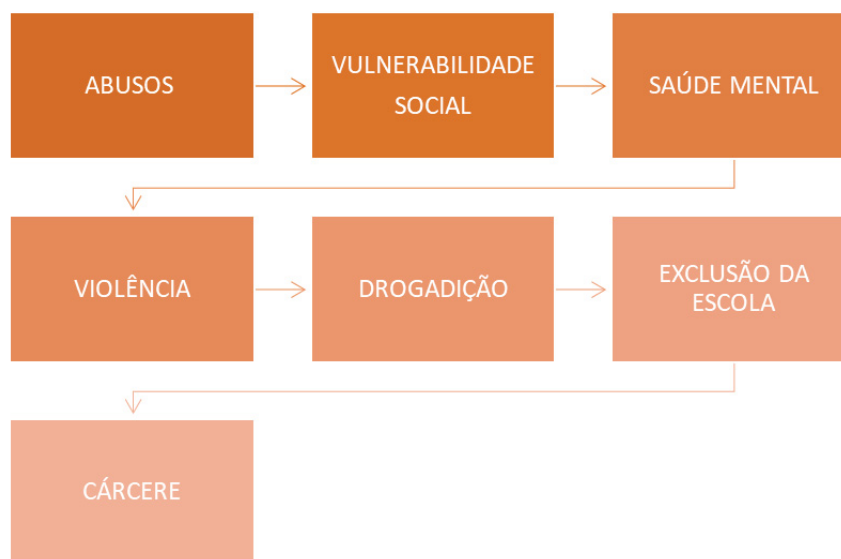
Durante nossos encontros a participante relatou um pouco sobre suas vivências, trazendo que ela sempre morou na região metropolitana de Curitiba, estudou em boas escolas e conclui o ensino médio por pressão da sua tia, entretanto em alguns momentos ocorreram contradições em seu discurso, discorrendo que não estudou todo o período escolar da educação básica, sua mãe mora próximo à penitenciária, porém não a visita, apenas envia sedexs. Em alguns momentos pareceu confusa na descrição das suas histórias, uma das poucas informações que conseguimos comprovar foi a de que essa é sua 22ª detenção, passando diversas vezes pelo socioeducativo e por penitenciárias, geralmente por tráfico e roubo.

A participante relata que sente muitas vezes a necessidade de cometer pequenos furtos, pela adrenalina que sente no momento do ato. Em uma das nossas últimas conversas ela nos mostrou sua mão, onde recebeu 14 facadas por roubar dentro da comunidade onde morava, tendo sido punida pelos traficantes da região, essas lesões além de cicatrizes causaram grande perda da sensibilidade no local. No nosso terceiro encontro, D.E. não estava presente pois havia se envolvido em uma briga no pátio e acabou indo para a tranca (solitária), em média deveria ficar sob

essa punição por dez dias, o que já impossibilitaria seu retorno a pesquisa, mas em três dias acabou saindo seu alvará de soltura e ela retornou para sua casa.

Cabe mencionar que em Junho de 2023, no momento em que o grupo de pesquisa retornou à penitenciária para dar seguimento a outra face da pesquisa, a participante havia retornado à unidade.

FIGURA 4 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS



FONTE: A autora (2023)

M.F.

“ Oi eu me chamo M. tenho 22 anos, quando eu tinha 10 anos de idade morava com meu pai e comecei a sofrer abuso. Com 15 anos o conselho me pegou e conheci o crack, morei na rua durante 9 anos e fui escrava do crack também. Hoje eu tenho 22 anos e vejo quanto tempo eu perdi usando drogas, sabendo que eu tenho profissão. Se eu fosse dar um conselho pra mim mesmo não seria pra M. do passado, porque o passado ficou eu daria um conselho para a M. do futuro não persistir nos erros do passado e tentar esquecer e viver o presente porque nosso futuro depende dele.”



M.F. é uma das participantes mais marcantes que tive a oportunidade de conhecer. Ela é quieta, aparenta ser desconfiada, tímida talvez, é muito educada e

gentil. M.F. é uma mulher lésbica desfem, sobrevivente de uma vida muito difícil.

M.F. nasceu e ficou boa parte da sua infância na região metropolitana de Curitiba, morou até os quatro anos com a sua mãe, a mesma perdeu sua guarda

devido ao uso de drogas. Sua mãe tem mais seis filhos que ela nunca teve contato, acabou falecendo de overdose por drogas.

Dos 4 aos 9 anos, M.F. conviveu com a avó paterna e com seu pai, sua madrasta e dois irmãos mais novos, seu pai foi para a França primeiro e depois os levou. A partir dos 10 anos, quando foi para a França não convive mais com a avó, foi quando os abusos sexuais por parte do pai começaram, aos 12 anos ela conseguiu contar para a madrasta o que acontecia. A participante relata que sempre teve um carinho muito grande pela madrasta, que era como uma mãe para ela e quando relatou o ocorrido a mesma a acolheu de início, mas ao questionar o marido (pai de M.F.) ele a ameaçou e ela se colocou do lado dele. M.F. foi desacreditada e a convivência em casa com o pai e madrasta piorou muito, apenas aos 14 anos com a ajuda de uma tia ela consegue retornar ao Brasil.

A trajetória escolar de M.F. foi difícil, apesar de ter se destacado com relação ao aprendizado do idioma na França, sofreu muita xenofobia por parte de seus professores que a taxavam de “sem futuro” por ser brasileira. Quando retornou ao Brasil, foi matriculada em um internato de uma igreja evangélica renomada, mas devido a sua sexualidade e sua performance de gênero acabou sendo expulsa, após esse episódio, ela voltou a morar com a avó.

Morando com a avó ela tinha uma casa, segurança, alimentação, porém carregava uma carga emocional e psicológica muito grande, sua avó buscou ajuda profissional e ela recebeu um diagnóstico de borderline, para qual faz tratamento desde então (7 anos). M.F. fugiu várias vezes de casa e começou a usar drogas e por isso sua avó acabou perdendo sua guarda, a partir daí ela começou passar por diversos abrigos e ficando na rua, até que acabou por ficar de forma permanente em situação de rua.

A participante compartilhou um pouco sobre esse período, apesar de muito sofrido foi um momento que ela teve seu espaço, onde tinha suas coisas, onde as pessoas respeitavam sua performance de gênero (ela via como um homem). Na rua, quem a ensinou a sobreviver foi um senhor de em média 60 anos, que se encontrava aquela situação a muito tempo, ele a ensinou a se aquecer, como

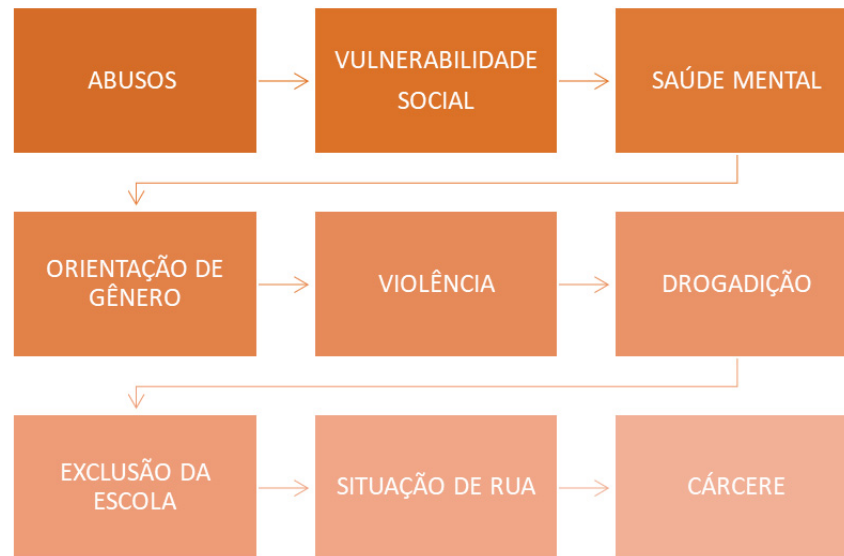
guardar as poucas coisas que tinha, como pedir dinheiro, porém, especialmente ensinou a usar crack e álcool como uma rota de escape para aquela situação. Essa situação piorou a partir de 2020 quando sua avó faleceu vítima da covid.

M.F. no momento desta pesquisa tem 22 anos, início de cirrose, problemas nos rins devido ao uso do álcool e do crack. Estava em situação de cárcere a cerca de dois por furto em um mercado. A participante aguardava sua segunda audiência para saber qual seria sua pena, na primeira audiência, acabou ameaçando o denunciante para que pudesse ficar mais um tempo presa e passar o natal e o ano novo com a companheira que conheceu na penitenciária. Essa companheira tem 44 anos, familiares no PCC e se comprometeu a ficar com ela, a acolhê-la e dar um casa a ela e que teriam uma família, em nosso último encontro a mulher já havia sido liberta e segundo a participante ela iria enviar uma advogada para ela.

Em uma pesquisa paralela, encontramos um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida, onde uma mulher, uma curadora procurava pela participante. Essa curadora recebe dinheiro do genitor da M.F. para cuidar dela, quando questionamos a participante sobre essa mulher a mesma ficou muito nervosa e alegou não querer ter contato com essa pessoa, que ela a trata mal e que só tem interesse em seus bens.

M.F. tem muitos sonhos, fala francês perfeitamente, sabe tocar instrumentos e é formada em banho e tosa, apesar de tudo isso tem poucas esperanças de um futuro melhor.

FIGURA 5 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS



FONTE: A autora (2023).

6.2 PARTICIPANTES HOMENS

CORINGA

“ Oi Coringa, então sou você no futuro, então sei que você não teve uma vida muito fácil com a família envolvida no corre. Queria te dizer que até você fazer 14 estava indo bem, você até podia ter se tornado um cidadão de bem até você fosse seu primeiro baseado e transformar sua vida em um inferno. Sei que nos primeiros momentos foi bom, mas hoje vejo que não valeu a pena, estou preso graças a deus poderia estar morto. Espero que você estude para fazer uma faculdade e quem sabe um dia vire um doutor, bom pé isso, te desejo tudo de bom, um abraço.”

Coringa foi a referência de personagem que o nosso participante escolheu. Ele se demonstrou um rapaz tímido em alguns momentos, muito educado, com traços indígenas bem marcantes e algumas tatuagens pelos braços. Coringa nasceu e cresceu em uma área rural no município do Paraná, próximo a Curitiba.

O participante relata que sempre morou com a mãe, os avós maternos e onze irmãos, cada um de um genitor diferente. Segundo ele, grande parte da sua família está e esteve envolvida com o mundo do crime, incluindo sua mãe que foi presa algumas vezes por furto e roubo.

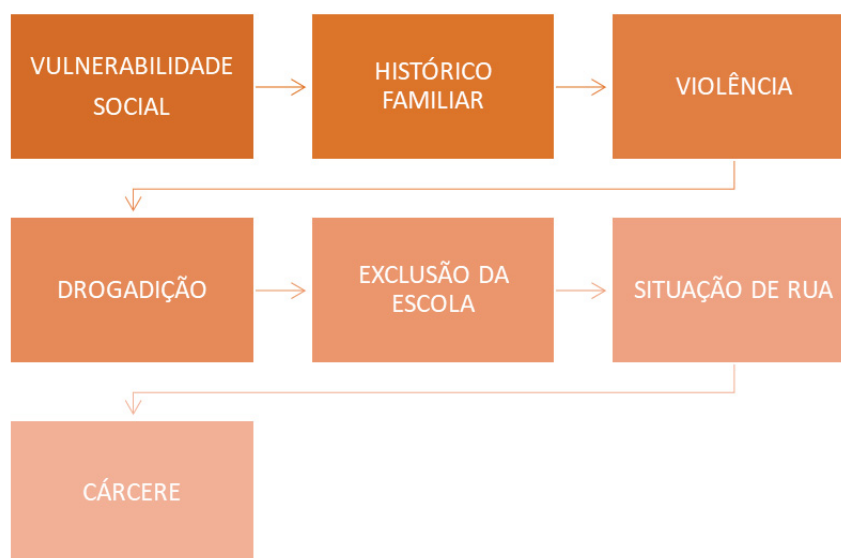
Coringa ficou calado em diversos momentos dos nossos encontros, respondendo somente quando foi perguntado e tudo de uma forma bem direta. Relatou que aos 14 anos começou a fumar maconha na volta para escola com amigos e depois disso se envolveu com várias outras drogas, com exceção do crack.

Sua trajetória escolar foi marcada por alguns conflitos com seus professores, que na época tentavam "discipliná-lo" e ele não aceitava, porém segundo ele hoje ele entende e faria diferente. Coringa estudou até o 8º ano e acabou sendo expulso da escola por discutir e ameaçar seus professores, como a escola que frequentava se situava em uma zona rural, não havia possibilidade de continuar os estudos por falta de outra instituição próxima.

Aos 17 anos foi detido pela primeira vez, entrando e saindo do socioeducativo diversas vezes, onde segundo ele fazia o mínimo para continuar estudando, apenas porque era obrigado.

Atualmente Coringa tem 24 anos, está cumprindo pena por tráfico e roubo, quase não fala com a sua família, não recebe visitas presenciais. Seu sonho é terminar os estudos, fazer faculdade para ser um doutor, não importa em que, só deseja ser.

FIGURA 6 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS



FONTE: A autora (2023).

L.K.

“Oi L., então sou você no futuro, estou vindo aqui através desta carta dizer um pouco do que seria bom você evitar para não estar sofrendo consequências que muito possivelmente estão lhe prejudicando e te machucando, pois a vida ela é uma só,, e ela é feita de escolhas e cada escolha tem seus efeitos, se fizer escolhas boas ruins, a vida é tipo um planta e colhe, então quero começar dizendo para você começar plantando o bom, tendo amor, carinho, dedicação pela sua família, dando atenção para as pessoas que querem te ver bem e que querem te ver progredindo!”

Após isso dedique sua vida nos estudos, para que quando estiver + velho possa conquistar um bom trabalho para ai sim se dedicar em ter uma família! + para isso isso dar certo você também precisa ficar longe de certas pessoas, pessoas que fazem mal, também terá que ficar longe das drogas principalmente, pois esse pode ser o principal motivo da sua vida acabar tomando um rumo que vai chegar uma hora que não vai ter como voltar atras, você vai estar enfiado nisto pagando as consequências, pois a droga pode te levar a roubar, furtar, traficar, etc... e isso pode estar te colocando na cadeia, e cara cadeia ã é bom, pois você sofre, sua família sofre, todos que te amam sofrem, estou te falando isso porque eu fiz as escolhas erradas, e se sou você no futuro quero te falar isso para podermos ter uma oportunidade de dar orgulho para nossa família e também sermos felizes!”

L.K. é um rapaz alto, muito educado, muitas vezes sério e até reservado. É o participante que está a mais tempo privado de liberdade. Morador de uma região próxima a Curitiba, L.K. foi se soltando aos poucos nos encontros, enquanto os demais participantes conversavam mais e riam entre si, ele esboçava alguns sorrisos em poucos momentos.

L.K. compartilhou que sempre teve de tudo, uma família estável com quem tem uma boa relação, apesar de não receber muitas notícias e nem visitas, tinha comida, segurança financeira, e uma promessa de seu pai que quando ele crescesse tudo seria dele, casa e carro. Porém, segundo ele, não teve muita paciência e muito menos interesse em ser “só isso”, queria muito mais dinheiro,

status, roupas e acessórios diferentes. “Queria comprar os melhores mizunos¹⁸”, ele comentou.

E foi assim, indo para escola que começou a fumar com seus amigos, depois do cigarro veio a maconha e depois outras drogas, incluindo o álcool. Neste espaço e com essas pessoas começou a ver que poderia ganhar dinheiro igual aos demais ali da vila, trabalhando vendendo drogas, dentro e fora da escola. Em pouco tempo começou a ter dinheiro, saiu de casa, comprou seu carro, fazia muitas festas, gostava de ficar nos bares “bancando” seus parceiros, assim, a escola já não fazia mais tanto sentido, além de já ter um trabalho, não tinha tempo e muito menos disposição para tal e com 14 anos deixou a escola.

L.K.” cresceu” muito como traficante dentro do bairro onde morava, era respeitado e passou a gerir todo o comércio de drogas da região, isso gerou alguns conflitos com outras facções e também com a polícia. Em meio a esses conflitos, conforme seu relato um de seus comparsas acabou denunciando-o, não somente ele mais todos os que com ele trabalhavam, alegando que sua facção estava planejando assassinar um guarda municipal, L.K. diz que era a outra facção que estava planejando isso e não a sua, mas que o delator estava querendo ficar bem, não só com a justiça mas também com a outra facção.

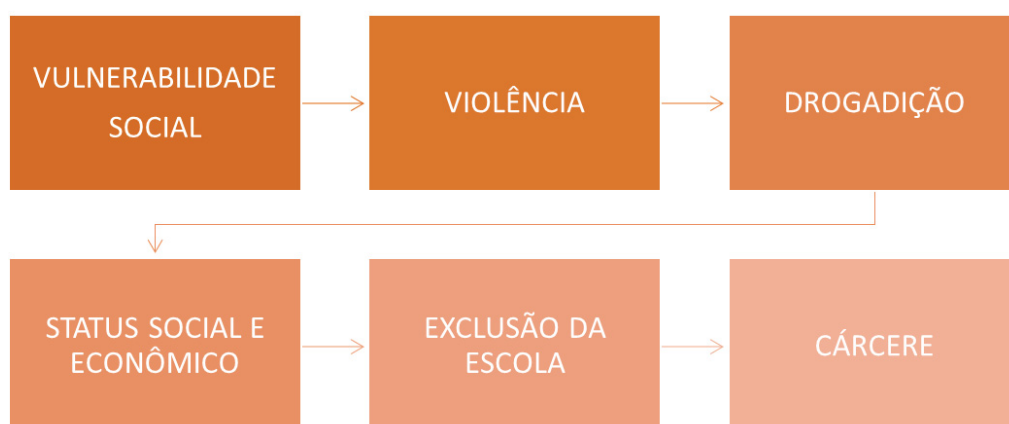
Já prevendo o que iria acontecer, L.K. equipou sua casa com câmeras e se preparou com armas de grande porte. Em certa noite, a polícia militar invadiu sua casa e houve uma troca de tiros, um de seus companheiros acabou morrendo, ele preferiu não reagir e se entregar.

Hoje a quase 4 anos depois, L.K. cumpre sua pena de mais de 20 anos, por tráfico, porte de armas e organização criminosa. No momento da sua prisão tinha um relacionamento, mas ao longo desse tempo sua companheira parou de visitá-lo e de responder suas cartas. Sua família quase não o visita, seus companheiros cumprem penas distintas e não tem contato. No momento desta pesquisa estava bastante aflito pois soube por outros presos que seu cunhado havia se envolvido em um conflito com a polícia.

Quando questionado sobre o futuro, ele almeja trabalhar dentro da prisão para reduzir o que conseguir da sua pena e retornar a liberdade, para sua vida, sua casa e quem sabe conseguir viver de outra forma.

¹⁸ Marca referente a um tênis esportivo.

FIGURA 7 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS



FONTE: A AUTORA(2023).

RESILIENTE E BATALHADOR

“Oi R. como você é bonito desde pequeno KKK brincadeira, queria te dizer que você brinque, aproveite essa fase que você tem o privilégio de desfrutar, aproveitar, e curta bastante o seu pai e tente não guardar esse ódio e rancor que você tem dele, ele não é perfeito tem seus erros, e mais do que nunca não deixe ele sozinho no quarto trancado ele precisa de você! Escute mais sua mãe e dê mais atenção para seus irmãos, você não sabe a barra e as pancadas que a vida vai te dar, não desanime e não se entregue, não desista e principalmente não se iluda com esse mundo cheio de tentações, tenha sua própria opinião, não vá pela cabeça dos outros, viva na droga do mundo, não viva o mundo das drogas, hoje eu não sou exemplo nenhum a ser seguido hoje estou te escrevendo dentro de uma prisão, queria ter tido esse privilégio na sua idade, de receber uma carta do futuro então escute bem, virão situações que você terá que enfrentar, talvez as soluções que eu achei não foram as melhores, mais você pode fazer diferente, percebo que hoje muita atitude minha que me prejudicou foi devido a emoção que eu tivesse agido com a razão talvez não estaria aqui hoje, você é um cara super coração, se for pra ser bom você será o melhor, mais você também tem um lado ruim, e que se for pra ser ruim, você também vai ser o pior, você é 10 ou 1000 não tem meio termo, só te peço que se cuide, você se arrasta muito fácil, você se deixa levar pela emoção muito rápido, muitas das vezes você escuta mais o coração do que sua própria cabeça, eu acredito que você tem um coração de ouro e um espírito nobre, você foi

bom demais com muita gente que te esfaqueou pelas costas, bom, quem não pode errar é você nunca fira seu caráter, seja homem mantenha sua postura, não se deixe levar pelo momento pense no amanhã, que talvez você não passe por onde eu passei, se você me perguntar o que eu teria feito diferente para mudar a minha vida? Eu nem iria conseguir te responder porque a minha lista do “se” é enorme, mais eu te diria com certeza, por mais que te machuque e vai, escute a voz do seu coração, tudo que você vai passar fez eu me tornar o homem que sou hoje em dia e eu acho que se não fosse pelas lições e pelos erros que eu cometi eu nunca seria o que sou um RESILIENTE BATALHADOR!”

R.B. é um homem que aparenta ser mais jovem do que realmente é, tendo uma aparência juvenil. É animado, comunicativo e um artista. Gosta muito de cantar e criar rimas, transformando suas experiências em poemas e músicas. Sem dúvida, foi o participante que mais se aproximou da equipe de pesquisa.

R.B. nasceu e cresceu na região metropolitana de Curitiba, tem uma irmã e um irmão. Sua mãe é doméstica e seu pai faleceu de overdose quando ele tinha 15 anos. R.B. relata que o bairro onde vivia era perigoso, com grande parte do comércio voltado para drogas e armas. Seu pai raramente trabalhava e a responsabilidade financeira da casa recaía principalmente sobre sua mãe. Isso a impedia de estar em casa com os filhos, levando os irmãos a cuidarem um do outro. Seu pai passava a maior parte do tempo embriagado e sob efeito de drogas pesadas, como crack e cocaína.

No relato de R.B., seu pai se tornava mais 'agradável' quando começava a usar drogas ou beber, mas à medida que aumentavam as quantidades, ele se tornava mais agressivo, chegando a agredir fisicamente seus filhos. R.B. relata que, sendo o mais velho, enfrentava mais esse comportamento, não se tratando apenas de castigos com cinto ou chinelo, mas incluindo socos e chutes. O pai de R.B. sofreu uma overdose de crack em casa, e foi R.B. quem o encontrou após a escola. Ele descreve isso como um momento de grande dor. Apesar da situação violenta, R.B. não desejava a morte do pai. Esse evento foi um ponto de virada em sua vida, transformando-o e trazendo novas realidades para sua família.

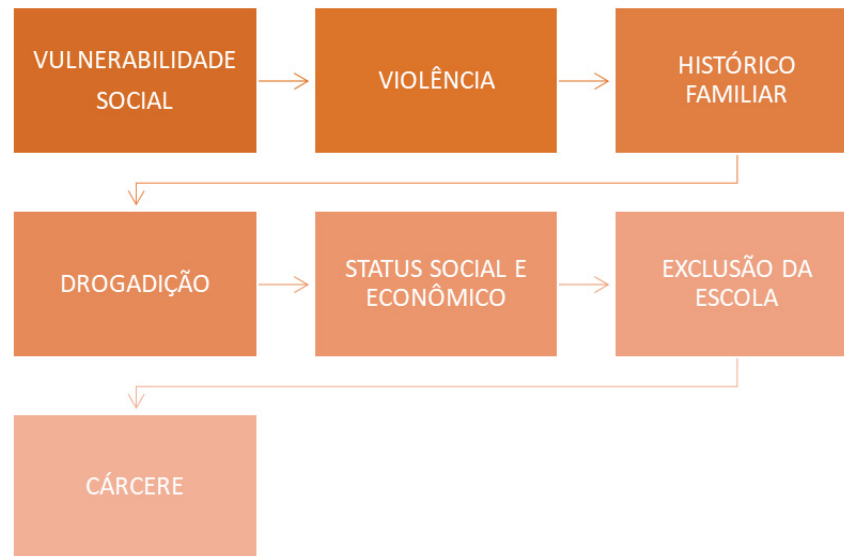
Após esse evento, R.B. mudou de escola várias vezes devido a seu comportamento agressivo com colegas e professores, bem como envolvimento em comportamentos sexuais e uso e venda de drogas. Após a morte do pai, R.B. foi

'convidado' pelos traficantes locais a trabalhar para eles, sob a promessa de ajudar a sustentar sua família e aliviar o fardo de sua mãe. Isso fez com que a escola se tornasse seu principal ponto de venda.

R.B. entrou e saiu do sistema socioeducativo diversas vezes, descrevendo-o como um 'inferno', onde a equipe era rude e incentivava conflitos entre os jovens, até apostando em brigas. Logo após completar 18 anos, ele começou a entrar e sair do sistema penal por furtos e tráfico de drogas. Em certo momento, ele e seu irmão foram detidos pelo mesmo crime. R.B. sentiu que seu irmão o traiu, pois não assumiu a culpa. Devido ao fato de R.B. não ser réu primário, sua pena foi mais severa, inicialmente 18 anos, embora ainda haja outros processos pendentes.

Na data desta pesquisa, R.B. estava prestes a ser liberado em liberdade assistida, usando tornozeleira eletrônica em poucos dias, após quase quatro anos em regime fechado. Ele estava animado com as novas possibilidades, mas ao mesmo tempo, preocupado pois sabia que poderia retornar a qualquer momento devido aos processos ainda não julgados. Seu plano imediato era desfrutar de um churrasco com sua família e passear pelo largo da ordem.

FIGURA 8 - INDICADORES DE VULNERABILIDADES PESSOAIS



FONTE: A autora (2023).

R.S.

“Oi R. tudo bem com você então pia você e muito novo e tem tudo pela frente ainda então eu te dou um conselho, termine o seus estudos para você ser alguém na vida você já viu muitas pessoas da sua família que se deram mal nessa vida errada do crime vai estudar vai fazer um curso para ser alguém na vida vai para igreja seguir a palavra de Deus que é a melhor coisa que você vai fazer então que R. tou te falando isto por que eu sei que você tem o potencial de ser alguém na vida talvez um engenheiro ou um peguarista foda você vai querer pra isso você tem que obedecer a sua mãe ir para escola escutar os mais velhos por que você R. não ta nem ai pra nada so quer saber de ir pra rua, faltar na aulas fazer bagunça então R. ese e o conselho que eu te dou ese e um conselho de amigo estude termine seus estudos e saia do caminho errado que você tem tudo pela frente então e ese o recado que eu deixo pra você R..”

R.S. é um dos participantes mais jovens deste estudo, um jovem negro alto, que aparenta ser muito mais jovem do que realmente é. R.S. foi comunicativo em todos os encontros, compartilhando com a equipe e os demais participantes sua história de forma sensível.

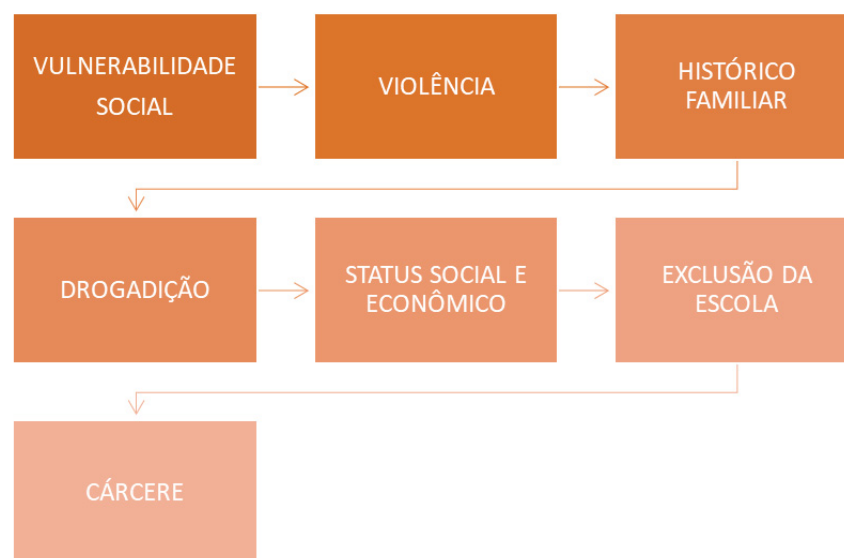
Ele nasceu e cresceu em uma cidade próxima a Curitiba, tendo dois irmãos, uma menina e um menino (esse último já falecido). Seu pai mora em Santa Catarina e tem pouca convivência com ele. R.S. foi criado por sua mãe, com a ajuda de sua

avó materna, que sempre tentou apoiar a família. No entanto, sua mãe entrou e saiu diversas vezes do sistema penal devido a envolvimento em roubos, furtos e tráfico de drogas. Infelizmente, ela foi assassinada em 2021, um evento marcante que levou R.S. a estar em privação de liberdade.

A família de R.S. sempre esteve envolvida com o crime e sua trajetória de infância e juventude não foi muito diferente. Ele entrou e saiu diversas vezes do sistema socioeducativo, do qual guarda ressentimentos, exceto por alguns profissionais que conheceu em uma de suas últimas passagens. Nessa ocasião, ele se sentiu acolhido e ouvido, até mesmo encontrando motivação para voltar à escola. Quanto ao seu percurso escolar, R.S. mudou de escola várias vezes. Ele frequentemente era "convidado" a se retirar devido ao seu comportamento agressivo. Segundo ele, a escola sempre impunha muitas regras e, com o tempo, ele se tornava o culpado por tudo, independentemente de sua responsabilidade real.

Após atingir a maioridade, R.S. foi detido algumas vezes por tráfico e pequenos furtos. No entanto, ele estava determinado a mudar de vida. Junto com seu irmão, começou a trabalhar lavando carros e estava casado, planejando construir uma família. No entanto, a notícia do assassinato de sua mãe o abalou profundamente. No mesmo dia, após receber a notícia, ele saiu de casa com a intenção de cometer furtos e roubos de carros e caixas eletrônicos. Isso resultou em uma perseguição policial e R.S. foi acusado, cumprindo atualmente uma pena de quase 22 anos em regime fechado.

Aos 20 anos de idade, R.S. carrega diversas marcas de tiros pelo corpo, com duas balas alojadas na perna e no braço. Ele também possui alguns dentes quebrados devido à violência policial. Em seus relatos, expressa sentir ódio constantemente. Em 2022, seu irmão foi assassinado durante uma fuga policial, deixando R.S. com praticamente nenhuma família, exceto por sua irmã mais nova. Seu desejo é conseguir trabalho dentro da unidade para poder reduzir sua pena e cuidar de sua irmã.



FONTE: A autora (2023).

Após a categorização dos dados, esta seção discutirá, nos resultados a seguir, as vivências abrangentes das(os) participantes. Serão apresentadas as perspectivas de homens e mulheres em relação ao tema da categoria e, subsequentemente, será estabelecido um comparativo entre essas percepções.

6.3 USO DE DROGAS E ÁLCOOL

Na categorização intitulada “Uso de Drogas e Álcool”, serão abordados os relatos das(os) participantes homens e mulheres de forma integrada, uma vez que se trata de uma situação vivenciada por ambos.

O consumo de substâncias entre os brasileiros é uma preocupação alarmante que demanda uma abordagem eficaz. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2021, foram registrados 400,3 mil atendimentos a pessoas com transtornos mentais e comportamentais decorrentes do uso de drogas e álcool, representando um aumento de 12,4% em relação ao ano de 2020.

Entre os atendimentos realizados, o uso abusivo de álcool foi o mais frequente, totalizando 159,6 mil atendimentos em todos os níveis de atenção no ano passado, contra 125 mil em 2020. Em seguida, destacam-se os transtornos mentais e comportamentais associados ao uso de cocaína (31,9 mil) e tabaco (18,8 mil). A pesquisa também incluiu opiáceos, canabinóides, sedativos e hipnóticos,

alucinógenos, solventes voláteis e estimulantes (incluindo a cafeína), com números menores de registros. Por fim, o uso de múltiplas drogas e de outras substâncias psicoativas não listadas individualmente totalizaram 151,3 mil atendimentos.

Ao longo deste estudo, em diversos momentos, as(os) participantes compartilharam suas experiências com o uso de várias substâncias lícitas e ilícitas. Com o intuito de melhor ilustrar esses relatos, apresenta-se abaixo uma tabela que detalha os tipos de drogas e o gênero dos participantes.

TABELA 3 - USO DE ÁLCOOL E DROGAS

PARTICIPANTES	SEXO	ÁLCOOL	MACONHA	COCAÍNA	CRACK	SOLVENTES	LSD	MDMA	QUETAMINA	OPIÓIDES
W.H.	F	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
M.F.	F	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
Y.H.	F	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	SIM
T.F.	F	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM
D.E.	F	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
CORINGA	M	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
	M	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
BATALHADOR RESILIENTE										
L.K.	M	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
R.S.	M	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

FONTE: A autora (2023)

Ao analisar a Tabela 3, é possível observar uma ampla variedade de substâncias que as(os) participantes utilizam ou já utilizaram. Outro ponto comum entre elas(eles) se refere ao uso de álcool, maconha e cocaína. Segundo o último Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto Nacional de Câncer (Inca) e a Universidade de Princeton, nos EUA, em 2015, a substância ilícita mais consumida no Brasil é a maconha, sendo que 7,7% dos brasileiros de 12 a 65 anos já a utilizaram em algum momento da vida. Em segundo lugar, encontra-se a cocaína, com cerca de 3,1% já tendo consumido a substância. No entanto, quando falamos do álcool, uma substância lícita, os números são ainda mais preocupantes. Em 2015, aproximadamente 46 milhões de brasileiros entre 12 e 65 anos já haviam consumido álcool. Além da discussão sobre a acessibilidade dessas drogas, também é importante considerar o valor monetário envolvido em drogas sintéticas, como opióides e a quetamina.

A análise do consumo de substâncias psicoativas entre homens e mulheres nesta pesquisa revela uma série de padrões distintos, influenciados por fatores sociais e individuais. Nesse contexto, é crucial identificar as nuances desses comportamentos, levando em consideração os resultados de estudos como este.

As mulheres participantes demonstraram uma tendência mais pronunciada em relação ao consumo de crack, uma droga de maior potência. No entanto, chama a atenção o caso de Y.H., que, embora envolvida no tráfico, não faz uso dessa substância. Esse padrão lembra comportamentos frequentemente observados em homens que atuam como traficantes de alto escalão. Eles têm consciência do risco associado ao consumo de tal substância e optam por não usá-la, mas a comercializam de forma maciça para atender à demanda imediata dos "consumidores", maximizando seus lucros.

"Aqui dentro, eu tô limpa professora, certo? Desde minha entrada, porém, lá fora é outra história; é preciso um desejo muito forte para mudar. Foi aí que a igreja me auxiliou: com cocaína, crack e, ocasionalmente, ainda bebo um pouco." (W.H.participante mulher, 2023)

A participante M.F. acrescenta:

"Quando tamo na rua, experimentamos de tudo. Um amigo que conheci nas ruas me ensinou a fumar crack, e no frio da rua, na fome você usa qualquer coisa, até mesmo álcool de posto. Mas, nunca roubei pra me drogar, apenas para comer, uma vez que pedir toda hora um dinheiro, uma comida, deixa a gente cansada de ser humilhada." (M.F.participante mulher, 2023)

Quando questionados, os participantes que não faziam ou nunca fizeram uso de crack responderam:

"Não uso isso não professora, isso acaba com a vida da gente." (L.K, participante homem,2023)

"Ce é loco professora, já vi muita gente desgraçada da cabeça por isso." (R.S., participante homem)

Além disso, esse padrão está intrinsecamente relacionado a uma série de fatores, incluindo traumas passados, vulnerabilidade social e conexões com parceiros envolvidos no tráfico. O uso de drogas como o crack muitas vezes representa uma tentativa de enfrentar experiências dolorosas ou de escapar de situações adversas. É importante destacar que, para as mulheres, a vulnerabilidade é frequentemente ampliada em comparação aos homens. As participantes que já fizeram uso do crack têm em comum situações de abuso e violência, tanto dentro de suas famílias quanto fora delas. Por outro lado, a participante e os participantes que não fazem ou não fizeram uso da substância, apesar de também enfrentarem situações de abuso e violência¹⁹, recorrem à venda de drogas como uma forma de trabalho remunerado.

Os participantes homens e a participante mulher (Y.H.) demonstraram um padrão diferente das demais mulheres deste estudo. Seu poder aquisitivo superior, a busca por experiências diversas e a preocupação com a identidade e o status dentro de comunidades específicas influenciam sua preferência por uma variedade de

¹⁹ O abuso refere-se a um comportamento prejudicial, não necessariamente físico, que envolve o uso excessivo ou indevido de algo ou de alguém. Pode envolver manipulação, exploração, desrespeito ou utilização inadequada de poder. O abuso não se limita apenas à esfera física, podendo também ocorrer emocionalmente, psicologicamente, sexualmente, financeiramente, entre outros. Já a violência refere-se a comportamentos agressivos que causam dano físico, psicológico ou emocional a alguém. A violência pode ser direta, envolvendo agressões físicas, ou indireta, como ameaças verbais ou psicológicas que causam medo ou sofrimento emocional. A violência pode ocorrer de várias formas, como violência doméstica, violência no trânsito, violência de gênero, entre outras. Ela pode ser tanto física (uso da força física para machucar ou ferir) quanto psicológica (causando danos emocionais ou psicológicos).

substâncias. Essa busca por status é reforçada pelo fato de muitos homens ocuparem papéis de destaque no tráfico, refletindo dinâmicas sociais estabelecidas há tempos.

“Tá ligada professora, que quando meu pai morreu de overdose, eu tinha só 15 anos, minha mãe trampava de doméstica e eu tenho dois irmãos mais novos. Então quando o dono da boca foi lá na minha porta me chamar pra tramar com ele, não deu pra recusar não. Ele falou que eu era o homem da casa, que minha mãe não podia me dar as coisas que eu queria e eu também não queria ser um peso pra ela. Então comecei a vender as coisas ali na vila.” (R.B., participante homem, 2023)

“Eu já não tinha muita escolha, não professora, minha família toda já estava errada, não tinha muito o que fazer.” (Coringa, participante homem, 2023)

A questão do poder e liderança dentro do tráfico está profundamente ligada a normas de gênero arraigadas em nossa sociedade. A percepção generalizada de que os homens são melhores líderes do que as mulheres, independentemente do papel que desempenham, perpetua essa disparidade. Isso contribui para a errônea crença de que o envolvimento no tráfico oferece status social e ganhos econômicos elevados, exercendo uma influência particularmente forte sobre jovens de origens menos favorecidas.

“Eu quis entrar no tráfico, sabe? Meu pais sempre trabalharam honestamente e tudo que eu queria eu poderia ter, mas aí não era caro como eu queria. Eu só caí porque eu tava muito em cima e me deduraram, mas é isso até eu voltar a quebrada tá parada, sem nada.” (L.K, participante homem, 2023).

“Eu gostava do poder, gostava de ser a “mandrake” da quebrada. Fazia meus corre todos, gostava do dinheiro. Quando eu e meu marido tentamos trabalhar honestamente, nossa o dinheiro não dava pra nada, só humilhação.” Y.H. - participante mulher.” (Y.H., participante mulher, 2023)

Dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen (2017) revelaram que quase 30% da população carcerária está detida por tráfico de drogas. A promulgação da Lei Antidrogas ampliou ainda mais o número de pessoas presas por tal delito.

Isso se dá porque tal lei passou a não exigir provas para deter qualquer pessoa que seja flagrada com determinada quantidade de drogas ilícitas; presumidamente, tal indivíduo será considerado traficante.

No entanto, novamente cabe reforçar que as vulnerabilidades sociais

envolvidas na população encarcerada já determinam uma seletividade penal, como afirma Maronna (2018), advogado, secretário executivo do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais e presidente da Plataforma Brasileira de Política de Drogas.

Sabe-se que, de forma geral, quem vem sendo preso e morto no Brasil diariamente é o jovem negro da periferia. Além disso, as mulheres acabam entrando para o mundo criminal em prol de sustentar a família, o que nesse sentido recai sobre a prerrogativa da liberdade assistida. A participante deste estudo, D.E., verbaliza sobre sua 22ª detenção:

"Eu já falei pro juiz, que eu preciso trabalhar, eu tenho filho, não adianta me colocar na rua sem trabalho, de tornozeleira,. Toda vez que você me soltar eu vou cair de novo, eu já falei professora" (D.E., participante mulher, 2023)

R.B., que seria liberado cinco dias após o término desta pesquisa, também relatou algo semelhante:

"Eu preferia ficar, porque vou sair e já tem outro processo aí, se eu for trabalhar, vão saber do processo, se o processo voltar dois dias depois que eu tiver em casa, vou ficar com mais ódio porque vou ter experimentado a liberdade e voltado" (R.B. participante homem, 2023)

Um levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública a pedido do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2018 mostrou que a relação entre os flagrantes por tráfico se referia a 57,2% das pessoas que aguardavam o julgamento.

Compreender as nuances que envolvem o uso de drogas e outras substâncias no contexto de gênero, cor, raça e, principalmente, dentro das vulnerabilidades sociais é fundamental para desenvolver abordagens de prevenção e intervenção mais eficazes. O objetivo não é apenas prender traficantes, mas sim reduzir o consumo de substâncias e promover a reabilitação e reintegração bem-sucedida dos indivíduos na sociedade. É crucial abordar essa questão como um problema de saúde pública, em vez de focar apenas na segurança, especialmente quando se trata de uma população frequentemente já em situação de vulnerabilidade.

6.4 SITUAÇÃO DE RUA

A categoria intitulada "Situação de Rua " foi delineada com base nos relatos colhidos por meio do grupo focal e da entrevista semiestruturada. Cumpre mencionar que a temática da situação de rua revelaram-se pertinentes apenas entre as participantes do sexo feminino.

A existência de pessoas vivendo nas ruas não é um fenômeno recente, possuindo raízes históricas que remontam às mudanças econômicas que expulsaram camponeses de suas terras, resultando em desigualdades sociais. Apesar de a maioria da população em situação de rua ser composta por homens, as mulheres também enfrentam essa vulnerabilidade, agravada pela discriminação de gênero em uma sociedade que as confina a papéis tradicionais.

Ao considerarmos os fatores que conduzem uma pessoa a se encontrar em situação de rua, é necessário levar em conta que esse fenômeno é a confluência de diversas causas, tais como a falta de habitação, emprego e renda, o rompimento dos laços familiares, a presença de problemas de saúde mental e o abuso excessivo de álcool ou drogas (BRASIL, 2014, apud PEDROSO, 2020).

Pedroso (2020) argumenta que, entre as mulheres, a principal razão que as leva a viver nas ruas é a perda de moradia, apontada por 22,56% delas, seguida de questões familiares (21,92%), abuso de álcool e drogas (11,68%) e desemprego (8,8%). Essa situação ecoa a narrativa da participante do estudo:

"Depois de voltar da França, porque meu pai me abusava sexualmente, não me adaptei no internato que ele me colocou, fui então morar com a minha avó. Comecei a fugir de casa e o conselho queria me pegar, até que cansei e fui pra rua, era melhor que voltar pro meu pai, pra escola ou pro abrigo."
(M.F., participante mulher, 2023)

Para melhor compreender o motivo pelo qual essa participante permaneceu quase nove anos em situação de rua, é crucial considerar todas as vulnerabilidades que ela enfrentou, incluindo a morte da mãe por overdose, o abuso sexual dentro da própria família, as questões de gênero, o abuso de álcool e drogas, sem mencionar as condições que tais situações impõem, como saúde debilitada, marginalização e desigualdade de gênero que resultam em relações de poder como meio de proteção em grupos e relacionamentos.

Portanto, torna-se evidente que, além das fragilidades inerentes às relações familiares, os processos de vulnerabilidade social, que emergem de tais laços familiares frágeis e instáveis, são caracterizados por fragilidade, falta de apoio

estável e um cotidiano de interações superficiais ou de ruptura com laços profundos. As redes de suporte deveriam ser um meio para garantir a ajuda necessária para alcançar e manter o equilíbrio dinâmico entre vulnerabilidade e integridade.

Nardes e Giongo (2022) alertam para uma fragilidade semelhante entre os laços familiares e a permanência nas ruas, onde o tempo vivido nessa condição é um fator que dificulta o processo de reintegração. Quanto mais prolongada for a exposição ao ambiente das ruas, maior a probabilidade de essa condição se tornar duradoura.

Ainda no tocante às vulnerabilidades que envolvem a população em situação de rua, deve-se considerar que, para além de um emprego estável, moradia e recursos para as necessidades básicas, essas pessoas frequentemente carecem de acesso à saúde e documentação adequada. A participante M.F., por exemplo, viveu quase nove anos nas ruas e, durante as entrevistas, apresentou debilidades de saúde, dificuldades alimentares e problemas decorrentes do abuso de álcool e drogas. Surpreendentemente, em todo esse tempo, ela provavelmente não teve acesso a atendimento médico preventivo.

De acordo com SOTERO (2011), apud NARDES e GIONGO (2022), a dificuldade em suprir necessidades básicas, como saúde e alimentação, aumenta os episódios de medo, fome e violência que essas pessoas enfrentam diariamente. Assim, a reflexão não visa a sugerir que a prisão seja a melhor solução para essa população diante de suas vulnerabilidades, mas a enfatizar a importância das necessidades básicas compartilhadas por esses grupos negligenciados.

A participante M.F., durante seu período de privação de liberdade, experimentou uma transformação. Ela iniciou um relacionamento sério com outra mulher, vivenciou momentos de sobriedade, recebeu tratamento médico e acesso a refeições regulares. Em sua primeira audiência, reafirmou sua culpa e chegou até a ameaçar a vítima, buscando permanecer no sistema prisional. Entretanto, o questionamento subjacente a essa reflexão é: o que aguarda essa mulher após sua saída da prisão?

Para ilustrar essa indagação, compartilhamos as palavras de W.H., uma participante que já entrou e saiu do sistema diversas vezes:

"Queria ter lá fora a vida que eu tenho aqui dentro, comida, um canto meu, as amizades, jogar vôlei, era isso que eu queria." (W.H., participante mulher, 2023)

As vulnerabilidades e perspectivas que permeiam a população em situação de rua são evidentes e cruciais, independentemente do gênero. No entanto, é essencial levar em consideração as características individuais de cada pessoa, incluindo questões de gênero, raça, cor e idade, a fim de estabelecer políticas públicas eficazes para esse grupo negligenciado.

6.5 ABUSO, VIOLÊNCIA E VIOLAÇÕES

Nesta categorização, intitulada "Abusos, Violências e Violações", será abordada a experiência compartilhada e comparativa das participantes deste estudo, visto que homens e mulheres sofreram algum tipo de abuso, violência e/ou violações ao longo de suas vidas, seja na infância, adolescência ou juventude.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como o "uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação". Por sua vez, o conceito de abuso envolve a ação ou efeito de utilizar algo ou alguém de maneira incorreta, excessiva, injusta, indevida ou imprópria. Pode abranger diversas situações, como abuso de autoridade, abuso de força, abuso de confiança e abuso de direito. O termo também é utilizado para se referir a casos de exploração, desonestidade e maus-tratos (Equipe Editorial de Conceito, 2012).

Ao observarmos a exposição à violência entre as participantes mulheres deste estudo, fica evidente que, em comparação com os homens, as mulheres foram expostas a tipos de violência e abuso mais cedo, como é o caso da violência sexual. W.H. e M.F. sofreram violência sexual intrafamiliar antes dos 10 anos de idade. Y.H., por sua vez, foi coagida por uma mulher adulta a se prostituir aos 11 anos como forma de trabalho. Vale ressaltar que W.H. e M.F. foram desacreditadas e forçadas a conviver com seus abusadores. Y.H., por sua vez, não considera que foi abusada ou violentada, pois alega receber alimentos e roupas em troca.

Já os participantes homens foram mais frequentemente expostos, na infância, a violência física intrafamiliar, muitas vezes como forma de correção por atitudes consideradas inadequadas. A maioria desses episódios de violência teve início após

os 10 anos de idade.

Crianças e adolescentes expostos à violência apresentam maior probabilidade de desenvolver transtornos mentais, comportamentos de risco (como abuso de álcool e drogas, tabagismo e atividades sexuais inseguras), doenças crônicas não transmissíveis (como câncer, diabetes e doenças cardiovasculares), doenças infecciosas (como infecção pelo vírus da imunodeficiência humana - HIV), além de enfrentarem problemas sociais como desempenho escolar insatisfatório, criminalidade e envolvimento em atos violentos (MALTA et al., 2022).

Pode-se então considerar que o desenvolvimento positivo do indivíduo está ligado às condições vivenciadas em sua infância, que repercutem diretamente em sua adolescência e vida adulta. Nos participantes desta pesquisa, as ações de violência e abuso se modificaram durante a adolescência, como, por exemplo, a inclusão da violência escolar em suas trajetórias, onde a agressividade e a hostilidade entre os colegas tornaram-se constantes.

"Uma vez tinha um colega da minha escola que falou que ia me bater, nem sei por quê, porque eu não fazia nada. Mas ele quis me bater, eu era menor que ele, então na saída da escola eu fiquei esperando com um pedaço de pau, quando ele veio pra cima, só bati uma vez, direto na cabeça e sai correndo." (T.F., participante mulher, 2023)

"Nossa, professora, desculpa aí, mas eu odiava a escola, os colegas ficavam me encarando e eu já queria brigar. As professoras me pediam pra fazer a atividade e eu já colocava dez. Uma vez menti pra minha mãe que a professora quebrou meu lápis e ela foi na escola ameaçar a professora. Me senti culpado depois, mas logo passou, porque ela nunca mais cobrou a lição." (R.S., participante homem, 2023)

Souza (2019) afirma que no ano de 2019, 81% dos estudantes e 90% dos professores souberam de casos de violência em suas escolas estaduais no último ano. Ocorrências mais frequentes de violência nas escolas estaduais envolveram bullying, agressão verbal, agressão física e vandalismo. Tal hostilidade está interligada com o meio de convívio em ambientes violentos, os alunos absorvem para si a atmosfera ali presente e o único modo que encontram de se expressar é por meio da agressividade, ofensas e humilhações contra os colegas, professores e os funcionários da instituição. Para Bourdieu (2002), os alunos apenas reproduzem a violência, não a aprendem, pois, para aprender, deve-se abrir espaço para o questionamento, ao qual não ocorre.

Considerando que o ambiente familiar é o primeiro contato destes indivíduos

com a sociedade, pais que são excessivamente autoritários e violentos, e, por outro lado, pais que não têm autoridade, influenciam o desempenho do filho e o convívio escolar, afirmam Pereira e Zuin (2019).

Entretanto, não podemos deixar de considerar a violência estrutural instaurada em nossa sociedade, que atinge diretamente as camadas mais vulneráveis da periferia, o que novamente reflete a realidade dos participantes deste estudo.

Prosseguindo com a análise temporal de vida das(os) participantes deste estudo, abordaremos agora duas situações distintas: a prostituição, que afetou duas participantes mulheres, e a violência policial, que afetou todos os participantes homens.

Para iniciar essa discussão, apresentamos os relatos das participantes W.H. e T.F.

" Eu engravidei fazendo programa pra poder comprar droga. E até usei droga durante a gestação, mas meu filho nasceu saudável, só um pouco abaixo do peso. Ele ficou internado quase um mês e eu fui todos os dias visitar, até que um dia eu cheguei lá e ele já não tava mais, tiraram meu filho de mim." (W.H., participante mulher, 2023)

" Eu sou lésbica, sempre fui, mas precisava sustentar meu vício do crack e da cocaína, então eu fiz programa algumas vezes. Engravidei a primeira vez fazendo programa com 17 anos, eu não sei quem é o pai, não tinha condições de criar minha filha então pedi ajuda para minha mãe que já foi usuária. Minha filha mudou ela, ela não usa mais nada e cuida bem da minha filha, mas faz anos que ela não me deixa ver ela. Meu segundo filho agora em fevereiro faz 6 meses, eu engravidei dele fazendo programa de novo, várias vezes tava com ele no colo e tava cheirando ou fumando. Quando cai aqui meu filho ficou com a minha companheira, mas agora me contaram que ela deixou ele com uma amiga minha, acho que ela me abandonou e nem sei como e com quem tá meu filho." (T.F., participante mulher, 2023)

A relação entre prostituição e violência para pessoas que se prostituem com o objetivo de sustentar o vício em drogas é uma questão complexa e multifacetada. A exploração sexual e a violência estão intrinsecamente ligadas quando se analisa a prostituição, especialmente em contextos nos quais as pessoas recorrem a essa atividade como uma maneira de financiar suas dependências químicas. A violência associada à prostituição está relacionada à percepção social da própria atividade, sendo ainda mais acentuada quando exercida por mulheres. Além de ser considerada ilícita e moralmente condenável, essa atividade as deixa vulneráveis devido ao ambiente em que ocorre, como as ruas. Isso as expõe a um maior risco

de agressões por parte da polícia, exploração por agenciadores e, sobretudo, pelos clientes, especialmente quando se trata da questão do uso de preservativos, conforme afirmado por Kazmierczak & Santos (2020).

Os autores também argumentam que na prostituição, as mulheres oferecem satisfação sexual em troca de compensação financeira, e ao longo do tempo, acabam perdendo o controle sobre seus próprios corpos e destinos. Isso resulta na desestruturação das relações de proteção e dos direitos individuais e coletivos, resultando em fatores de risco que vão desde agressões até doenças sexualmente transmissíveis.

Além disso, a criminalização da prostituição em muitas jurisdições pode agravar ainda mais a vulnerabilidade dessas pessoas. O medo de serem presas ou estigmatizadas impede que denunciem a violência ou abusos que possam sofrer. Esse cenário reforça a importância de abordagens sensíveis e politicamente informadas para lidar com essa complexa interseção entre prostituição, violência e uso de drogas.

Ao abordar a temática com uma perspectiva sensível, seja por parte da polícia ou de qualquer outro serviço público, este estudo explora a violência policial como uma grave violação dos direitos humanos. Compreende-se a violência como uma transgressão contra os direitos fundamentais do ser humano. Especificamente, quando essa violência é perpetrada pelo próprio Estado, através da ação policial, ela se configura como um instrumento de controle social e manutenção da ordem, sendo necessária para preservar os interesses do capital e sua reprodução, conforme afirmado por Fernandes (2018).

Nesse contexto, ao explorar a experiência vivenciada durante esta pesquisa, uma breve descrição física e coletiva dos participantes é fornecida. Ao entrar no auditório da unidade feminina pela primeira vez, a pesquisadora observou diversos aspectos nos rostos das participantes, sendo um deles os sorrisos, apesar da condição precária em que se encontravam. À medida que os encontros prosseguiram, tornou-se evidente que a saúde bucal precária dessas participantes estava relacionada ao uso de drogas potentes, como o crack. Na unidade masculina, a pesquisadora também notou características semelhantes em relação à dentição dos participantes. No entanto, surpreendentemente, a ausência de dentes ou dentes quebrados estava ligada à violência policial, incluindo chutes, socos e coronhadas de armas de fogo.

"Olha aqui professora, tenho duas balas alojadas, uma no braço e outra na perna. Isso de tiro da polícia, eu tinha 17 anos, e tava em uma briga e eles chegaram fervendo." (R.S., participante homem, 2023)

"Esses dentes aqui da frente que tão quebrado, foram de coronhada no dia que fui preso aqui." (L.K., participante homem, 2023)

"Uma das vezes que eu caí preso, eu tinha aparelho, sabe? E aí me bateram, quebrou meu dente e tive que tirar com alicate o aparelho." (L.K., participante homem, 2023)

Quando abordamos a questão da violência policial no contexto dos homens, estamos diante de um tema complexo e sensível que requer uma análise minuciosa. A violência policial é um fenômeno que afeta de forma desproporcional grupos marginalizados, incluindo jovens homens de comunidades de baixa renda e minorias étnicas. É importante destacar que entre os quatro participantes do sexo masculino desta pesquisa, um é negro e outro indígena, todos oriundos de áreas marginalizadas.

Snyder (2013) propõe duas hipóteses para explicar a incidência da violência policial, sendo uma de natureza econômica e a outra relacionada à questão racial. Segundo o autor, em regiões com elevados níveis de desigualdade de renda, a tendência é que ocorra uma maior incidência de violência policial. Isso ocorre devido aos conflitos sociais mais frequentes nesses locais, que demandam uma atuação mais intensa da polícia, aumentando a probabilidade do uso letal da força. A segunda hipótese aponta que em áreas com maior presença de população não branca, a violência policial tende a ser mais recorrente, uma vez que as forças de segurança podem ser utilizadas para manter o controle social em benefício do *status quo*, predominantemente formado por indivíduos brancos.

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020), em 2019, o Brasil registrou um total de 6.375 mortes resultantes de intervenções policiais. Contudo, as vítimas desses homicídios estão desproporcionalmente concentradas em certos grupos. Homens representam 99,2% dos indivíduos vítimas de homicídios cometidos por policiais, sendo que 79,1% das vítimas eram pretas ou pardas. Além disso, jovens entre 15 e 29 anos, principalmente na faixa etária de 20 a 24 anos, são as principais vítimas em comparação com outras faixas etárias (FBSP, 2020).

Apesar da relevância desta temática, após uma abrangente pesquisa em

bases de dados criteriosas, não foram identificados estudos nos últimos cinco anos que tratassem especificamente das agressões policiais durante as abordagens. Isso ressalta que os registros atuais frequentemente focalizam apenas as ações letais, negligenciando a violência relacionada a agressões que muitas vezes não são reportadas ou não recebem a devida consideração. Esse cenário, por sua vez, compromete a implementação de medidas preventivas e punitivas eficazes diante desse problema social.

6.6 SAÚDE MENTAL E FÉ

A categorização "Saúde Mental e Fé" refere-se às participantes mulheres que, ao longo desta pesquisa, demonstraram tanto questões psicológicas quanto a importância da fé dentro do ambiente carcerário. Dos assuntos até aqui discutidos e dos demais que ainda serão abordados, pode-se analisar que todos eles, em algum momento, têm relação direta ou indireta com a saúde mental. Seja no abuso de drogas e álcool, nas questões de abuso e violência, gênero, escola e, logicamente, o cárcere.

As participantes durante o estudo abordaram bastante o tema dos medicamentos psiquiátricos que utilizavam, chegando até mesmo a relatar alguns diagnósticos, como crises convulsivas (D.E.) e transtorno de personalidade borderline (M.F.). D.E., enquanto ainda estava participando da pesquisa, mencionou que tomava medicamentos para crises convulsivas desde a infância, após uma queda. Mesmo dentro da penitenciária, ela continuou a fazer uso da medicação, porém, em momentos de muita ansiedade, admitiu ter tomado todos os medicamentos disponíveis de uma vez. Durante a realização da pesquisa, ela informou que estava sem medicação devido a esse motivo que foi apresentado anteriormente. Embora tivéssemos a intenção de explorar mais a fundo as questões relacionadas à sua saúde mental na entrevista semiestruturada, é importante destacar que a participante foi liberada durante o andamento da pesquisa, o que limitou a continuação das investigações nesse sentido.

A participante M.F. compartilhou que recebeu o diagnóstico de transtorno de personalidade borderline aos 15 anos, após ter sido vítima de violência sexual perpetrada por seu próprio pai. Ela relata que, desde então, tem mantido uma estabilidade no uso dos mesmos medicamentos e doses prescritas desde o

diagnóstico. No entanto, é importante ressaltar que a participante passou quase nove anos em situação de rua. Além desse diagnóstico, M.F. também enfrenta o desafio do alcoolismo e passou por um período de uso de crack ao longo de três anos.

Como abordado por Teston (2020), a utilização de medicamentos psicotrópicos durante o período de encarceramento é um fenômeno de natureza intrincada, influenciado por fatores como adesão, questões econômicas, desafios de controle, riscos de abuso e processos de medicalização. É pertinente observar também que o Ministério da Saúde resalta como as condições sanitárias e psicossociais dos estabelecimentos prisionais podem afetar profundamente o processo de saúde-doença dos detentos. Situações precárias nas prisões podem contribuir para agravar tanto problemas de saúde física quanto mental dos indivíduos reclusos, inclusive a exacerbação de condições pré-existentes (BRASIL, 2005 citado por Teston, 2020).

A realidade das pessoas em detenção é marcada por uma incidência desproporcional de doenças mentais, o que resulta em um uso substancialmente maior de medicamentos psiquiátricos em comparação com a população não encarcerada (FARABEE et al., 2019). Diversos estudos têm indicado não apenas uma maior incidência, mas também uma possível maior gravidade dos transtornos psiquiátricos no ambiente prisional em comparação com a população em geral (ARNAU et al., 2020, JAKOBOWITZ et al., 2019, HIRSCHTRITT; BINDER, 2017).

Diante de todas as vulnerabilidades apresentadas pelas participantes deste estudo, as quais exercem influência direta sobre a saúde mental delas, um fator de ajuda não medicamentosa em comum emergiu durante a pesquisa: a fé.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) atesta que a fé exerce influência não apenas sobre a saúde mental, mas também sobre a saúde física e biológica de um indivíduo. Dentro do contexto da unidade feminina, uma prática comum que se destaca é a realização de cultos religiosos. A dinâmica envolve a realização de cultos ou missas por galerias diferentes em dias específicos, e as demais participantes demonstram respeito por essas atividades. W.H., uma das participantes, compartilhou que esse é um dos momentos favoritos para ela, pois é quando pode expressar seu dom de cantar em louvor a Deus. Em suas palavras, ela aconselhou as outras participantes da seguinte maneira:

"Quando você sentir vontade de usar droga lá fora, busca a igreja, busca a Jesus, aquilo que você acredita. Foi a igreja Universal que me ajudou"(W.H., participante, mulher, 2023)

"Uma vez tava quase tendo overdose, e um pastor me achou na rua e me levou pra igreja."(T.F., participante mulher, 2023)

Observa-se então que essas práticas espirituais não apenas proporcionam um espaço de alívio emocional e apoio entre as participantes, mas também podem desempenhar um papel significativo na promoção da resiliência e na melhoria da saúde mental, fornecendo uma fonte de conforto e significado em um ambiente desafiador.

Portanto, é essencial que reconheçamos e concedamos importância à dimensão espiritual como um elemento crucial de apoio à saúde mental das pessoas em contextos de vulnerabilidade, como o ambiente carcerário. Além disso, devemos valorizar a significância do cuidado abrangente da saúde mental como parte integrante do processo de ressocialização, levando em consideração as complexidades de gênero, raça, cor, classe social e apoio familiar. É imperativo construir redes de apoio integral na saúde pública, tanto dentro quanto fora do sistema penal, para garantir que todos tenham acesso a recursos e assistência necessários para promover o bem-estar mental e a reintegração efetiva na sociedade.

6.7 EXPERIÊNCIAS DE MULHERES LÉSBICAS NO SISTEMA CARCERÁRIO

Na seção intitulada "Experiências de Mulheres Lésbicas no Sistema Carcerário", buscamos explorar e apresentar as vivências das participantes deste estudo, nas quais compartilharam suas experiências relacionadas a pessoas do mesmo gênero.

Antes de entrarmos mais a fundo no debate, é importante esclarecer alguns termos. O Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina desenvolveu, no ano de 2021, um glossário que aborda diversos termos relacionados ao gênero. Neste glossário, é esclarecido que o termo "lésbicas" se refere a mulheres que possuem atração sexual e romântica por pessoas do mesmo gênero (mulheres/feminino). O conceito de "lésbicas desfem" engloba mulheres lésbicas que não aderem aos padrões tradicionais de feminilidade estabelecidos

pela sociedade, tais como manter cabelos longos e utilizar roupas consideradas socialmente femininas, dentre outros aspectos.

Como já discutido neste estudo, a "condição feminina" na sociedade carrega consigo estigmas e vulnerabilidades sociais. É evidente que as discriminações e preconceitos que permeiam as discussões de gênero, relegando as mulheres a um papel subordinado em relação aos homens, contribuem para a ideia de que os crimes cometidos por mulheres sejam menos valorizados sob a perspectiva da sociedade. Ao trazer à discussão a realidade das mulheres lésbicas, estamos abordando um recorte ainda mais marginalizado e invisibilizado, resultado da interseção entre patriarcado, capitalismo e racismo, como teorizado por Saffioti (2015).

Com o aumento significativo da população carcerária feminina, compreender a orientação sexual como um aspecto essencial da identidade se torna fundamental para entender as experiências que essas mulheres enfrentarão no sistema penitenciário. Apesar da urgência em compreender a interseção de gênero e orientação sexual no ambiente carcerário, somente em outubro de 2020 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) estabeleceu como direito que pessoas condenadas fossem encaminhadas para prisões e cadeias de acordo com sua autoidentificação de gênero. Essa medida possibilita que pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis ou intersexo (LGBTI) condenadas e privadas de liberdade cumpram suas penas em locais condizentes com sua identidade de gênero autodeclarada.

Contudo, no mesmo ano, somente 3% das unidades prisionais (36 cadeias) possuíam alas destinadas ao público LGBTI, conforme dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). Outras 100 cadeias contavam com celas exclusivas para essa comunidade. De maneira geral, 90% das penitenciárias carecem de celas ou alas designadas para atender a esse público específico. Essa carência de estrutura adequada demonstra o quanto ainda há por fazer para garantir um tratamento respeitoso e justo para mulheres lésbicas no sistema penal.

As participantes M.F. uma mulher de origem branca e T.F. uma de origem mulher indígena, compartilham a particularidade de não adotarem os padrões tradicionais de feminilidade e estarem experimentando sua primeira experiência de privação de liberdade.

No início deste estudo, T.F. estava detida há apenas 10 dias, ainda na fase de

triagem²⁰, porém já inserida nesse contexto estava se alinhando com um padrão que elas chamam de "paizinho" – termo utilizado para mulheres lésbicas que não adotam os estereótipos tradicionais de feminilidade.

T.F., conforme mencionado anteriormente, revelou estar em um relacionamento fora da penitenciária com outra mulher, que também assumiu a responsabilidade pelo cuidado integral de seu filho de apenas 5 meses.

" Tô casada lá fora, aqui dentro é outra coisa" (T.F., participante mulher, 2023)

Durante os dias em que a equipe esteve presente na unidade, a história de T.F. se desenrolou com relação a algumas outras mulheres. A primeira mulher que se aproximou dela foi quem reivindicou os "direitos" sobre T.F., assumindo uma posição de destaque na hierarquia dentro da unidade, sendo considerada a "dona do barraco"²¹ para onde T.F. estava prestes a ir, conforme convite da própria mulher.

As participantes explicaram à pesquisadora que existe uma regra implícita de que não é permitida a traição entre os relacionamentos afetivos estabelecidos dentro do ambiente prisional. Nesse contexto, T.F. precisou interromper qualquer tipo de envolvimento emocional com as outras mulheres que estava se correspondendo dentro desse ambiente e, conseqüentemente, assumiu o papel de "paizinho" em relação a D.B. Embora D.B. não tenha sido diretamente abordada na pesquisa, os relatos das outras participantes a descrevem como uma figura poderosa na unidade feminina.

Giallombardo (1966), quando iniciou sua pesquisa sobre relacionamentos entre mulheres privadas de liberdade, abordou como as mulheres desenvolvem papéis sociais distintos dos homens na adaptação às privações da prisão. Para elas, a punição mais significativa parece estar relacionada ao rompimento da estrutura de categorização social do que é ser mulher. No entanto, em uma análise mais aprofundada, Santos (2019) complementa essa perspectiva ao enfatizar que, apesar da liberdade em se desvincular dos padrões sociais profundamente arraigados, ainda se observa a presença do que ele chama de "relacionamento por interesse". Isso se baseia na cultura de massa que promove a competitividade entre as

²⁰ Espaço inicial onde pessoas privadas de liberdade permanecem, antes de serem encaminhadas e encaminhados para suas respectivas celas.

²¹ O termo se refere a uma hierarquia de poder, quem está a mais tempo em privação de liberdade é dona da cela (barraco).

mulheres, sustentando a ideia de que "a pior inimiga de uma mulher é outra mulher". Mesmo em um ambiente de extrema privação como a prisão, as mulheres podem suspeitar umas das outras ao estabelecerem novas relações sociais. Essa desconfiança muitas vezes as leva a se enxergarem como rivais, fazendo com que a unidade social entre elas só ocorra quando satisfaz seus próprios interesses. Esses interesses não se limitam a bens materiais, mas também incluem status, sociabilização, afeto, intimidade e lealdade.

Além disso, Santos (2015) aborda a questão da solidão enfrentada pelas mulheres privadas de liberdade. Nesse contexto, a solidão não se refere apenas à ausência de companhia, mas sim a um sentimento de "estar só", de isolamento emocional e social.

Essas considerações se entrelaçam com a vivência da participante M.F., que assim como T.F., ao chegar à penitenciária, se envolveu com outra mulher em uma relação marcada por dinâmicas de poder. A mulher em questão era 24 anos mais velha que M.F. e era conhecida como a "dona do barraco". Essa mulher era mãe de um homem que também estava preso e era membro de uma organização criminosa.

Ao falar sobre a solidão de M.F. e sobre os relacionamentos baseados em interesses, não estamos apenas abordando sua experiência dentro do cárcere, mas também considerando toda sua trajetória de vida. Essa "solidão" está enraizada no abandono, nos traumas físicos e emocionais que ela vivenciou em sua própria família e nas ruas.

É importante ressaltar que, além das vulnerabilidades enfrentadas por serem mulheres e mulheres lésbicas, M.F. e T.F., como lésbicas desfem, têm suas expressões de gênero diretamente desafiadas. Elas são rotuladas como "paizinho" e, muitas vezes, tratadas como se fossem do gênero oposto ao seu. Isso representa mais uma violação de seus direitos como mulheres e mulheres lésbicas, relegando-as a um papel masculino e perpetuando normas pensadas originalmente para homens dentro do sistema penal. Rangel e Vargas (2020) afirmam que a punição feminina vai além do delito cometido, afetando diretamente a frustração de um ideal de feminilidade imposto às mulheres desde o nascimento.

Em suma, a análise das experiências de mulheres lésbicas dentro do sistema penal revela complexas intersecções de gênero, sexualidade, poder e vulnerabilidade. À medida que exploramos as narrativas de M.F., T.F. e outras participantes, é inegável que o ambiente prisional não apenas perpetua

desigualdades de gênero e reforça estigmas, mas também oferece um palco onde as dinâmicas de poder se manifestam de maneira única.

Diante dessas realidades, é crucial que a sociedade e as instituições penais reconheçam a necessidade de criar espaços e políticas que respeitem e protejam os direitos das mulheres, independentemente de sua orientação sexual. A recente ação do Conselho Nacional de Justiça em direcionar pessoas condenadas para prisões conforme sua autoidentificação de gênero é um passo importante, porém, a falta de infraestrutura adequada para essa população ainda é evidente. O sistema carcerário deve evoluir para se tornar mais inclusivo, considerando as particularidades das experiências femininas e LGBTI+.

Além disso, é imprescindível a implementação de programas de educação, sensibilização e treinamento para profissionais do sistema penal, visando uma abordagem mais empática e justa. O conhecimento acerca das intersecções de gênero, sexualidade e vulnerabilidade é fundamental para a promoção de um ambiente onde mulheres lésbicas e bissexuais possam cumprir suas penas sem serem submetidas a discriminação, estigmatização ou violência.

À medida que ampliamos nossas reflexões e discussões sobre essa temática, estamos contribuindo para uma sociedade mais igualitária e inclusiva, na qual todas as mulheres, independentemente de sua orientação sexual, tenham a oportunidade de viver com dignidade e respeito, tanto dentro como fora das paredes prisionais.

6.8 VIVÊNCIAS ESCOLARES: A EXCLUSÃO

Nesta seção, serão abordadas as vivências escolares sob a perspectiva de todas(os) as(os) participantes. A escolha desta categoria visa atender ao objetivo central de compreender se a comunidade escolar tem influência na vivência dessas(es) jovens selecionadas(os) e em suas perspectivas futuras.

Analisar as motivações escolares desses participantes demanda uma análise aprofundada, uma vez que a vivência escolar muitas vezes está interligada a um histórico de dificuldades e adversidades que podem afetar sua trajetória de forma abrangente.

Em uma análise geral, a maioria das reclamações dos indivíduos deste estudo girou em torno de aspectos como violência entre colegas, rigidez excessiva do ambiente escolar, falta de interesse nas matérias, uso de uniformes e falta de

perspectivas futuras. Essas observações dessas(es) jovens estão relacionadas a suas próprias experiências com relação à família e às escolas.

Daniel Cara, coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (2022), afirma que no Brasil não existe abandono escolar, mas sim exclusão escolar. Antes de prosseguir, é importante explicar a diferença entre abandono escolar e evasão escolar. O abandono escolar ocorre quando a(o) aluna(o) deixa de frequentar as aulas sem completar uma determinada série ou não conclui o ano letivo. Por outro lado, a evasão escolar acontece quando, independentemente de ter sido aprovada(o) ou não, a(o) aluna(o) conclui o ano letivo e não retorna à escola no ano seguinte. Então, por que, neste estudo, estamos tratando esses dois termos como exclusão escolar?

De acordo com Neri e Osório (2022), existem diversos fatores que podem ocasionar o abandono ou evasão escolar, tais como: falta de interesse dos alunos, problemas financeiros, dificuldade na logística, falta de engajamento da família, relacionamento ineficiente entre escolas e alunos, falta de atividades dinâmicas, bullying com o aluno, defasagem no aprendizado, problemas socioemocionais, entre outros. Analisando esses fatores, podemos facilmente associá-los às trajetórias de vida de todas(os) as(os) participantes desta pesquisa.

Para proporcionar uma compreensão mais ampla, serão empregadas as perguntas coletivas que foram conduzidas durante as entrevistas semiestruturadas. É importante ressaltar que a coleta de dados foi conduzida por meio dessas entrevistas semiestruturadas, abrangendo um total de oito participantes. Vale mencionar que a participante D.E. da unidade feminina foi liberada durante o curso da pesquisa.

Essa abordagem possibilitou uma exploração minuciosa das experiências e pontos de vista dos indivíduos envolvidos. As perguntas coletivas, empregadas durante as entrevistas, foram cuidadosamente elaboradas para englobar uma ampla variedade de temas relacionados às vivências das(os) participantes no contexto de suas experiências escolares, abordando também aspectos familiares e suas perspectivas futuras.

QUADRO 1 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 1	Com quantos anos você foi detida(o) pela primeira vez?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.

RESPOSTAS	17 ANOS	22 ANOS	13 ANOS	15 ANOS	17 ANOS	15 ANOS	17 ANOS	12 ANOS

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 2 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 2	Você estava na escola?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	SIM

FONTE: A autora, 2023.

Ao abordarmos as duas primeiras questões da entrevista semiestruturada, observamos alguns fatores em comum: a idade escolar na primeira apreensão e o fato de as(os) jovens não estarem frequentando a escola. O Levantamento Anual do Sistema de Atendimento Socioeducativo (Sinase), lançado em 2020, relata que a maioria das(os) jovens, quando cometem o ato infracional, já estava afastada da escola. Esse afastamento é associado a situações de extrema vulnerabilidade social enfrentadas por essas(os) jovens, que vêm de contextos conflituosos, moradias precárias e frequentemente residem em áreas dominadas pelo tráfico, onde a ascensão costuma ocorrer de maneira ilícita. Além disso, problemas de uso abusivo de álcool e outras drogas na família e abandono paterno compõem esse cenário, dificultando ainda mais a frequência e permanência no ambiente escolar, especialmente quando este não está preparado para atender a essas demandas.

QUADRO 3 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 3	Até que série estudou?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	9º ANO	9º ANO	7º ANO CONCLUIU OS ESTUDOS DENTRO DA PRISÃO	7º ANO	8º ANO	9º ANO	9º ANO	6º ANO

			(EJA)					
--	--	--	-------	--	--	--	--	--

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 4 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 4	Quantas escolas você já frequentou?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	2	2	2	4	1	5	3	7

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 5 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 5	Como eram as escolas que você já frequentou?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	“As escolas eram normais, assim de carteira, comida, professores.O problema eram os alunos, sofria muito preconceito, me chamavam de macaca pela minha cor, falavam do meu cabelo que não crescia nunca, eu odiava.”	“A escola da França tinha tudo, natação, violão, aulas de inglês, português, francês, mas os professores eram horríveis, muito preconceituosos porque eu era brasileira. Não tinha nenhum amigo de verdade. Quando denunciei meu pai, minha tia me arrumou uma vaga em um internado evangélico aqui, e foi horrível também, tanto que não consegui ficar nem	“As escolas eram boas, eu era o problema.”	“Eu odiava a escola, porque me chamavam de menino, ficavam querendo abaixar minha calça pra ver se eu era menino e menina. Eu odiava o uniforme também, porque só podia usar isso, e meu uniforme era justo, todo apertado e eu queria uma roupa mais larga.”	“Era uma escola normal, sem muita coisa porque era lá do interior,quando fui expulso nem tinha onde estudar porque era a única escola que tinha”	“Estudei em escolas muito legais, boas e tal, mas não curtia as regras, a pedagoga.”	“Eram escolas normais, nem tem o que falar, não ligava pra isso.”	“Passei por tanta escola que nem lembro, mas acho que eram boas sim, eu que não aproveitei.”

		<i>dois meses.”</i>						
--	--	---------------------	--	--	--	--	--	--

FONTE: A autora, 2023.

Salata (2019) discorre que o abandono e a evasão escolar não são decisões pontuais, mas sim processos de fragilidade escolar de média ou longa duração, relacionados a condutas de desengajamento que frequentemente estão ligadas à desconexão entre o currículo escolar e as experiências de vida dos jovens. Abordagens pedagógicas que integram conteúdo relevante, prático e consideram as realidades desses jovens podem contribuir para uma maior motivação e engajamento. Isso não se limita apenas a regras de conduta, como uniformes, mas também promove a liberdade, a diversidade e a autonomia desses indivíduos.

Essa constatação está alinhada com as perspectivas dos indivíduos deste estudo, cujos relatos verbalizam não apenas o descontentamento e a falta de perspectiva em relação a si mesmos e suas famílias, mas também em relação à estrutura do ambiente escolar. Considerando que esses jovens frequentaram o sistema escolar por pelo menos 10 anos, é notavelmente relevante que tenham poucas lembranças de docentes ou situações de aprendizagem satisfatórias.

QUADRO 6 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 6	Você se sentia confortável para compartilhar com seus professores e funcionários da escola sobre situações que vivia em casa?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM, CONVERSAVA COM A “TIA DA MERENDA”

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 7 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 7	Cite pelo menos uma coisa que você considera ter sido boa nas escolas que já frequentou.							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	“Gostava de tirar	“Não consigo lembrar de	“Gostava de ser boa em estudar,	“Gostava do intervalo,	“Gostava dos meus amigos,	“As meninas né professora.	“Gostava que a educação	“Eu gostava das professoras

	boas notas.”	nada.”	em falar tudo antes de todo mundo.”	de ficar jogando bola.”	amigas e da merenda.”	”	era boa.”	no socioeducativo, o último que fui.”
--	--------------	--------	-------------------------------------	-------------------------	-----------------------	---	-----------	---------------------------------------

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 8 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 8	Cite pelo menos uma coisa que você considera ter sido ruim nas escolas que já frequentou.							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	“O preconceito.”	“O preconceito.”	“A disciplina.”	“Acho que as brigas e o uniforme.”	“Ah, se eu pudesse mudava tudo, até eu.”	“Queria que a escola começasse mais tarde.”	“Odiava todas as regras.”	“Tudo que eu fazia era eu, a diretora me odiava.”

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 9 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 9	Como aluna(o) você teve alguma atitude que você mudaria? Se sim, o que?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	“Voltaria a estudar, parei só porque estava grávida.”	“ Eu não fiz nada de errado, era boa aluna.”	“Ia parar de fumar escondido.”	“Voltaria a estudar pra dar uma vida melhor pro meu filho.”	“Acho que nada.”	“Aprontaria menos.”	“Acho que não iria me envolver com as pessoas que me envolvi.”	“Iria parar de brincadeiras bobas e de brigas.”

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 10 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 10	E nas escolas que você já estudou, teria algo que você mudaria nelas? Se sim, o quê?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	“Os alunos e os professores.”	“Os professores.”	“As regras.”	“Acho que queria que todo mundo fosse tratado igual.”	“A escola toda.”	“Acho que mudaria nada não.”	“ Os professores e as regras todas.”	“Ah, mudaria tudo.”

FONTE: A autora, 2023.

Nas verbalizações efetuadas pelos participantes, observa-se no diálogo a ausência de pertencimento ao ambiente escolar, no qual não se sentem acolhidos, não compreendem e tampouco demonstram entusiasmo em relação ao aprendizado. O pertencimento escolar é um conceito crucial quando se trata do bem-estar e do desenvolvimento dos jovens. Trata-se da sensação de fazer parte da comunidade escolar, de sentir-se integrado e valorizado no ambiente educacional, além de abordar a construção da identidade desse jovem no espaço escolar.

O espaço escolar deve ser concebido para atender às necessidades de jovens negros, trans, heteros, cis, LGBTQIA+ e ser um ambiente propício tanto para a docência quanto para a autonomia do professor e do aluno. Isso requer uma coordenação ativa e atenta às demandas educacionais dos profissionais que atuam no ambiente, bem como das expectativas do público atendido.

A escola não pertence somente aos professores nem à direção. Ela deve ser planejada para os alunos, levando em consideração suas perspectivas, necessidades e aspirações.

QUADRO 11 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 11	Você acredita que é importante estudar? Conhece alguém que melhorou de vida através dos estudos?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	“Acho importante e estudar, ajuda a gente a ter uma vida melhor. Não conheço ninguém que conquistou nada através dos estudos.”	“Acho importante estudar, conheço várias pessoas que conquistaram muitas coisas pelos estudos, meu pai é um, mas isso não faz dele uma boa pessoa.”	“Acho que é importante estudar, meu tio conquistou muitas coisas, admiro ele.”	“Não conheço ninguém que conseguiu uma vida melhor estudando, mas todo mundo fala que da pra conseguir, eu acredito.”	“Minha irmã tá estudando, acho que vai conquistar muitas coisas. Acho que estudar é importante sim, tras vários aprendizados.”	“Acho que estudar é importante sim, tenho um amigo que estudou, hoje mora em Londres, sempre me dá conselhos.”	“Acho que estudar é importante sim, se tivesse filho ia incentivar, mas não sei se voltaria não. Conheço meu primo que estudou e conquistou as coisas.”	“Tenho um primo que melhorou de vida estudando bastante. Acho que estudar é importante também.”

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 12 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 12	Sua mãe estudou? Se sim, até que série? E seu pai?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	“Minha mãe termino u o ensino médio, e meu pai era analfab eto.”	“Minha mãe morreu quando eu era criança, não sei até que ano estudou. Meu pai tem até faculdade.”	“Minha mãe estudou até o ensino médio, meu pai não sei,mas é pastor.”	“Vi meu pais quando era muito pequena, não sei até que série estudou e pra minha mãe nunca perguntei.”	“Meu pai nunca conheci, professora, minha mãe é analfabeta.”	“ Não faço ideia professora.”	“ Meu pai e minha mãe estudaram, acho que a primeira série só, sabem ler e escrever.”	“Meu pai tem ensino médio completo, minha mãe estudou até a sexta série acho, nunca perguntei direito,”

FONTE: A autora, 2023.

QUADRO 13 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

QUESTÃO 13	Seu irmãos como era a relação de vocês? Eles iam para escola também?							
PARTICIPANTES	W.H.	M.F.	Y.H.	T.F.	CORINGA	B.R.	L.K.	R.S.
RESPOSTAS	“Tenho dois irmãos, uma menina e um menino. O menino sempre me defendeu, minha irmã transou com meu primeiro marido, tive que dar uma facada nele. Meu irmão estudou até o 7º ano, sei que ele ta preso agora. Minha irmã sei que terminou	“Tenho dois irmãos por parte de pai, que moram na França, não sei mais nada deles. Por parte de mãe tenho 6, mas nunca conheci nenhum.”	“Tenho dois irmãos, um deles já ficou preso 7 anos, agora ta tranquilo, não sei até que ano estudou. Meu irmão mais novo, tá terminan do o ensino médio, quero sir daqui pra cuidar dele, porque tá entrando	“Tenho um irmão e uma irmã, o menino nunca foi de estudar e a menina sim. Não éramos próximos não, ”	“Eu tenho 11 irmãos professora, sei só da minha irmã que tá estudando, o resto nem sei.”	“Tenho um irmão que terminou o ensino médio e me colocou aqui na cadeia. A minha irmã ta no ensino médio, quero sair daqui pra cuidar dela.”	“Tenho uma irmã, mas ela engravidou quando tava na escola, acho que era no ensino médio, agora não sei se ta estudando. Tudo que sei é que meu cunhado foi preso e to preocupado com ela, a gente sempre foi amigo.”	“ Meu irmão estudou acho que até o 4º ano, no máximo 6º, a gente era bem amigo, mas ele foi morto pela policia, por isso preciso sair daqui e ajudar minha irmã, ela tem 16 anos, ta na escola.”

	os estudos, mas eu não falo com ela.		pro crime.”					
--	--------------------------------------	--	-------------	--	--	--	--	--

FONTE: A autora, 2023.

Paulo Freire (1979) diz: “*A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo*”. Neste contexto de análise das vivências escolares das(os) participantes, fica evidente que a educação desempenha um papel fundamental na formação dessas(es) jovens. Suas experiências, muitas vezes marcadas por dificuldades e adversidades, refletem a necessidade de um sistema educacional que vá além do ensino formal, que considere as realidades individuais e proporcione um ambiente de pertencimento, respeito e acolhimento.

A exclusão escolar, seja ela na forma de abandono ou evasão, não se limita apenas à ausência física dos bancos escolares, mas também à ausência de um ambiente onde esses jovens se sintam verdadeiramente conectados e valorizados. A construção desse ambiente exige não apenas políticas educacionais bem estruturadas, mas também uma atenção cuidadosa às demandas dos alunos e à diversidade de experiências que trazem consigo.

Portanto, é fundamental que a escola seja um espaço inclusivo, que reconheça a singularidade de cada aluno e se esforce para atender às suas necessidades. Somente assim a escola poderá verdadeiramente cumprir o potencial transformador, permitindo que as pessoas se desenvolvam plenamente e, por meio de suas trajetórias individuais, contribuam para a transformação do mundo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

Abuso e violência: você sabe diferenciar? (2022, 3 de fevereiro). Sinopsys Editora. Disponível em: <https://www.sinopsyseditora.com.br/blog/abuso-e-violencia-voce-sabe-diferenciar-53>

9. Acesso em: 22 de Junho de 2023.

ABRAMOVAY, M. Juventude, **Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002. 192 p.

ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil**. São Paulo: Fundação ABRINQ, 2020. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/sites/default/files/2020-03/cenario-brasil-2020-1aeducacao.pdf>. Acesso em: 15 de Março de 2022.

AGLIARDI, D. A. (2007). **Histórias de vida de adolescentes com adolescentes privados de liberdade: como narram a si mesmos e aos outros**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

ALENCASTRO, P. L.. **Mães presidiárias e direito da criança e do adolescente à convivência familiar**. 2015. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul.

ANJOS, N. R.; FERREIRA, H. R. S. M. **A escolarização de adolescentes em conflito com a lei: uma revisão da literatura**. Research, Society and Development, [s. l.], v. 9, n. 11, 28 nov. 2020. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10310/9174>. Acesso em: 7 mar. 2022.

A prisão dos pais condena os filhos? Voz, 3 de out. 2016. Disponível em: <https://www.projetovoz.com/?p=620>. Acesso em: 15 de ago. de 2021.

ARANZEDO, A. C.. **“Meninas”: os conflitos com a lei e as representações das medidas socioeducativas**. Psicologia e Saber Social, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 265-276, dez. 2015.

ARAÚJO, Teresinha Teixeira de; FELIX, Elizabeth Rodrigues. **Religião e prisão:**

liberdade na diversidade. In: Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, Eixo: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social, Sub-eixo: Direitos Humanos, formação e exercício profissional. Vitória, ES, Dezembro de 2023.

BANDEIRA, Regina. **LGBTI: CNJ reconhece identificação de gênero no sistema prisional.** Agência CNJ de Notícias, 2 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/lgbti-cnj-reconhece-identificacao-de-genero-no-sistema-prisonal/>. Acesso em: 07 de Junho de 2023.

Barbieri, Bianca da Cruz; Santos, Naiara Ester dos; Avelino, Wagner Feitosa. **Violência escolar: uma percepção social.** Revista Educação Pública, ISSN 1984-6290, Qualis B1 - avaliação CAPES 2020-2024, DOI: 10.18264/REP. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/7/violencia-escolar-uma-percepcao-social>. Acesso em: 12 de Julho de 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BAZON, M. R.; KOMATSU, A. V.; PANOSSO, I. R.; ESTEVÃO, R. (2011). **Adolescentes em conflito com a lei, padrões de comportamento infracional e trajetória da conduta delituosa: Um modelo explicativo na perspectiva desenvolvimental.** Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade, v. 5, p. 59-87.

BAZON, M. R.; SILVA, J.; FERRARI, R. (2013). **Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei.** Educação em Revista, v. 29, p. 175-199.

BORGES, T. **Invisíveis até quando? O impacto do encarceramento na vida de crianças e adolescentes.** Rede Nacional Primeira Infância. São Paulo, 13 de dezembro de 2017. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/invisiveis-ate-quando-o-impacto-do-encarceramento-na-vida-de-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 13 de ago. de 2021.

BLACK, D. S.; GRENARD, J. L.; SUSSMAN, S.; ROHRBACH, L. A. (2010). **The influence of school-based natural mentoring relationships on school attachment and subsequent adolescent risk behaviors.** Health Education Research, v. 25, n. 5, p. 892-902.

BRANDÃO, Helena H. Negamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Editora Unicamp, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990 (1990, 27 de novembro). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1.

BRASIL. **Decreto nº 99.710**, de 21 de novembro de 1990.

BRASIL. (2006). **Lei nº 11.343**, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Recuperado de https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=790351&filename=LegislacaoCitada#:~:text=Institui%20o%20Sistema%20Nacional%20de,crimes%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias. Acesso em: 22 de Junho de 2023.

BRASIL, Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de informações penitenciárias InfoPen - 2016.** Brasília, DF: 2017a.

BRASIL, Lei Federal nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. **Importância da concepção pedagógica para os adolescentes em conflito com a lei.** [S. l.], 18 jan. 2012. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm. Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos/ Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Levantamento Anual SINASE 2017**. Brasília, DF: 2017.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira -Inep. **Censo Escolar**. [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BRASIL. Relatório Executivo. **Análise da execução das medidas socioeducativas de meninas adolescentes, em privação de liberdade.: Pesquisa sobre o atendimento socioeducativo às meninas privadas de liberdade, em 10 cidades brasileiras**, [S. l.], Março de 2021. Disponível em: https://www.ibam.org.br/media/arquivos/2021/Rel__executivo_300421.pdf. Acesso em: 7 mar. 2022.

BRONFENBRENNER, U. (1996). **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados** (M. A. V. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

CABRAL, T. K. C. **Adolescentes em conflito com a lei: um olhar sobre o processo de execução de medida socioeducativa no município de Rio Branco do Sul - Paraná: um olhar sobre o processo de execução de medida socioeducativa no município de Rio Branco do Sul - Paraná**. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CALADO, V. A. **Escolarização, gênero e conflito com a lei: um estudo de registros de atendimento a adolescentes em medida socioeducativa**. 2010. 224 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CALDWELL, R. M.; STURGES, S. M., & SILVER, N. C. (2007). **Home Versus School Environments And Their Influences On The Affective And Behavioral States Of African American, Hispanic, And Caucasian Juvenile Offenders.** Journal Of Child And Family Studies, 16(1),125-138.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais.** Temas psicol. [online]. 2013, vol.21, n.2, pp. 513-518. ISSN 1413-389X. Disponível: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso: 17 de Maio de 2022.

CARA, D.; MACHADO, K.. **‘Não existe abandono escolar, existe exclusão escolar’.** Entrevista concedida à EPSJV/Fiocruz. 08/02/2019. Atualizado em 01/07/2022. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/nao-existe-abandono-escolar-existe-e-xclusao-escolar>. Acesso em: 20 de Agosto de 2023.

CARVALHO, P. R. **Mulheres em situação de rua: Fatores que contribuem para esta vivência.** In: IX JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2019, São Luis, Maranhão, Brasil. Civilização ou Bárbarie: o futuro da humanidade. http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissa_old_19_195c86cad9dc8be.pdf

CESPI. **A menina e a adolescente no Brasil – Uma análise da bibliografia.** Rio De Janeiro: Ed. Universitária, 1994.

Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. (2006). **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.** Brasília: CONANDA.

COSTA, C. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

COSTA, M., GUEDES, R. (2009). **Expectativas de futuro como efeito escola:**

Explorando possibilidades. São Paulo em Perspectiva, Fundação Seade, 23(1), 101-114.

CUNHA, E. D. O., DAZZANI, M. V. M. (2016). School and adolescents in conflict with the law: revealing the plots of a difficult relationship. *Educação em Revista*, 32(1), 235-259.

CHECCHIA, A. K. A. **O que jovens alunos de classes populares têm a dizer sobre a experiência escolar na adolescência.** 2006. 234 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CNJ – Conselho Nacional de Justiça. **Dos espaços aos direitos: a realidade da ressocialização na aplicação das medidas socioeducativas de internação das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei nas cinco regiões.** Brasília: CNJ, 2015.

CRUZ-NETO, O.; MOREIRA, M. R. **Trabalho infanto-juvenil: motivações, aspectos legais e repercussão social.** *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n. 2, 1998, p. 437-441.

DALLAQUA, M. F. **Histórico infracional familiar: comparação entre universitários e apenados, variáveis preditoras e parâmetros psicométricos.** 2019. 58 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. 2019. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1742> Acesso: 11 de Março de 2022.

DAYRELL, J ; MAIA, C. V. V. **O jovem como sujeito social.** In: *Revista Brasileira de Educação*. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.

Departamento Penitenciário Nacional. **Infopen.** Dezembro/2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiaMmU4ODAwNTAtY2lyMS00OWJiLWE3ZTgZGNjY2ZhNTYzZDliIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOG>

R hNmJmZThIMSJ9> . Acesso em: 15 de ago. de 2021.

DIAS, M. S. A. **Para Estes Meninos E Meninas, Qual Docência? (Escolas De Sistemas Socioeducativos – Brasil E Colômbia)**. 2019. 288 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação - Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

PEDROSO, R. C. B.. **Mulheres em situação de rua e os motivos pelos quais acessam ou não os serviços de saúde**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Porto Alegre, 2020.

ELIAS, A. R. R.; JUNQUEIRA, M. A. B.; NORONHA, I. C.; PEREIRA, J.; GIULIANI, C. D.; FERREIRA, M. C. M.. **Vulnerabilidades e marginalização no mundo do trabalho da prostituição**. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, MG, v. 31, n. 2, jul./dez. 2018. ISSN 1981-3082.

FERNANDES, F. G.. **O Estado Brasileiro Violador de Direitos Humanos: A Violência Policial em São Paulo**. Eixo: Trabalho, questão social e Serviço Social. Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e suas repercussões no trabalho profissional da e do assistente social. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, Vitória, ES, Dezembro de 2018.

FREITAS, M. M.. **Religião nos presídios: Contribuição na transformação da conduta do detento**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 06, Vol. 11, pp. 47-53. Junho de 2019. ISSN: 2448-0959.

IBGE, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, 2019.

IBGE, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, 2020.

Instituto de Estudos de Gênero, Universidade Federal de Santa Catarina.

GLOSSÁRIO LGBTQIA+. Publicada em 16 de junho de 2021. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/noticias/497>. Acesso em: 07 de Junho de 2023.

KOSMINSKY, E. V; PINTO, MIYASHIRO, R. B. **Filhos de presidiários na escola: um estudo de caso em Marília.** Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 5, n. 1-2-3, 2005.

KRAPP, J. (2019, 8 de agosto). **Pesquisa revela dados sobre o consumo de drogas no Brasil.** Ict/Fiocruz. Recuperado de <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-o-consumo-de-drogas-no-brasil>. Acesso em: 29 de Junho de 2023.

LAPA, J. L. G. **Identificação e Formação de Valores Pessoais no Ambiente Escolar de Ensino Fundamental II: O Sujeito Ecológico em Construção.** 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

LARANJEIRA, C. A. (2007). **A análise psicossocial do jovem delinquente: Uma revisão da literatura.** Psicologia em Estudo, 12, 221-227.

LEAL, F. S. **A Escola e o Adolescente em Conflito com a Lei: análise das representações sociais de educadores.** 2020. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

LEMGRUBER, J.; DIAS, C. M. A.; WERMELINGER, M. **A mulher encarcerada e seus filhos.** Revista USP, n. 65, p. 86-95, 2005.

LEON, F. L. L.; MENEZES, N. F. A. (2003). **Reprovação, avanço e evasão escolar no Brasil.** Pesquisa e Planejamento Econômico, PPE, 32, 417-451.

LILJEBERG, J. F., EKLUND J. M., FRITZ M. V., & KLINTEBERG B. (2011) **Poor School Bonding And Delinquency Over Time: Bidirectional Effects And Sex**

Differences. Journal Of Adolescence, 34(1), 1-9.

LIMA, R. L. **Educação nos sistemas socioeducativos: desafios e perspectivas**. 2015. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

LOURENÇO, L. H.; SILVA, V. P. A.; MAIA, A. C. **Aprendizagem da Leitura e Escrita de Adolescentes Privados de Liberdade**. *Psicologia em Estudo*, v. 15, n. 1, p. 133-142, 2010.

MAIA, G. G. **Respeitar é Bom, mas e a Justiça? Uma análise das concepções de Justiça de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de meio aberto**. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

M., D. C. **Prevalência de exposição às situações de violência vividas por estudantes adolescentes brasileiros**. *Revista Mineira de Enfermagem (REME)*, vol. 26, e-1458, 2022. DOI: 10.35699/2316-9389.2022.38624. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/38624/31953>. Acesso em: 12 de Julho de 2023.

MAREGA, G.; SHIMA, V. T. B; TESTON, A. P. M. **O uso de psicofármacos no sistema prisional: um trabalho de revisão**. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 79888-79905, outubro de 2020. ISSN 2525-8761.
Acesso em: 06 de Junho de 2023.

MARINHO, F. C.. **Avaliação do Programa Socioeducativo de Internação no Distrito Federal: Desistência do Crime e Reinserção Social de Egressas**. 2019. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MASCARENHAS, M. D. M.; MELO, A. S.; RODRIGUES, M. T. P.; BAHIA, C. A.; LIMA, C. M.; CORASSA, R. B.; ANDRADE, F. M. D.; MALTA, D. C. **Prevalência de**

exposição à violência entre adultos – Brasil, 2019. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 24, supl. 2, e210019, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/8V6wFV8W3dZBtRjskMywDSP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 de Julho de 2023.

MARTINS, H. (2018, 24 de junho). **Lei de drogas tem impulsionado encarceramento no Brasil.** Repórter da Agência Brasil. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/lei-de-drogas-tem-impulsionado-encarceramento-no-brasil>. Acesso em: 22 de Junho de 2023.

MARQUES, A. A. M.; NOGUEIRA, L. V.; BATISTA, P. M. V. O.; LIMA, F. C. S.; BRAGA, S. L. B.; ANDRADE, F. B. **Adolescência, vulnerabilidade e medidas socioeducativas: um estudo com adolescentes em privação de liberdade.** Psicologia & Sociedade, v. 27, n. 1, p. 134-145, 2015.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., SEGATA, J. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online].** Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para a ação na Covid-19 series. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php/br/os-impactos-sociais-da-covid-19-no-brasil-populacoes-vulnerabilizadas-e-respostas-a-pandemia> Acesso em: 14 de Março de 2022.

MATIAS, R. S. A.; CARVALHO, R. S.; MELO, W. D. A. **Condições socioeconômicas e educação escolar de adolescentes privados de liberdade: um estudo exploratório em uma unidade de internação.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 27, n. 105, p. 341-358, 2019.

MAZER, S. M., BELLO, A. C., & BAZON, M. R. (2009). **Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de riscos associados.** Psicologia da Educação, 28, 7-21.

MEDEIROS, P. C., LOUREIRO, S. R., LINHARES, M. B. M., & MARTURANO, E. M.

(2000). **A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldades de aprendizagem.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 13(3), 327-336.

MELLO, D.. **Violência policial é expressão do racismo em diversas partes do mundo.** Publicado em 21/03/2023. Repórter da Agência Brasil - São Paulo. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/violencia-policial-e-expressao-do-racismo-em-diversas-partes-do-mundo>. Acesso em: 29 de Junho de 2023.

MENDONÇA, D. M.; GONZALEZ, M. F. A. F. S. **Adolescente em conflito com a lei: família e escola como contexto de vida.** Psicologia & Sociedade, v. 26, n. 1, p. 166-175, 2014.

MF PRESS GLOBAL. **Ciência comprova os benefícios da Fé para o corpo, mente e coração.** 18/02/2020 19:50. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/mf-press/2020/02/18/mf_press_economia_economia,1122797/ciencia-comprova-os-beneficios-da-fe-para-o-corpo-mente-e-coracao.shtml. Acesso em: 18 de Agosto de 2023.

MINAYO, M. C. S.; PINTO, L. W.; SILVA, C. M. F. P.. **A violência nossa de cada dia.** SciELO Preprints, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.3600. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3600>. Acesso em: 18 de Agosto de 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). (2005). Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. **Fracasso escolar no Brasil: Políticas, programas e estratégias de prevenção ao fracasso escolar.** Brasília: MEC.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 2005.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Nota Técnica n.º 17/2020/DIAMGE/CGCAP/DIRPP/DEPEN/MJ. [S. I.]**, 6 de maio de 2020. Disponível

em:https://www.gov.br/depen/pt-br/arquivos/copy4_of_DSEI_MJ11491722NotaTcnica
.pAcesso em: 13 mar. 2022.

MORAES, M. O.; ROCHA, J. R. F.; MELLO, A. M. A. **Medida socioeducativa e o desafio da educação em meio fechado: um estudo sobre a implementação de um programa de escolarização em uma unidade de internação.** Educação & Sociedade, v. 40, n. 146, p. 949-968, 2019.

MOREIRA, I. C. C. C.; MONTEIRO, C. F. S.. **A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 20, n. 5, p. [07 telas], set.-out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/SQXkcFZktfcPbsJThTkzs6h/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Exercer%20a%20atividade%20de%20prostitui%C3%A7%C3%A3o,mulher%20que%20exerce%20essa%20pr%C3%A1tica>. Acesso em: 29 de Junho de 2023.

NARDES, S.; GIONGO, C. R.. **Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 1, e66011, 2021. DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n166011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ZR3svtmGxS4MzrRfMQw6TNt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de Agosto de 2023.

NASCIMENTO, P. G. S. **Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: a questão da vulnerabilidade social.** 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

NAÇÕES UNIDAS. **Convenção dos Direitos da Criança**, de 1989.

NERI, M. C.; OSORIO, M. C.. **Retorno para escola, jornada e pandemia.** Rio de Janeiro: FGV Social, 2022. 41 páginas. Disponível em: https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/FGV_Social_Neri_RetornoParaEscolaJornadaPandemia.pdf. Acesso em: 20 de Agosto de 2023.

NERY, C.. **Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas.** Editoria: Estatísticas Sociais. Agência de Notícias do IBGE, 07/05/2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>. Acesso em: 16 de Julho de 2023.

NJAINE, K., & MINAYO, M. C. S. (2003). **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção.** Interface Comunicação, Saúde e Educação, 7(13), 119-134.

NUNES, M. C. A.; ANDRADE, A. G. S.; MORAIS, N. A. **Adolescentes em conflito com a lei e família: um estudo de revisão sistemática da literatura.** Contextos Clínicos, Fortaleza, v. 2, n. 6, p. 144-156, dez. 2013.

OLIVEIRA, J. G. **As Políticas Socioeducativas como Espaço de Afirmação e Limitação de Direitos: Um Estudo a Partir dos Adolescentes em Cumprimento de Medidas Socioeducativas.** 2021. 169 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

OLIVEIRA, L. F.. **Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Civil-Militar (1964-1985).** Revista de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades, Salvador, n. 7, v. 1, p. 1-15, maio-out. 2017. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21694/14301>. Acesso em: 17 de Agosto de 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. COVID-19: **Estratégia de resposta operacional à COVID-19: Guia preliminar.** Genebra: OMS, 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/covid-strategy-update-14april2020.pdf?sfvrsn=29da3ba0_3. Acesso em: 18 de Agosto de 2023.

RANGEL, T. L. V.; VARGAS, I. T. G.. **Invisibilidade, silêncio e lesbianidade no**

sistema prisional brasileiro: o Estado como violador de direitos fundamentais.

Publicado em 01/10/2020 às 13:50. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/85705/invisibilidade-silencio-e-lesbianidade-no-sistema-prisional-brasileiro>. Acesso em: 07 de Junho de 2023.

ORMENO, G. R. et al. **Children of Incarcerated Women in Brazil: Vulnerability and Traumatic Experiences in Their Lives.** Journal of Latino/Latin-American Studies, 8(2), p. 10-17, 2016.

OZELLA, S. **A adolescência e os psicólogos: A concepção prática dos profissionais. Adolescências construídas: a visão da psicologia sociohistórica.** São Paulo: Cortez, 2003.

PESSOA, A. S. G.; COIMBRA, R. M. (2016). **Desafiando noções hegemônicas sobre resiliência e indisciplina no contexto escolar.** Polêmica, 16(2), 59-70.

PEUKER, A. C. W.,CAOVILLA, J. D.,COSTA, C. B., MOSMANN, C. P. (2020). **Uso de álcool e outras drogas por adolescentes: associações com problemas emocionais e comportamentais e o funcionamento familiar.** Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, 32(2), 315-334. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v32n2/07.pdf>. Acesso em: 29 de Junho de 2023.

RBA, Rede Brasil Atual. **O Brasil é o sétimo país com mais desigualdade no mundo, segundo a ONU.** [S. l.], 10 dez. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/12/brasil-7-pais-desigualdade/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

REIS, K.. **Medidas socioeducativas: responsabilizar é diferente de punir.** Disponível em: <https://www.gesuas.com.br/blog/medidas-socioeducativas/>. Acesso em: 26 set. 2020.

SALES, M. J. C. **Drogas e Juventude: um estudo sobre adolescentes em conflito com a lei.** 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) -

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SAMPAIO, I. T. A., & GOMIDE, P. I. C. (2017). **Inventário de Estilos Parentais (IEP) – Gomide (2006)** Percurso de Padronização e Normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15–26. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19675> Acesso: 12 de Março de 2022.

SANTOS, A. M. V. **Pais encarcerados: filhos invisíveis**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 26, n. 4, p. 594-603, dez, 2006.

SANABRIA, A. M., & RODRIGUES, A. F. U. (2010). **Factores psicosociales de riesgo asociados a conductas problemáticas en jóvenes infractores y no infractores**. *Diversitas: Perspectivas em Psicología*, 6(2), 257- 274.

SANTOS, E. A. **As adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa: um diálogo sobre as questões de gênero, escolarização, sociedade de consumo e ato infracional**. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, 2016.

SANTOS, A. O. P. F.; FREITAS, J. J. S. S. **O Estatuto da Criança e do Adolescente e os Direitos Fundamentais: desafios e perspectivas**. *Revista Brasileira de Direito de Família e Sucessões*, v. 19, n. 3, p. 11-22, 2017.

SANTOS, L. A.. **“E AGORA, COMO A GENTE FAZ PARA SE PEGAR?”: O AMOR ENTRE AS “ENTENDIDAS” NO COMPLEXO PENAL DR. JOÃO CHAVES**. *Revista Transgressões: Ciências Criminais em Debate*, v. 7, junho de 2019. Doutorando em Antropologia Social na Universidade de Brasília, mestre em Antropologia Social e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Acesso em: 07 de Junho de 2023.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. (2005). **Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente**. *Psicologia em Estudo*, 10(2),

209-216.

SEABRA, R. C. F. D. F.; OLIVEIRA, M. C. S. L. D. (2017). **Adolescentes em atendimento socioeducativo e escolarização: desafios apontados por orientadores educacionais**. Psicologia Escolar e Educacional, 21(3), 639-647.

SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA, FAMÍLIA E TRABALHO. **Resolução Nº 300 – 23 de outubro de 2020**, publicada no Diário Oficial Edição Digital Nº 10797. Regulamenta os procedimentos de solicitação para a realização de pesquisa nos Centros de Socioeducação e Casas de Semiliberdade da Secretaria de Estado da Justiça, Família e Trabalho. [S. I.], 2020. Disponível em: https://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-08/resolucao_de_pesquisa_n_300-2020_sejuf.pdf. Acesso em: 13 mar. 2022.

SILVA, I. A.; SILVA, N. V. A.; SILVA, S. C.. **Os impactos do abuso sexual infantil na vida adulta**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário UNA, Curso de Psicologia, Belo Horizonte, 2022/2. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/32395/1/OS%20IMPACTOS%20DO%20ABUSO%20SEXUAL%20INFANTIL%20NA%20VIDA%20ADULTA.pdf>. Acesso em: 16 de Julho de 2023.

SILVA, L. F. (2014). **Crime, ostentação e afetividade: um estudo psicossocial sobre o adolescente em conflito com a lei**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

SILVA, C. **Adolescentes e criminalidade: o estado da arte da produção do serviço social**. 2018. 61 p. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social, Escola de Serviço Social, Mariana-MG, 2018.

SILVA, M. L. **O adolescente em conflito com a lei a escola: trajetórias, rompimentos e significações**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018. Disponível em:

<http://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2011/2/Luc%c3%a9lia%20%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2022.

SCAPINI, M. A. B. Execução Penal: controle da legalidade. In: CARVALHO, Salo (Org.). **Críticas à Execução Penal: doutrina, jurisprudência e projetos legislativos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2002.

SCHILLING, F.; MIYASHIRO, S. G. **Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade**. Educação e Pesquisa, v. 34, n. 2, 2008.

STELLA, C. (2009a). **Aprisionamento materno e escolarização dos filhos**. Psicologia Escolar e Educacional, 13, p. 21-28, 2009^a.

STELLA, C. (2009b). **Filhos de mulheres presas: o papel materno na socialização dos indivíduos**. Estudos e Pesquisa em Psicologia, Rio de Janeiro, 9(2), p. 292-306, 2009b.

TACCA, M. C. V. R., & BRANCO, A. U. (2008). **Processos de significação na relação professor-aluno: uma perspectiva sociocultural construtivista**. Estudos de Psicologia, 13(1), 39-48.

TAYLOR, L. M. P. **As representações do psicólogo na socioeducação: o saber ingênuo de adolescentes em internação provisória e em cumprimento de medidas socioeducativas no DEGASE**. 2015. [95 f.]. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica-RJ].

TEIXEIRA, Evandro Camargos. **Violência Policial no Brasil: Fatores Socioeconômicos Associados à Probabilidade de Vitimização**. Revista Brasileira de Segurança Pública (RBSP), Vol. 15, n. 2, p. 56-73, 2021. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1421/637>. Acesso em: 29 de Junho de 2023.

TRINDADE, J. (2002). **Delinquência juvenil: compêndio transdisciplinar**. Porto Alegre: Livraria do Advogado.

UNICEF. **Crianças e adolescentes estão mais expostos à violência doméstica durante a pandemia**. SES-RJ, CEDCA-RJ e UNICEF orientam sobre prevenção, proteção e denúncia no Rio de Janeiro. [S. l.], 28 maio de 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-e-adolescentes-est-ao-mais-expostos-a-violencia-domestica-durante-pandemia>. Acesso em: 14 mar. 2022.

WESTPHAL, M. F.; BYDLOWSKI, C. R. **Violência e juventude**. [S.l: s.n.], 2010.

YOKOY, S. T. GUIMARÃES G. P. **Vulnerabilidades sociais e trajetórias institucionais das adolescentes em uma unidade de semiliberdade feminina**. Revista do CEAM, Brasília, v. 6, ed. 2, ago./dez. 2020. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/42955/1/ARTIGO_VulnerabilidadesSociaisTrajetoriasInstitucionais.pdf. Acesso em: 7 mar. 2022.

ZANELLA, M. N. (2010). **Adolescente em conflito com a lei e escola: uma relação possível?** Revista Brasileira de Adolescência e Conflitualidade, (3).

ZAPPE, J. G., & RAMOS, N. V. (2010). **Perfil de adolescentes privados de liberdade em Santa Maria/RS**. Psicologia & Sociedade, 22(2), 365-373.

ZHANG, D., WILLSON V., KATSIYANNIS, A., BARRETT. D., JU, S., & WU, J. (2010) **Truancy Offenders in The Juvenile Justice System: A Multicohort Study**. Behavioral Disorders, 35(3), 229-242.

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Gabriela Isabel Reyes Ormeño, professora de pós-graduação, Gustavo Manoel Schier Doria, coordenador do Ambulatório de Psiquiatria Infantil do Hospital de Clínicas, Éllen Camila Ferreira, aluna de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, Luiza das Mercês da Silva, Lais Thaina Nenemann Kreutzer alunas de graduação, estamos convidando você, a participar de um estudo intitulado CARACTERIZAÇÃO DE VULNERABILIDADES, RISCO E PROTEÇÃO, NA RELAÇÃO ENTRE PAIS EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE, CUIDADORES E FILHOS DE ENCARCERADOS.

A pesquisa é necessária para expor a importância da atenção para com a população carcerária, e com seus filhos, em uma tentativa de possibilitar um diálogo entre o sistema prisional e a sociedade em geral.

Busca-se caracterizar os estilos parentais e infracionais e a relação com a escola de jovens encarcerados(as).

a) O objetivo desta pesquisa é identificar o histórico infracional de seus familiares, identificar se há influência da comunidade escolar na trajetória e nas perspectivas educacionais dos participantes e apontar os estilos parentais utilizados pelos pais e/ou cuidadores;

b) Caso você participe da pesquisa, será solicitado que você responda a algumas perguntas, com o intuito de contribuir na construção desta pesquisa.

c) Para tanto você deverá comparecer em uma sala cedida pela direção da unidade prisional de Piraquara, para responder a três instrumentos de pesquisa a fim de avaliar o estilo parental que foi utilizado em sua criação, levantar informações sobre infrações cometidas por você e seus familiares, analisar recursos do seu ambiente familiar. Realizaremos também um grupo focal em quatro encontros, onde abordaremos temáticas relacionadas a sua identidade, família e escola. O tempo

aproximado para aplicação dos instrumentos é de 50 minutos, já para o grupo focal é de 60 a 90 minutos.

d) É possível que você experimente algum desconforto, podendo causar certo constrangimento.

e) Se isso acontecer, você terá a garantia de que problemas como ansiedade, tristeza e outros desconfortos emocionais serão devidamente atendidos com o maior cuidado possível imediatamente pela psicóloga responsável, que interromperá a entrevista e realizará uma escuta profissional com você.

f) Você não terá benefício direto como participante desta pesquisa.

g) Os benefícios esperados com essa pesquisa é a possibilidade de realização de futuros estudos sobre a população carcerária, em uma tentativa de desenvolver estratégias de integração entre sociedade e escola, redução de fatores de risco, além de subsidiar a efetividade e eficácia de programas já existentes voltados à esta comunidade, podendo assim dar maior visibilidade a estas pessoas em situação de cárcere, que muitas vezes encontram-se sem acesso à bens e serviços públicos, sendo negligenciados pela sociedade.

h) As pesquisadoras Gabriela Isabel Reyes Ormeño, Éllen Camila Ferreira, responsáveis por este estudo poderão ser localizadas no campus Rebouças da Universidade Federal do Paraná, na rua Rockefeller nº 11, localizada no Centro de Curitiba- PR, CEP 80.230.130, de segunda a sexta-feira das 09:00 às 17:00 horas, ou pelo telefone 3535-6255, ou pelos emails: gabyreyes2@gmail.com, ellen.camila.ferreira@gmail.com para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

i) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

j) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas. A professora Gabriela Isabel Reyes Ormeño. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.

k) O material obtido (instrumentos e grupo focal) será utilizado unicamente para essa pesquisa e será descartado ao término do estudo no período de cinco anos.

l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa (deslocamento, impressão de documentos) não são de sua responsabilidade. Se houver algum gasto seu para transporte relacionado a participação nesta pesquisa, você será ressarcido. Importante registrar que você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

m) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

n) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Eu, li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos, os benefícios e o atendimento pela psicóloga se necessário. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim. Fui informado que serei atendido sem

custos para mim se eu apresentar algum dos problemas relacionados no item D e E.
Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, _____, de _____ de _____.

Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal

Assinatura do pesquisador responsável Gabriela Isabel Reyes Ormeño

ANEXO 2 - TERMO DO USO DE IMAGEM E VOZ

TERMO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, portador da cédula de identidade nº _____, inscrito no CPF/MF sob o nº _____, por este instrumento, AUTORIZO a professora Gabriela Isabel Reyes Ormeño, professora de pós-graduação, Gustavo Manoel Schier Doria, coordenador do Ambulatório de Psiquiatria Infantil do Hospital de Clínicas, Éllen Camila Ferreira, aluna de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, Luiza das Mercês da Silva, Lais Thaina Nenemann Kreutzer alunas de graduação a utilizar, divulgar e dispor da minha imagem e/ou voz para fins educativos, informativos, institucionais e técnicos, em obras sem fins lucrativos e de caráter público.

Declaro estar ciente de que esta autorização não transfere aos citados acima qualquer ônus e responsabilidade civil ou criminal decorrente do conteúdo do material disponibilizado em sítio eletrônico da instituição, ou em outras mídias, na íntegra ou em partes.

Este termo é firmado em caráter irrevogável, irretratável e por prazo indeterminado, tendo sido outorgado livre, espontânea e gratuitamente, com base na Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98), não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for.

Por serem estas informações a expressão da verdade, na melhor forma do direito e de minha livre e espontânea vontade, subscrevo este termo.

Curitiba, _____ de _____ de _____.

PARTICIPANTE

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA

ANEXO 3 - CARTA PESSOAL DA PESQUISADORA

Quitiba, 12 de Janeiro de 2023.

Uma vez eu vi um documentário sobre povos indígenas, onde um indígena na tribuna que o ideal de hoje já havia sido perdido e por isso a maioria sempre, pelas pessoas que vivem contos dele. Bem, eu acho bonito mas não entendi. Então 12 de Janeiro de 2023, assistindo a parte das nossas histórias de ministérios dos povos indígenas (Sociedade Quajajá) e da história da qualidade social (Amélia Soares), eu comecei a entender o que esse povo queria dizer de fato.

Por isso, antes de falar quem eu sou, eu vou falar sobre quem eu fui. Foi sobre quem me fez ser o que eu sou hoje. Assim como boa história, famílias que se perdem, tudo começa quando meu bisavô chegou a minha avó com meu avô aos 14 anos. Minha avó era de Rondonia, sempre foi muito doente mas muito tua, baixinha, uma mulher muito corajosa, mãe de 6 filhos, perdendo uma bebê para a febre. Faltava que ela tivesse vivido mais e tivesse tido mais oportunidades de viver e não só de trabalhar.

Meu avô é um senhor forte, muito trabalhador, gentil, que abrange na qual que tipo de indústria, ele mesmo fala que não foi um bom marido e nem um bom pai, mas sempre fez o que deu mesmo separados e mais de 30 anos, meu avô sempre me fez a cuidar da minha avó, até a morte. Acho que foi aqui que construí um conceito de cuidado com o outro de duas pessoas que sempre se doaram muito.

Bem, disse dois versos 5 filhos, 3 homens, 2 mulheres. Uma delas é a minha mãe, ela tem 1,55m, mas fala tão alto que parece que mede 2m. Minha mãe engravidou aos 19 anos, e como muito deu que ela não sabe trabalhar muito, muito mesmo para que eu tivesse qualidade de vida, para que eu pudesse estudar um bom trabalho. Minha mãe me ensinou sobre política e sociedade, mas depois me ensinou muito sobre várias coisas que eu não quero ler mas que são o que importa mesmo é que ela conseguiu fazer ela "que eu deu de o antigo quando viveu, tem uma filha formada pela Universidade Federal do Paraná e que me ensinou.

Assim como meu pai que só tem a mãe, eu que cresci por vários países, meus tios sempre foram presentes, me incentivaram, com a escola quando podiam, porque a minha mãe sempre estava trabalhando, eles sempre foram uma grande rede de apoio e apoio.

Meu avô tem um tio que me marcou muito, no dia 13 anos de idade ele me deu um tio que me marcou muito, ele brincava muito, me ensinava muito, me ajudava com a língua, fazia doces de leite um poquinho, falava de jogo, de rap, amava a música e o amor de bife.

Minha mãe foi uma pessoa muito especial para mim, para a história
de vida dela? Talvez não, mas ela me deu a vida. Em certos momentos de minha
infância eu dei peso, até mesmo um pouco de insatisfação, já que eu
era acidentado, e sempre me esquecia aonde eu estava, mas mesmo
assim eu era uma boa pessoa para mim. Com 23 anos, no dia dos meus
23 anos eu passei por uma experiência, na época eu tinha 10 anos, e isso me afetou
profundamente, por isso.

Porém, porque você disse tudo? Porque você passou a muitos outros, me
construiu como eu sou hoje, meu pai, meu tio, minha mãe, meu
padrasto, meus irmãos, meus avós, a tia de condução, meus amigos,
meus amigos e amigos. Tudo isso passou, presente e não presente

construiu a vida que eu sou hoje.

Muita gente, 29 anos, libico, adorno, que é da infância, que me
construiu muito, que fala por correntes, chora muito, e que me deu a
vida. Ela é a 1ª de que eu sou a talvez minha infância de que
eu sou, mas tentando seguir, que desde a vida de livros e sonhos de
com um futuro talvez ideal, mas possível.

ANEXO 4 - CARTAS DAS PARTICIPANTES

Eu sou [redacted] ra tenho 20 anos de idade, sou mamãe de dois meninos lindos Hee! Willian.

Infelizmente não tenho lembranças a partir da minha infância. Perdi meu pai com 9 anos de idade, e com 8 anos fui batizada um pouco para ajudar minha mãe que havia feito ~~dois~~ três cirurgias nas pernas (trombose) nunca tive regras, muito menos cuidados e preocupações se tratando da minha família. Com 13 anos fui abusada pelo meu tio e depois disso conheci o mundo! Eu como adulta não gostaria na minha infância e o que aprendi dos meus 13 até aqui (20) não me orgulha pois então se eu vivesse na infância também não gostaria de ~~viver~~ viver da mesma forma que vivo hoje.

Atenciosamente

The end

FONTE: W.H., participante mulher, 2023

12/01/2023

Ei eu me chamo ~~maria~~ tenho 22 anos, quando eu tinha 10 anos de idade morava com meu pai e comecei a sofrer abuso. Com 15 anos o conselho tutelar me pegou, e comecei o crack, mori na rua durante 09 anos e fui escrava do crack também. hoje eu tenho 22 anos e vejo quanto tempo eu não perdi usando droga sabendo que tendo pressões se eu fosse dar um conselho a mim mesma não seria pela minha do passado, porque o passado ficou eu daria um conselho para a minha do futuro não persistir nos erros do passado, e tentar esquecer viver bem o presente porque nosso futuro depende dele.

Hoje no dia 12-01-23, eu falava para mim na minha infância para sempre valorizar a sua família, priorizar os estudos e jamais se envolver no mundo do crime, que nem sempre o dinheiro trará lucros, que os rezes as escolhas que nós tomamos nem sempre trarão consequências boas, aproveite sua adolescência com sabedoria. para poder ser uma adulta sem arrependimentos. Independente da situação respeitar seus pais, pois sempre falam as coisas para o seu bem.

FONTE: Y.H., participante mulher, 2023

li meu nome e ~~T.F.~~ tenho 22 anos hoje ^{em} 12/1/2023 mais eu viria pra 9 ^{criança}
pra ela escutar a m^ã d^a e também
todos os dias oque a m^ã d^a ensina
pra ela ser alguém no mundo e vai
seguir os caminhos da sua mãe por
m^ã se envolve com coisas erradas
dos diferente do m^ã m^ã que se dizia
mãe da não dava at^ompio que a
mãe não se preocupava demais
porém se ela tivesse seguido a criação
que o m^ã deu pra ela hoje em dia ela
não estaria presa. é isso o conselho que
deixo pra T~~F.~~ criança

FONTE: T.F., participante mulher, 2023

que eu falava para uma criança eu para mim criança
estudava mas daí tal a família quando eu era criança
me lembro pouco mas tive momentos bons com a minha
família que nunca passaria na minha cabeça que seria
que eu lixei se fosse pelos conselhos exemplos da família
seria uma ~~de~~ melhor, tenho uma pessoa que me
marcou muito em minha vida minha mãe se ela estivesse
presente hoje em minha vida não teria dado essa virada de
em minha vida lembro até hoje que quem fazia a melhor
saúde de taba mas deve ter que levar ela mas sou feliz
assim mesmo sendo o que sou já sofri mas sou guerreira
desde já

FONTE: D.E., participante mulher, 2023

de Deus, então não vai no futuro, estou vindo aqui trazer tudo
esta vida um pouco de que não tem nada aqui, para não estar
dependendo consequências que muito provavelmente estarão lá, principalmente
e te motivando, pois o não é e é uma coisa, e ele é feito de escolhas
e cada escolha tem suas consequências, de fazer escolhas boas
suas consequências boas, de fazer más suas consequências
más, o não é tipo uma planta e colhe, então quando comesor
virado para não comesor plantando o bem, tendo o mal, comendo
chofres pelo seu família, dando amor para os pessoas que
querem te ver bem e que ~~querem~~ quem de vez, prejudicando!
~~mas~~ após isso dedique seu não nos estudos, para que
quando estiver $\oplus$ melhor possa conquistar um bom trabalho
para aí já não se dedique em ser uma família $\oplus$ para
isso por isso não quero ficar longe de estas
pessoas, pessoas que fazem mal, pessoas que querem te
colocar para fazer ~~o~~ o mal, também não que
fique longe das drogas principalmente, pois esse pode
ser o principal motivo do seu não acabar tomando
um nome que vai chegar uma hora que não vai
ser como os outros, não vai estar enfocado nisso
procurando as consequências, pois o droga pode te levar
o dinheiro, faltar, tráfico etc... e isso pode estar te cobrando
no bolso, e como você não é bom, pois não sabe, sua
família sabe, todos que te amam sabem, então
de falando isso porque eu fiz as escolhas erradas, e se
não vai no futuro quero te falar isso para você não
ter uma oportunidade de dar orgulho para nossa família
e também nossos filhos!

Oh ~~pequeno~~, como você é bonito desde pequeno KKK
brincadeiro, queria te dizer, que você brinca, aproveita
essa fase que você tem o privilégio de desfrutar, aproveitar,
e curte bastante o seu pai e tent não guardar esse
ódio e rancor que você tem dele, ele não é perfeito
tem os seus erros, e mais do que nunca não deixa ele
vizinhos no quarto pensando ele precisa de você! Exatamente
mais a sua mãe e dá mais atenção para seus irmãos,
você não sabe a base e as pancadas que a vida vai
te dar, não sofrerás, não se entregues, não desiste e
principalmente não se iluda com esse mundo cheio de
tentações, tenha sua própria opinião, não vá pela cabeça dos
outros, não na droga do mundo, não vive o mundo das
drogas, hoje eu não sou exemplo nenhum a ser seguido
hoje estou te escrevendo do dentro de uma prisão, queria
ter tido um privilégio na sua idade, de receber uma
carta do futuro então exato bem, várias situações que
você terá que enfrentar, ~~que~~ talvez as soluções que eu
achei não foram as melhores, mais você pode fazer
diferente, perceba que hoje muita atitude minha que
me prejudicou foi devido a emoção se eu tivesse agido
com razão talvez não estaria aqui hoje, você é um
cara super coração, se for pra ser bom você será o
melhor, mais você também tem um lado ruim, e que se
for pra ser ruim você vai ser o pior, você é 10 ou 1000
não tem meio termo, só te peço que se cuide,

você se arrasta muito fácil, você se deixa levar
pela emoção muito ~~for~~ rápido, muitas das vezes
você escute mais o coração do que sua própria
cabeça, eu acredito que você tem um coração de ouro
e um espírito nobre, você foi bom demais com muita
gente que te esqueceu pelas costas, bom, quem não
pode errar, você, nunca fira seu caráter, seja homem
mantenha sua postura, não se deixe levar pelo momento
pense no amanhã, que talvez você não passe por
onde eu passei, se você me pergunte o que eu teria
feito de diferente pra mudar a minha vida? Eu nem
iria conseguir te responder porque a minha lista do "se"
é enorme, mais eu te diria com certeza, por mais que
te machuque e vá, escute a voz do seu coração,
~~porque eu me dor~~, tudo que você vai passar
faz eu me tornar o homem que sou hoje em
dia e eu acho que se não fosse pelas lições e
pelos erros que eu cometi ~~antes~~ eu nunca seria
o que eu sou um Resiliente Batatador!
R.B.

De ~~todo~~ tudo bem com você então pois você é muito
naís tem tudo pelo frente ainda então eu te dou um
conselho, termine o seu estudo pro você ser alguém
na vida você já tem muitas pessoas da sua família
que se desam mal não são do modo da cime vai
estudar vai fazer um curso pro ser alguém na
vida vai para a igreja seguir o palavras de Deus
que é a melhor coisa que você vai fazer então
~~eu~~ vou te falando isto por que eu sei que
você tem o potencial de ser alguém na vida
talvez um engenheiro ou um pesquisador láto
você quer pro seu filho tem que alardear a sua
mãe ir para o escola ensinar os mais velhos
por que você ~~é~~ não tá nem aí pro nada no
que saber de ir pro mo, falta não andar fazer
bagunça então ~~eu~~ eu e o conselho que eu te
dou eu e um conselho de amigo estudo termine
seu estudo e não de caminhos errados que você
tem tudo pelo frente então e eu a recado que eu
dico pro você ~~eu~~

ANEXO 6 - FOTOGRAFIAS

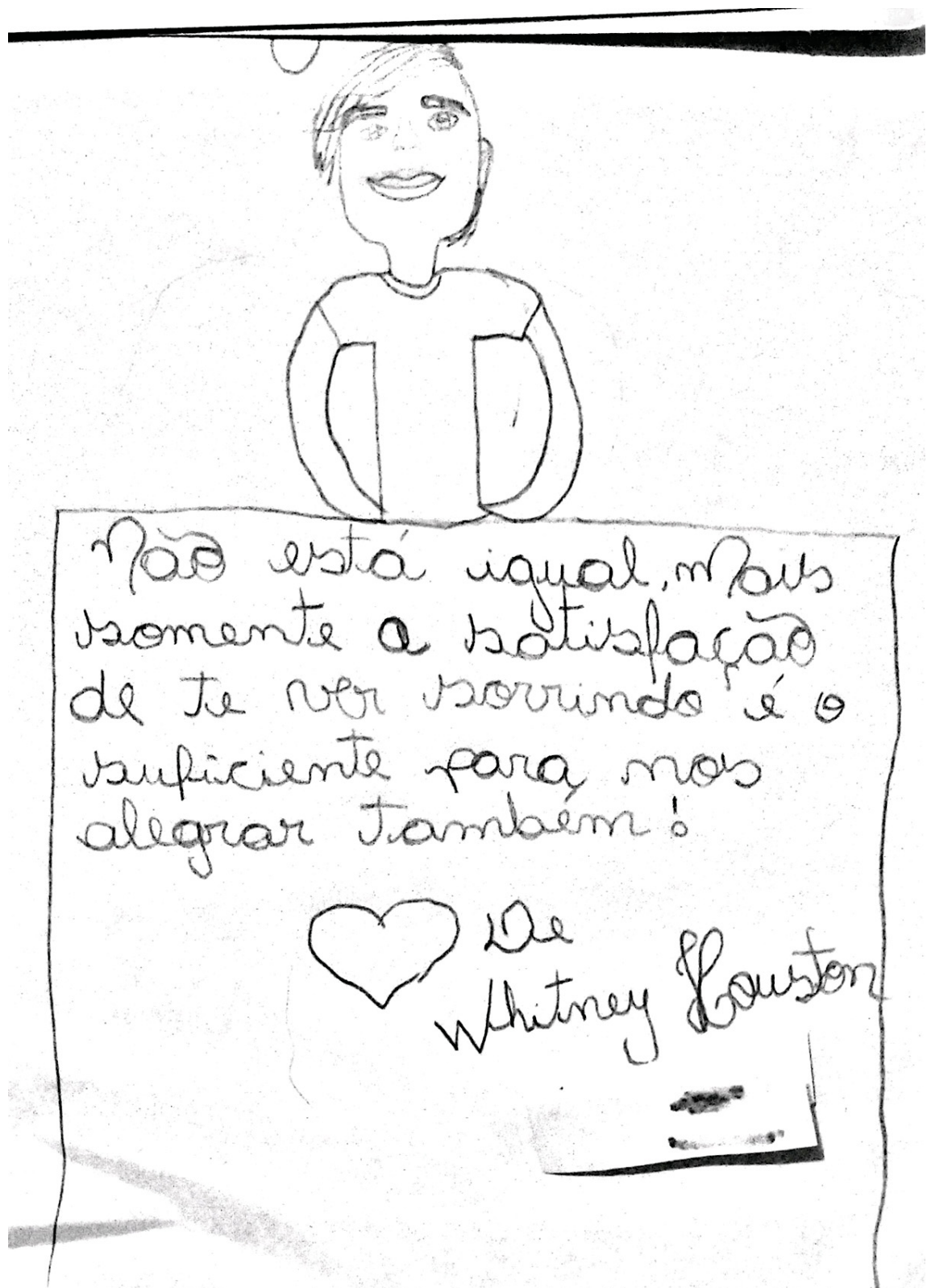


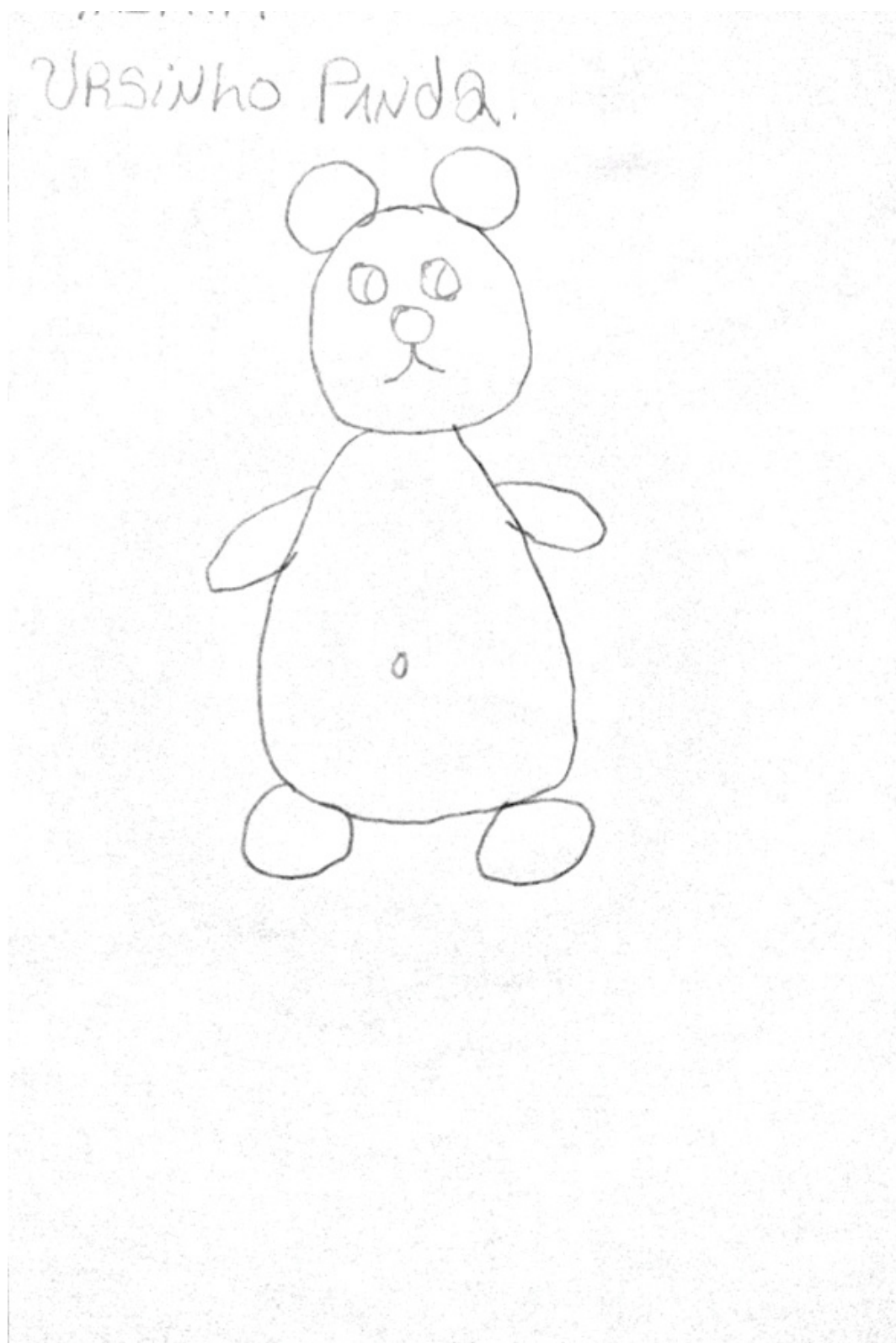
FONTE: Imagens retiradas do google e fornecidas pelo arquivo pessoal da equipe de pesquisa



FONTE: Imagens retiradas do google e fornecidas pelo arquivo pessoal da equipe de pesquisa

ANEXO 7 - RETRATOS PARTICIPANTES MULHERES

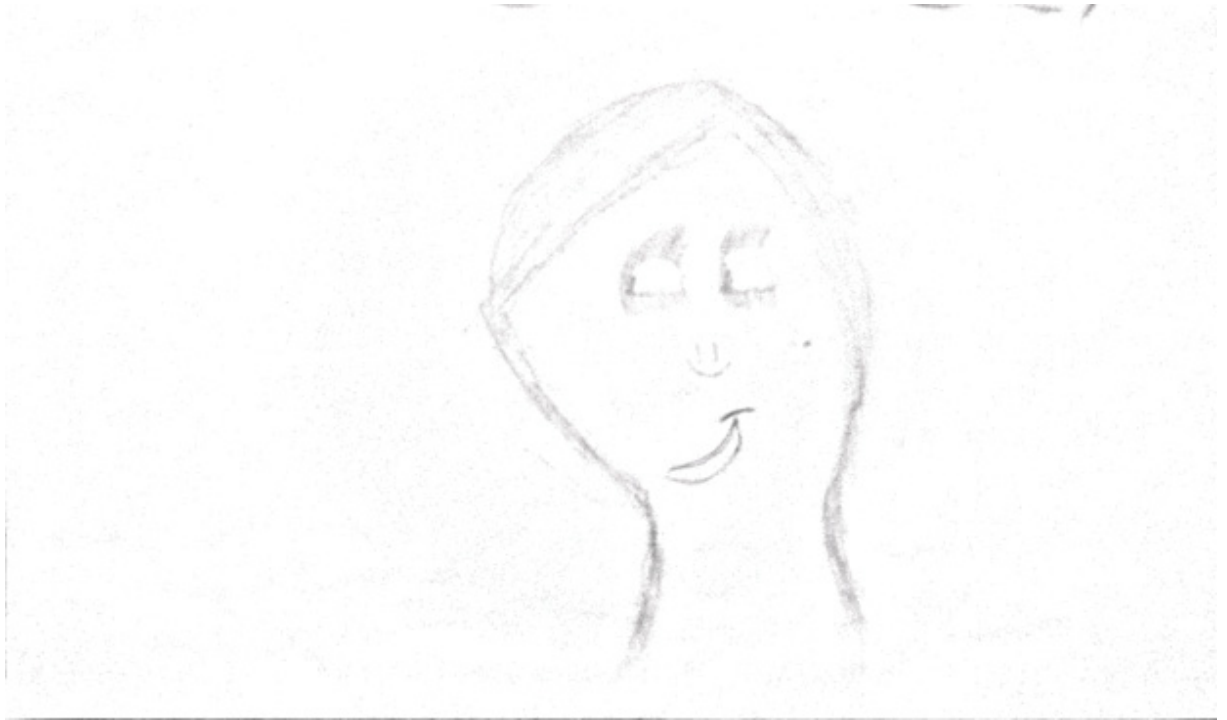




FONTE: Y.H, participante mulher, 2023



FONTE: M.F, participante mulher, 2023



FONTE: T.F, participante mulher, 2023

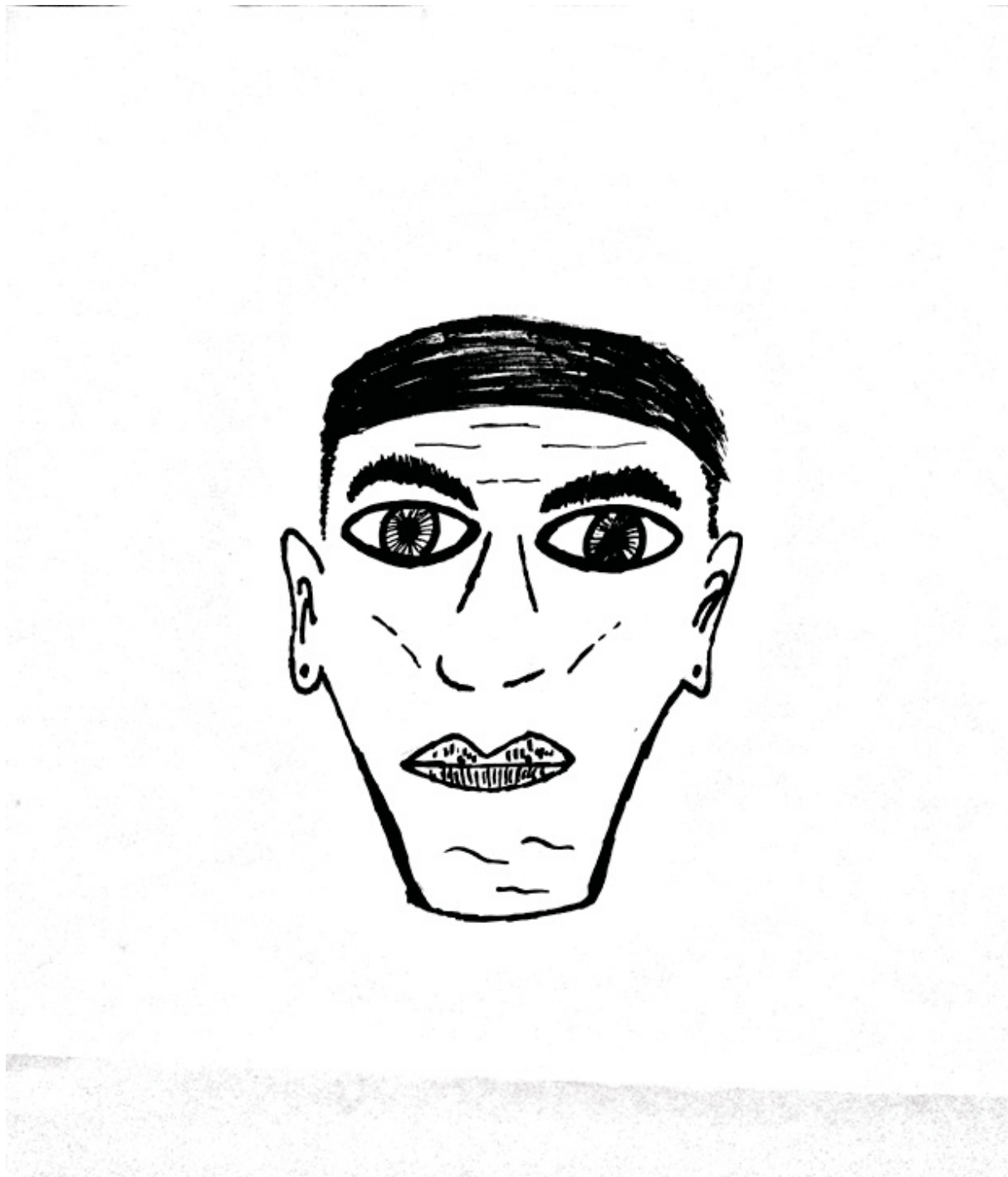
ANEXO 8 - RETRATOS PARTICIPANTES HOMENS



FONTE: L.K participante homem, 2023.



FONTE: R.S., participante homem, 2023.



FONTE: B.R., participante homem, 2023.



FONTE: Coringa., participante homem, 2023.

ANEXO 9 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

PERGUNTAS GERAIS:

1. Com quantos anos você foi detida(o) pela primeira vez?
2. Você estava na escola?
3. Até que série estudou?
4. Quantas escolas você já frequentou?
5. Como eram as escolas que você frequentava?
6. Você se sentia confortável para compartilhar com seus professores e funcionários da escola sobre situações que vivia em casa?
7. Cite pelo menos uma coisa que você considera ter sido boa nas escolas que já frequentou.
8. Cite pelo menos uma coisa que você considera ter sido ruim nas escolas que frequentou.
9. Como aluna(o) você teve alguma atitude que você mudaria? Se sim, o que?
10. E nas escolas que você já estudou, teria algo que você mudaria nelas? Se sim, o quê?
11. Você acredita que é importante estudar? Se sim, por quê?
12. Você conhece alguém que mudou de vida por que estudou? Quem?
13. Sua mãe estudou? Se sim, até que série? E seu pai?
14. Seu irmãos como era a relação de vocês? Eles iam para escola também?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS DESTINADAS APENAS AS PARTICIPANTES MULHERES

W.H.

1. Você compartilhou com a gente que foi vítima de abuso sexual por um familiar, você lembra a idade?
2. Você contou pra alguém fora a sua mãe? Quem e como reagiu?
3. Como foi a reação? da sua mãe?
4. Na rua você sofreu algum tipo de abuso?
5. Você já usou drogas? Quais?
6. Usou durante a gravidez?
7. Com quem estão seus filhos?
8. Se importaria de contar um pouco sobre a primeira vez que foi presa e sobre agora?

T.F.

1. O que aconteceu com a sua mãe biológica?
2. O que aconteceu com a sua avó?
3. Sua filha mais velha está com quem? Porque não está com sua companheira?

4. Sua companheira, fala um pouco dela pra gente.
5. Você falou que esteve em situação de prostituição, por quanto tempo?
6. Você relatou que já usou drogas, quais? Durante a gestação? Ainda usa?
7. Se importaria de contar um pouco sobre a primeira vez que foi presa e sobre agora?

Y.H.

1. Você comentou que brigava muito com a sua mãe e que seu pai vem te visitar, a sua mãe fala com você ainda?
2. Você sempre falou que sua família te deu todo apoio, quando você ficou desaparecida com 11 anos por 7 meses, eles te procuram?
3. Nesse tempo na rua, você sofreu algum tipo de abuso?
4. Você relatou que já usou drogas, quais?
5. Você é casada com outro detento, como que você mantém contato com ele?
6. Como pretende fazer visita pra ele caso ele continue preso?
7. Quais são seus planos para quando você sair da cadeia?
8. Se importaria de contar um pouco sobre a primeira vez que foi presa e sobre agora?

D.E.

1. O que aconteceu com seus pais biológicos?
2. A sua mãe, você falou que ela não vem te visitar mas ela manda sedex, como está a relação de vocês?
3. Com quem está seu filho?
4. O Eduardo já tem 7 anos, já entende mais, você conversa com ele sobre sua prisão?
5. Você relatou algumas vezes que toma remédio, quais?
6. Você relatou que já usou drogas, quais? Durante a gestação? Ainda usa?
7. Você foi presa novamente, em condicional, como pretende sustentar você e seu filho quando sair de novo?
8. Se importaria de contar um pouco sobre a primeira vez que foi presa e sobre agora?

M.F.

1. O que aconteceu com a sua mãe?
2. Sua avó que você comentou era materna ou paterna?
3. Porque você foi pra França? E como conseguiu voltar?
4. Você relatou que usou crack, quando começou a usar, quem te apresentou?
5. Em 2022 foi aberto um BO de desaparecimento, quem foi que te procurou?

ANEXO 10 - INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS (IEP)

Inventário de Estilos Parentais (IEP) Práticas parentais paternas

Paula Inez Cunha Gomide

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como **seu pai** o(a) educa.

Identificação

Nome: _____ Idade: _____
Escolaridade: _____ Sexo: () m () f

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a frequência com que seu **PAI** ou responsável age nas situações relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o possível comportamento de seu pai naquelas circunstâncias.

Utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

NUNCA: se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes.

ÀS VEZES: se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes.

SEMPRE: se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.

	Entre 10 episódios		
	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando saio conto a ele espontaneamente onde eu vou.			
2. Ele me ensina a devolver objetos ou dinheiro que não me pertencem.			
3. Quando faço algo errado, a punição de meu pai é mais severa dependendo de seu humor.			
4. O trabalho de meu pai atrapalha sua atenção para comigo.			
5. Ele ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.			
6. Ele critica qualquer coisa que eu faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despretados.			
7. Ele me bate com cinto ou outros objetos.			
8. Ele pergunta como foi meu dia na escola e me ouve atentamente.			
9. Se eu colar na prova, ele me explica que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a mim mesmo(a).			
10. Quando ele está alegre, não se importa com as coisas erradas que eu faça.			

Entre 10 episódios

	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
11. Sinto dificuldades em contar meus problemas para ele, pois vive ocupado.			
12. Quando ele me castiga, peço para sair do castigo, e, após um pouco de insistência, ele deixa.			
13. Quando saio, ele telefona me procurando muitas vezes.			
14. Tenho muito medo de espanhar dele.			
15. Quando estou triste ou aborrecido(a), ele se interessa em me ajudar a resolver o problema.			
16. Quando estrago alguma coisa de alguém, ele me ensina a contar o que fiz e pedir desculpas.			
17. Ele me castiga quando está nervoso; assim que passa a raiva, pede desculpas.			
18. Fico sozinho(a) em casa a maior parte do tempo.			
19. Durante uma briga, eu xingo ou grilo com ele e, então, ele me deixa em paz.			
20. Ele controla com quem falo ou saio.			
21. Fico machucado(a) quando ele me bate.			
22. Mesmo quando está ocupado ou viajando, telefona-me para saber como estou.			
23. Ele me aconselha a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.			
24. Quando ele está nervoso, acaba descontando em mim.			
25. Sinto que ele não me dá atenção.			
26. Quando ele me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e não obedeço, ele "deixa pra lá".			
27. Especialmente nas horas das refeições, ele fica dando as "broncas".			
28. Sinto ódio de meu pai quando ele me bate.			
29. Após uma festa, ele quer saber se me diverti.			
30. Ele conversa comigo sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.			
31. Ele é mal-humorado.			
32. Ele ignora o que eu gosto.			
33. Ele avisa que não vai me dar um presente caso não estude, mas, na hora "H", ele fica com pena e dá o presente.			
34. Se vou a uma festa, ele somente quer saber se bebi, se funkei ou se estava com aquele grupo de maus elementos.			
35. Ele é agressivo comigo.			
36. Ele estabelece regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explica suas razões sem brigar.			
37. Ele conversa sobre meu futuro trabalho mostrando os pontos positivos ou negativos da minha escolha.			
38. O mau humor dele impede que eu saia com os amigos.			
39. Ele ignora meus problemas.			
40. Quando fico muito nervoso(a) em uma discussão ou briga, percebo que isto amedronta meu pai.			
41. Quando estou aborrecido(a), ele fica insistindo para eu contar o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.			
42. Ele é violento.			

Este inventário é referente à obra *Inventário de Estilos Parentais*.

Inventário de Estilos Parentais (IEP)

Práticas parentais maternas

Paula Inez Cunha Gomide

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas a seguir, aquelas que mais refletem a forma como sua mãe o(a) educa.

Identificação

Nome: _____ Idade: _____
Escolaridade: _____ Sexo: () m () f

Responda a tabela a seguir fazendo um X no quadrinho que melhor indicar a frequência com que sua **MÃE** ou responsável age nas situações relacionadas; mesmo que a situação descrita nunca tenha ocorrido, responda considerando o possível comportamento de sua mãe naquelas circunstâncias.

Utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

NUNCA: se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 0 a 2 vezes.

ÀS VEZES: se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 3 a 7 vezes.

SEMPRE: se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma entre 8 a 10 vezes.

	Entre 10 episódios		
	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando saio conto a ela espontaneamente onde eu vou.			
2. Ela me ensina a devolver objetos ou dinheiro que não me pertencem.			
3. Quando faço algo errado, a punição de minha mãe é mais severa dependendo de seu humor.			
4. O trabalho de minha mãe atrapalha sua atenção para comigo.			
5. Ela ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.			
6. Ela critica qualquer coisa que eu faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
7. Ela me bate com cinta ou outros objetos.			
8. Ela pergunta como foi meu dia na escola e me ouve atentamente.			
9. Se eu colar na prova, ela me explica que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a mim mesmo(a).			

Entre 10 episódios

	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
10. Quando ela está alegre, não se importa com as coisas erradas que eu faça.			
11. Sinto dificuldades em contar meus problemas para ela, pois vive ocupada.			
12. Quando ela me castiga, peço para sair do castigo, e, após um pouco de insistência, ela deixa.			
13. Quando saio, ela telefona me procurando muitas vezes.			
14. Tenho muito medo de apanhar dela.			
15. Quando estou triste ou aborrecido(a), ela se interessa em me ajudar a resolver o problema.			
16. Quando estrago alguma coisa de alguém, ela me ensina a contar o que fiz e pedir desculpas.			
17. Ela me castiga quando está nervosa; assim que passa a raiva, pede desculpas.			
18. Fico sozinho(a) em casa a maior parte do tempo.			
19. Durante uma briga, eu xingo ou grito com ela e, então, ela me deixa em paz.			
20. Ela controla com quem falo ou saio.			
21. Fico machucado(a) quando ela me bate.			
22. Mesmo quando está ocupada ou viajando, telefona-me para saber como estou.			
23. Ela me aconselha a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos do uso de drogas.			
24. Quando ela está nervosa, acaba descontando em mim.			
25. Sinto que ela não me dá atenção.			
26. Quando ela me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e não obedeço, ela "deixa pra lá".			
27. Especialmente nas horas das refeições, ela fica dando as "broncas".			
28. Sinto ódio de minha mãe quando ela me bate.			
29. Após uma festa, ela quer saber se me diverti.			
30. Ela conversa comigo sobre o que é certo ou errado no comportamento dos personagens dos filmes e dos programas de TV.			
31. Ela é mal-humorada.			
32. Ela ignora o que eu gosto.			
33. Ela avisa que não vai me dar um presente caso não estude, mas, na hora "H", ela fica com pena e dá o presente.			
34. Se vou a uma festa, ela somente quer saber se bebi, se fumei ou se estava com aquele grupo de maus elementos.			
35. Ela é agressiva comigo.			
36. Ela estabelece regras (o que pode e o que não pode ser feito) e explica suas razões sem brigar.			
37. Ela conversa sobre meu futuro trabalho mostrando os pontos positivos ou negativos da minha escolha.			
38. O mau humor dela impede que eu saia com os amigos.			
39. Ela ignora meus problemas.			
40. Quando fico muito nervoso(a) em uma discussão ou briga, percebo que isto amedronta minha mãe.			
41. Quando estou aborrecido(a), ela fica insistindo para eu contar o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.			
42. Ela é violenta.			

Este inventário é referente à obra *Inventário de Estilos Parentais*.

ANEXO 11 - INVENTÁRIO DE HISTÓRICO INFRACIONAL FAMILIAR (IHIF)

Sexo F () M () Idade _____ Escolaridade _____

Este inventário é anônimo e tem por objetivo levantar informações sobre infrações cometidas por você e seus familiares. Não há respostas certas ou erradas. Asseguramos que suas informações não terão consequências negativas para você ou seus familiares. Responda o quadro abaixo assinalando com um X as infrações cometidas por você ou um membro de sua família. Caso não saiba se um familiar cometeu a infração citada, assinale NC (não tenho conhecimento). Obrigada por sua participação.

Sexo F () M () Idade _____ Escolaridade _____

Infração	Família nuclear				Família paterna		Família materna		Total
	Você	Pai	Mãe	Irmãos	Primos (as)	Tios (as)	Primos (as)	Tios (as)	
Furto									
Roubo									
Homicídio/Tentativa de homicídio									
Latrocínio									
Porte/Posse ilegal de arma									
Tráfico de drogas									
Drogas para consumo									
Dirigir sem habilitação									
Dirigir embriagado									
Receptação de objetos									
Violência doméstica									
Lesão corporal									
Crimes sexuais									
Sequestro									
Total									

Formulário autorizado

ANEXO 12 - INVENTÁRIO DE RECURSOS DO AMBIENTE FAMILIAR (IHIF)

Marturano, E. M. (2006). O Inventário de Recursos do Ambiente Familiar.

Anexo A

RAF - INVENTÁRIO DE RECURSOS DO AMBIENTE FAMILIAR

Aplica-se o roteiro sob forma de entrevista semi-estruturada, em que cada tópico é apresentado à mãe / informante oralmente, tendo o examinador liberdade para parafrasear o conteúdo da questão caso haja dificuldade de compreensão por parte da pessoa entrevistada. Em cada tópico, o entrevistador inicia fazendo a pergunta aberta que o introduz. Após registrar a resposta a essa pergunta, apresenta, uma a uma, as demais alternativas de resposta.

1. O QUE A CRIANÇA FAZ QUANDO NÃO ESTÁ NA ESCOLA?

- ☐ Assiste à TV
- ☐ Ouve rádio
- ☐ Joga vídeo-game
- ☐ Lê livros, revistas, gibis
- ☐ Brinca na rua
- ☐ Brinca dentro de casa
- ☐ Outro – especificar _____

2. QUAIS OS PASSEIOS QUE A CRIANÇA REALIZOU NOS

Kurumim

- ☐ Tem aulas de inglês ou outro idioma
- ☐ Faz computação
- ☐ Outro – especificar _____

ÚLTIMOS 12 MESES?

- | Passeio | Passeio |
|--|---|
| ☐ Bosque Municipal | ☐ Circo |
| ☐ Evento anual da cidade ...) | ☐ Shopping Center (feira, rodeio, ...) |
| ☐ Cinema ou teatro | ☐ Parque de diversões |
| ☐ Lanchonete | ☐ Clube |
| ☐ Praia da família | ☐ Visitas a parentes / amigos |
| ☐ Viagem de trem | ☐ Divertilândia |
| ☐ Sítio, chácara ou fazenda | ☐ Viagem para outra cidade |
| ☐ Centro da cidade | ☐ Exposição (de pintura, de ciências, etc) |
| ☐ Museu | |
| ☐ Aeroporto | |
| ☐ Outros - especificar: _____ | |

3. HÁ ATIVIDADES PROGRAMADAS QUE A CRIANÇA REALIZA REGULARMENTE?

- ☐ Faz catecismo, estudos bíblicos ou evangelização.
- ☐ Frequenta núcleo municipal do bairro
- ☐ Praticar esporte em clubes, academias, ginásios.
- ☐ Frequenta aulas para aprender atividade artesanal (por ex. emprego: tapeçaria, pintura...).
- ☐ Tem aulas de piano, violão ou outro instrumento musical.
- ☐ Frequenta algum programa de atividades para crianças, como o

4. QUAIS AS ATIVIDADES QUE OS PAIS DESENVOLVEM COM A CRIANÇA EM CASA?

- ☐ Brincar
- ☐ Jogar vídeo-game ou outros jogos
- ☐ Assistir a filmes
- ☐ Assistir a programas infantis na TV
- ☐ Contar histórias e casos
- ☐ Ler livros, revistas
- ☐ Conversar sobre como foi o dia na escola
- ☐ Conversar sobre notícias, filmes e outros programas de TV
- ☐ Ouvir as histórias da criança; conversar sobre os assuntos que ela traz
- ☐ Realizar juntos atividades domésticas, como: lavar o carro, fazer almoço ou outras
- ☐ Outras - especificar _____

5. QUAIS OS BRINQUEDOS QUE ELE (ELA) TEM OU JÁ TEVE? SEU FILHO TEM OU JÁ TEVE:

- ☐ uma cama só para ele
- ☐ brinquedos de andar (triciclo, bicicleta, patinete...)
- ☐ brinquedos para movimentos corpo (corda de pular, balanço...)
- ☐ instrumento musical de brinquedo ou de verdade (tambor, pianinho...)
- ☐ brinquedo que lida com números (dados, dominó...)
- ☐ brinquedos de letras (abecedários, quebra-cabeças com letras...)

- ☐ brinquedo de aprender cores, tamanhos, formas (quebra-cabeça, encaixes.)
- ☐ brinquedos para conhecer nomes de animais (livros, miniaturas ...)
- ☐ objetos como giz, lousa, cola, tinta, tesoura, lápis de cor e papel
- ☐ aparelho de som com discos
- ☐ um animal de estimação
- ☐ livrinhos de histórias infantis
- ☐ jogos de regras (dama, loto, senha, memória...)
- ☐ brinquedos de faz de conta (panelinhas, bonecas, martelo, serrote ...)
- ☐ brinquedos de construção (blocos, lego, pinos mágicos)
- ☐ brinquedos de rodas (carrinhos, trens, carrinho de boneca ...)
- ☐ videogame
- ☐ bola, pipa, bola de gude, carrinho rolemã
- ☐ outros, especifique _____

6. HÁ JORNAIS E REVISTAS NA SUA CASA?

- ☐ não
- ☐ sim - tipo:
- ☐ jornal
- ☐ revista - ☐ de notícias - ☐ de TV - ☐ feminina
- ☐ de fotonovela - ☐ de esporte - ☐ religiosa
- ☐ outra, especifique _____

Supervisiona o estudo para as provas ☐ ☐ ☐ ☐

Comparece às reuniões da escola ☐ ☐ ☐ ☐

Acompanha as notas e a frequência às aulas ☐ ☐ ☐ ☐

Pontuação de cada item: mãe e pai = 3; só a mãe = 2, só o pai = 2; outra pessoa = 1; mãe / pai e outra pessoa = 1; ninguém = 0.

Psicologia: Reflexão e Crítica, 19 (3), 498-506.

7. HÁ LIVROS NA SUA CASA?

- ☐ não
- ☐ sim - tipo:
- ☐ escolares
- ☐ romances, contos, literatura
- ☐ livrinhos infantis
- ☐ religiosos (bíblia, evangelhos, catecismo)
- ☐ técnicos, científicos
- ☐ enciclopédias
- ☐ dicionário
- ☐ outros, especifique _____

8. ALGUÉM EM CASA ACOMPANHA A CRIANÇA NOS AFAZERES DA ESCOLA?

Alguém em casa: _____ ☐ ninguém a mãe o pai outra pessoa *Verifica se o material escolar está em ordem* ☐ ☐ ☐ ☐

Avisa quando é hora de ir para a escola ☐ ☐ ☐ ☐

Supervisiona a lição de casa ☐ ☐ ☐ ☐

9. SEU FILHO TEM HORA CERTA PARA:

	sempre	às vezes	nunca
almoçar	☐	☐	☐
tomar banho	☐	☐	☐
brincar	☐	☐	☐
ir dormir	☐	☐	☐
levantar-se de manhã	☐	☐	☐
jantar	☐	☐	☐
fazer a lição de casa	☐	☐	☐
assistir à TV	☐	☐	☐

Pontuação: sempre = 2; às vezes = 1; nunca = 0.

10. SUA FAMÍLIA COSTUMA ESTAR REUNIDA:

	sempre	às vezes	nunca
no café da manhã	☐	☐	☐
no almoço	☐	☐	☐
no jantar	☐	☐	☐
à noite, para assistir à TV	☐	☐	☐
e nos fins de semana :			
em casa	☐	☐	☐
em passeios	☐	☐	☐

Pontuação: sempre = 2; às vezes = 1; nunca = 0.

